UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Douglas Lins de Medeiros Santos

PREPARAR E TECER:

Kit Educativo de preservação da cultura imaterial de São Fernando-RN.

PAU DOS FERROS-RN
2025

Douglas Lins de Medeiros Santos

PREPARA E TECER:

Kit Educativo de preservação da cultura imaterial de São Fernando-RN.

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes, Prof. Dr.

PAU DOS FERROS-RN

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S237p Santos, Douglas Lins de Medeiros.
PREPARAR E TECER: Kit Educativo de preservação da cultura imaterial de São Fernando-RN. / Douglas Lins de Medeiros Santos. - 2025.
255 f. : il.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2025.

1. Memória coletiva. 2. Identidade cultural. 3. Educação patrimonial. 4. Transmissão de saberes. I. Arraes, Damião Esdras Araujo , orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automáto em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Douglas Lins de Medeiros Santos

PREPARAR E TECER:

Kit Educativo de preservação da cultura imaterial de São Fernando-RN.

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 04/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Damião Esdras Araujo Arraes, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

_____

Renata Maria de Almeida Martins, Profa. Dra. (FAU USP)
Examinador Externo

_____

Monique Lessa Vieira, Profa. Dra. (UFERSA)
Examinador Interno

_____

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho à minha mãe, bordadeira, que nunca se deixou abater pelas fragilidades que a vida tentou lhe impor. Assim como tantos outros artesãos, resiste todos os dias para garantir seu sustento e manter viva uma prática que, acima de tudo, preserva a memória e constrói um legado que atravessa gerações.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por nunca me desamparar, mesmo nos momentos mais difíceis, quando as noites em claro me faziam questionar se eu estava no caminho certo. Obrigado por ser minha fortaleza e por me conceder saúde física e emocional para concluir esta jornada.

À Nossa Senhora do Patrocínio, padroeira de São Fernando, minha gratidão pelo amparo e proteção constantes.

Aos meus pais, Ana Karla e Melado, meu reconhecimento eterno. Obrigado por todo o esforço e dedicação ao longo da minha vida, por abrirem mão de tantas coisas e momentos em prol da minha formação. Essa conquista é, sem dúvida, de vocês também.

À minha irmã Débora e à minha sobrinha Ágatha, que, mesmo sem perceberem, foram fontes de tranquilidade nos momentos de turbulência.

Às minhas amigas da vida, Ágda, Aninha e Marta, que, mesmo distantes, estiveram sempre presentes com palavras, carinho e acolhimento. Obrigado por tornarem meus dias mais leves e por me oferecerem conforto.

Aos amigos que a faculdade me deu — em especial Dalila, Karen, Lara, Marina e Vitória —, agradeço imensamente pela amizade e parceria. Vocês foram a melhor parte dos meus dias e se tornaram minha segunda família ao longo desse processo.

Ao meu orientador, professor Esdras Arraes, agradeço por ter embarcado comigo nesta jornada, por todo o apoio, partilha de conhecimentos e orientação ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Sua dedicação foi essencial, e sua paixão pelo tema despertou também em mim o desejo de me aprofundar ainda mais.

À professora Anna Cristina, minha gratidão por ter me apresentado ao tema desta pesquisa e por ressaltar a importância de que arquitetos e urbanistas se debrucem sobre ele com seriedade.

E, por fim, a todos os professores que contribuíram para minha formação como Arquiteto e Urbanista, o meu muito obrigado.

ÉPIGRAFE

Cultura é igual feijão com arroz: é uma necessidade básica. Tem que estar na mesa, na cesta básica de todo mundo.

Gilberto Gil, 2003

RESUMO

A preservação dos bens culturais possibilita a continuidade e o reconhecimento da história e memória de um povo. Nesse contexto, o patrimônio imaterial representa uma significativa referência das vivências/experiências coletivas ao longo do tempo. Assim, sua preservação parece premente diante das idiossincrasias que o tempo presente impõe. Para que isso ocorra, é necessário adotar medidas protetivas, como a implementação de planos de salvaguarda e educação patrimonial. Sob essa ótica, observa-se que o município de São Fernando – RN tem enfrentado desafios na preservação do seu patrimônio imaterial. Diante disso, este trabalho propõe a criação de um material pedagógico voltado ao reconhecimento, valorização e salvaguarda da cultura imaterial. O principal objetivo da iniciativa é promover a educação patrimonial por meio de práticas que envolvam os saberes e fazeres tradicionais, como o artesanato, a culinária e as manifestações culturais. Com uma abordagem participativa e dialógica junto à comunidade, o kit educativo busca ser uma ferramenta acessível e lúdica, incentivando a transmissão intergeracional desses conhecimentos. Ao articular memória, identidade e senso de pertencimento, o projeto contribui para o fortalecimento das tradições e para a valorização do patrimônio cultural imaterial da região.

Palavras-chave: memória coletiva; identidade cultural; educação patrimonial; transmissão de saberes.

ABSTRACT

The preservation of cultural assets is essential to ensure the continuity and recognition of a people's history. In this context, intangible heritage stands as a significant reference point for collective experiences over time. However, considering it solely as a repository of memory does not guarantee its conservation. Protective measures, such as the implementation of safeguard plans, are necessary to ensure its preservation. From this perspective, the municipality of São Fernando has been facing challenges in protecting its intangible heritage. In light of this, the present study proposes the development of an educational resource aimed at the recognition, appreciation, and safeguarding of intangible culture. The main goal of the initiative is to promote heritage education through practices that engage with traditional knowledge and crafts, including local handicrafts, cuisine, and cultural expressions. With a participatory and dialogical approach involving the community, the educational kit seeks to be an accessible and playful tool that encourages the intergenerational transmission of this knowledge. By articulating memory, identity, and a sense of belonging, the project contributes to the strengthening of traditions and to the appreciation of the region’s intangible cultural heritage.

Keywords: collective memory; cultural identity; heritage education; knowledge transmission.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro com bens imateriais.....38
Figura 2 – Quadro com bens imateriais.....39
Figura 3 – Carnaval de Caicó/RN.....40
Figura 4 – Festa de Sant'Ana de Caicó/RN.....41
Figura 5 – Suarê no São Fernando Esporte Clube, 1998.....52
Figura 6 – Show Cultural, 2013.....53
Figura 7 – Show Cultural, 2013.....53
Figura 8 – Show Cultural, 2013.....53
Figura 9 – Show Cultural, 2013.....53
Figura 10 – Show Cultural, 2013.....54
Figura 11 – Show Cultural, 2017.....54
Figura 12 – Show Cultural, 2017.....54
Figura 13 – Show Cultural, 2017.....54
Figura 14 – Registro da Rosa de Maia de 1974.....55
Figura 15 – Rosa de Maio de 1974.....55
Figura 16 – Rosa de Maio 1979.....56
Figura 17 – Rosa de Maio de 1997.....56
Figura 18 - Rosa de Maio 2019.....56
Figura 19 – Rosa de Maio de 2022.....56
Figura 20 – Arraiá da Serra, 2004.....57
Figura 21 – Arraiá da Serra, 2009.....57
Figura 22 – Concurso Cruzeta -RN, 2009.....57
Figura 23 – Arraiá da Serra, 2013.....58
Figura 24 – Arraiá da Serra, 2013.....58
Figura 25 – Arraiá da Serra, 2017.....58
Figura 26 – Arraiá da Serra, 2017.....58
Figura 27 – Percurso procissão.....59
Figura 28 – Nossa Senhora das Dores, 2024.....60
Figura 29 – Procissão de Abertura, 2024.....60
Figura 30 – Igreja Nossa Senhora das Dores, 2024.....60
Figura 31 – Igreja Nossa Senhora das Dores, 2024.....60

Figura 32 – Festa das Debutantes, 2024.....61
Figura 33 – Festa das Debutantes, 2016.....61
Figura 34 – Festa das Debutantes, 2016.....62
Figura 35 – Festa das Debutantes, 2017.....62
Figura 36 – Faixas dos anos de, 88, 94, 97.....63
Figura 37 – Jurados, 2005.....63
Figura 38 – Altar,2024.....64
Figura 39 – Peregrinação, 2024.....64
Figura 40 – Procissão, 2024.....64
Figura 41 – Missa, 2024.....64
Figura 42 – Localização praça José Josias Fernandes.....65
Figura 43 – Praça José Josias Fernandes.....66
Figura 44 – Praça José Josias Fernandes.....66
Figura 45 – Localização São Fernando Esporte Clube (SFEC).....67
Figura 46 – Fachada.....68
Figura 47 – Parte superior.....68
Figura 48 – Parte superior.....68
Figura 49 – Salão.....68
Figura 50 – SFEC.....69
Figura 51 – Bar.....69
Figura 52 – Palco.....69
Figura 53 – Localização Igreja Nossa Senhora das Dores.....70
Figura 54 – Fachada Igreja.....71
Figura 55 – Lateral Igreja.....71
Figura 56 – Igreja com intervenção artística.....71
Figura 57 – Localização Igreja Nossa Senhora do Patrocínio.....72
Figura 58 – Fachada Matriz.....72
Figura 59 – Lateral Matriz.....72
Figura 60 – Gráfico de idade.....73
Figura 61 – Gráfico de Gênero.....74
Figura 62 – Gráfico sobre Patrimônio Imaterial.....74
Figura 63 – Gráfico “Para você, o que significa?”.....75
Figura 64 – Gráfico “quais você conhece ou já participou?”.....76

Figura 65 – Gráfico “na sua opinião, essas expressões são valorizadas?”.....76
Figura 66 – Gráfico “você considera importante preservar essas tradições?”.....77
Figura 67 – Gráfico “na sua casa ou família, alguém ainda pratica?”.....77
Figura 68 – Gráfico “os jovens tem interesse nas tradições?”.....78
Figura 69 – Gráfico “como a cultura imaterial pode ser mais valorizada?”.....79
Figura 70 – Gráfico “você conhece alguma dessas práticas?”.....79
Figura 71 – Une dame brésilienne dans son interieur……..……..82
Figura 72 – Quantidades de queijeiras na Região do Seridó.....84
Figura 73 – Gráfico de Idade.....85
Figura 74 – Gráfico de Gênero.....85
Figura 75 – Gráfico “Há quanto tempo você trabalha?”.....86
Figura 76 – Gráfico “Como você aprendeu?”.....86
Figura 77 – Gráfico “Você considera o modo de fazer uma tradição local?”.....87
Figura 78 – Gráfico “Quais etapas mais importantes ou difíceis?”.....88
Figura 79 – Gráfico “Quais etapas mais importantes ou difíceis?”.....88
Figura 80 – Gráfico “O modo de fazer mudou?”.....88
Figura 81 – Gráfico “Você sabia que esses saberes podem ser valorizados?”.....89
Figura 82 – Gráfico “Você gostaria que seu trabalho fosse mais reconhecido?”.....89
Figura 83 – Gráfico “Há alguém mais jovem aprendendo ou ajudando?”.....90
Figura 84 – Gráfico “O que você acha que poderia ser feito para as próximas gerações se interessarem?”.....90
Figura 85 – Gráfico “Houve mudanças nas exigências de fiscalização?”.....91
Figura 86 – Gráfico “As exigências dificultaram ou facilitaram?”.....91
Figura 87 – Gráfico “Você acredita que o produto de São Fernando é diferente?”.....92
Figura 88 – Local onde é produzido/Manteiga em processo final.....93
Figura 89 – Manteiga em tambor/Manteiga em garrafa.....93
Figura 90 – Fase inicial produção do Queijo.....94
Figura 91 – Queijo sendo enformado/enformado.....95
Figura 92 – Locais de Produção de Queijo e Manteiga.....97
Figura 93 – Gráfico de idade.....98
Figura 94 – Gráfico de gênero.....98
Figura 95 – Gráfico “Há quanto tempo você trabalha com bordado?”.....99
Figura 96 – Gráfico “Quem te ensinou a bordar?”.....99

Figura 97 – Gráfico “Quais técnicas você utiliza?”.....100
Figura 98 – Gráfico “O jeito de bordar modificou?”.....100
Figura 99 – Gráfico “Usa os mesmos materiais?”.....101
Figura 100 – Gráfico “O bordado do Seridó é diferente?”.....101
Figura 101 – Gráfico “Você ensinou ou gostaria de ensinar?”.....102
Figura 102 – Gráfico “Você considera o bordado parte da cultura de São Fernando?”.....102
Figura 103 – Gráfico “O que poderia ser feito para valorizar mais?”.....103
Figura 104 – Toalha para bordar/Desenho de preferência.....104
Figura 105 – Toalha sendo riscada/Máquina de costura.....104
Figura 106 – Produto final.....105
Figura 107 – Localização residências bordadeiras.....106
Figura 108 – Kit Educativo africano e afro-brasileiro/ Capa da Cartilha “De onde eu vim?”.....107
Figura 109 – Inventário da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio.....109
Figura 110 – Inventário da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio.....109
Figura 111 – Inventário Bordados Artesanais.....109
Figura 112 – Inventário Bordados Artesanais.....110
Figura 113 – Inventário Bordados Artesanais.....110
Figura 114 – Inventário Arraiá da Serra.....110
Figura 115 – Inventário Arraiá da Serra.....111
Figura 116 – Inventário Manteiga da Terra.....111
Figura 117 – Inventário Manteiga da Terra.....112
Figura 118 – Inventário Queijo de Manteiga.....112
Figura 119 – Inventário Queijo de Manteiga.....113
Figura 120 – Ecobag bordada.....115
Figura 121 – Pano de mesa.....116
Figura 122 – Manteiga da Terra.....116
Figura 123 – Queijo de Manteiga.....117
Figura 124 – Embalagem jogo da memória.....118
Figura 125 – Cartas.....118
Figura 126 – Cartas.....119
Figura 127 – Cartas.....119
Figura 128 – Cartas.....120

Figura 129 – Jogo virtual na plataforma/QRcode.....120
Figura 130 – Fichas Bordado Artesanais e Arraiá da Serra.....121
Figura 131 – Fichas Manteiga da Terra e Rosa de Maio.....122
Figura 132 – Fichas Show Cultural e Festa de Nossa Sra. das Dores.....122
Figura 133 – Fichas Suarê e Festa das Debutantes.....123
Figura 134 – Fichas A mais bela voz e Festa de Nossa Sra. Do Patrocínio.....123
Figura 135 – Fichas Queijo de Manteiga.....124
Figura 136 – Kit Educativo exposto.....124
Figura 137 – Momento 01: Apresentação.....125
Figura 138 – Momento 02: Fichas expressões culturais.....126
Figura 139 – Momento 02: Fichas saberes.....127
Figura 140 – Momento 02: Fichas saberes.....127
Figura 141 – Momento 03: Jogo da memória.....128
Figura 142 – Momento 04: Caça palavras.....129
Figura 143 – Momento 04: Caça palavras.....129
Figura 144 – Momento final.....130
Figura 145 – Cartilha Preparar e Tecer.....131
Figura 146 – Apresentação do autor e personagem.....131
Figura 147 – Assunto que será abordado.....132
Figura 148 – Suarê e Show Cultural.....132
Figura 149 – Rosa de Maio e Festa de N. Sra. Das Dores.....132
Figura 150 – Festa das Debutantes e A mais bela voz.....133
Figura 151 – Festa das Debutantes e A mais bela voz.....133
Figura 152 – Bordados Artesanais.....133
Figura 153 – Manteiga da Terra.....134
Figura 154 – Queijo de Manteiga.....134
Figura 155 – Ações Educativas.....134
Figura 156 – Ações Educativas.....135
Figura 157 – Ações Educativas.....135

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa de Localização de São Fernando/RN.....23
Mapa 2 – Delimitação São Fernando/RN.....96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FJA	Fundação José Augusto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
RN	Rio Grande do Norte
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE SÍMBOLOS

@	Arroba
©	Copyright
®	Marca registrada
%	Porcentagem
$	Cifrão

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO ……...……..... 21**	
2	**PERCURSO METODOLÓGICO……...……...….. 26**	
2.1	Definição do método.....	26
2.2	Fontes teóricas e empíricas.....	26
2.3	Elaboração de questionários e entrevistas.....	27
2.4	Inventário Participativos.....	28
2.5	Estudos de caso.....	28
2.6	Elaboração do plano de educação patrimonial.....	29
3	**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: CONCEITOS E MECANISMOS DE PRESERVAÇÃO..... 30**	
3.1	Memória e Tradição.....	30
3.2	O que é patrimônio cultural imaterial.....	32
3.3	Mecanismos de preservação no Brasil.....	41
3.4	O significado da preservação de tradições imateriais ancestrais.....	43
3.5	A importância da educação patrimonial.....	45
4	**O PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SÃO FERNANDO..... 48**	
4.1	São Fernando: territórios e sociedades.....	48
4.2	Identificando a cultura imaterial de São Fernando	51
4.2.1	Suarê.....	51
4.2.2	Show Cultural.....	53
4.2.3	Rosa de Maio.....	54
4.2.4	Arraiá da Serra.....	56
4.2.5	Festa de Nossa Senhora das Dores.....	58
4.2.6	Festa das Debutantes.....	61
4.2.7	A mais bela voz.....	62
4.2.8	Festa de Nossa Senhora do Patrocínio.....	63
4.3	Dos locais onde ocorrem as expressões culturais.....	65
4.3.1	Praça Pública José Josias Fernandes.....	65
4.3.2	São Fernando Esporte Clube.....	67
4.3.3	Igreja Nossa Senhora das Dores.....	70
4.3.4	Igreja Matriz (Nossa Senhora do Patrocínio).....	72

4.4	Diagnóstico sobre a memória da cultura imaterial de São Fernando.....	73
5	**MESA SERIDÓ: QUEIJO, MANTEIGA E BORDADOS ARTESANAIS DE SÃO FERNANDO.....**	**80**
5.1	Seridó e a produção do queijo de manteiga e manteiga da terra	80
5.2	Bordado artesanal na região do Seridó.....	81
5.3	Queijo de Manteiga e Manteiga da Terra em São Fernando.....	83
5.4	Processo de fabricação do Queijo de Manteiga e Manteiga da Terra.....	92
5.4.1	Manteiga da Terra.....	92
5.4.2	Queijo de Manteiga.....	93
5.5	Dos locais onde são produzidos.....	95
5.6	Bordados Artesanais em São Fernando	97
5.7	Processo de elaboração dos bordados artesanais.....	103
5.8	Dos locais onde são produzidos.....	105
6	**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: KIT EDUCATIVO.....**	**107**
6.1	Estudos de caso.....	107
6.2	Inventários Participativos.....	108
6.3	Bordando Kit Educativo.....	113
6.3.1	Política de empréstimo do Kit Educativo.....	114
6.3.2	Ecobag.....	114
6.3.4	Pano de mesa bordado.....	115
6.3.5	Manteiga da Terra.....	116
6.3.6	Queijo de Manteiga.....	117
6.3.7	Jogo da Memória.....	117
6.3.8	Fichas.....	121
6.4	Ação de Educação Patrimonial.....	124
6.4.1	Momento 01: Apresentação.....	125
6.4.2	Momento 02: Fichas expressões culturais.....	125
6.4.3	Momento 03: Fichas saberes.....	126
6.4.4	Momento 04: Jogo da Memória.....	127
6.4.5	Momento 05: Caça palavras.....	128
6.4.6	Considerações sobre a atividade de educação patrimonial.....	129
6.5	Cartilha.....	130
7	**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**	**136**

REFERÊNCIAS..... 137
APÊNDICE

1 INTRODUÇÃO

A cultura imaterial, compreendida como um conjunto de práticas, expressões, saberes e tradições transmitido de geração em geração, é uma dimensão da essencial da preservação da memória de um lugar. Segundo Funari e Pelegrini (2006, p. 46), o patrimônio imaterial é um dos pilares que sustenta a riqueza cultural de um povo, englobando expressões artísticas e sagradas como danças, músicas, rituais, línguas e técnicas tradicionais. Esses elementos não apenas revelam a diversidade cultural, mas também são fundamentais para o fortalecimento dos vínculos sociais e para a construção da memória coletiva (IPHAN, s.d). O significado do patrimônio imaterial é indispensável para assegurar a continuidade e a vitalidade das tradições culturais diante dos desafios da modernidade (Funari; Pelegrini, 2006, p. 103).

No Brasil, há diferentes instituições voltadas a perpetuar as expressões imateriais da cultura. Nos estados, fundações e institutos[1] elaboram planos de salvaguarda do patrimônio da unidade federativa; por seu turno, algumas prefeituras, na escala do município, tendem a elaborar projetos culturais e políticas públicas de divulgação da cultura imaterial local. No entanto, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)[2] é o órgão federal centrado em estabelecer as normas de preservação e promoção do patrimônio imaterial. Mediante inventários, registros, políticas públicas, pesquisas e programas de salvaguarda, o IPHAN trabalha ativamente para perpetuar práticas culturais e saberes que dão sentido à vida em sociedade e que estão enraizados na diversidade cultural brasileira. Desde a identificação de mestres e guardiões do patrimônio até a criação de políticas públicas, que garantam a transmissão desses conhecimentos para as futuras gerações, o IPHAN, as fundações e os institutos contribuem significativamente para preservar nossas heranças culturais.

O antropólogo José Reginaldo Gonçalves, em seu livro *A Retórica da Perda* (1996), destaca a relevância do período em que Aloísio Magalhães foi diretor do SPHAN-Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM) (1979-1982), refletindo sobre os esforços realizados por Magalhães para evitar o apagamento/perda de tradições e saberes. O autor argumenta que

[1] Para mencionar algumas: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE); Fundação José Augusto (FJA-RN); Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP); Fundação da Cultura do Piauí; Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA).

[2] Criado por meio do decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, o IPHAN recebeu diferentes nomenclaturas no curso de sua biografia institucional: primeiro SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Em 1946, passou a se chamar DPHAN (Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Nos anos 1970, o DPHAN torna-se o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Na direção de Aloísio Magalhães, o IPHAN é dividido em SPHAN (Secretaria), como órgão normativo, e na Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM), instituição que executava as políticas da secretaria. Cf. Andrade, 2023, p. 107.

Magalhães liderou iniciativas voltadas à salvaguarda da memória coletiva, enfatizando que "a memória, enquanto construção social, necessita de constante cuidado e ação para que não seja perdida" (Gonçalves, 1996, p. 22). Essa reflexão sublinha o agenciamento de políticas e práticas culturais na preservação do passado como uma dimensão viva e transformadora para a posteridade.

As políticas de preservação de Magalhães são significativas, pois alcançam um rico acervo de expressões sensíveis do povo pouco consideradas na "fase heroica" (Fonseca, 2017) do SPHAN[3], quando Rodrigo Melo Franco de Andrade estava à frente da instituição e os processos de tombamento circunscreviam especialmente a arquitetura colonial brasileira. Esse aspecto repercutiu, em alguma medida, de forma negativa em lugares com nenhum exemplar tectônico colonial, como ocorre em cidades que surgiram no início do século passado. A preservação desse patrimônio não se limita à questão estética ou turística, mas envolve a divulgação da memória, a promoção do desenvolvimento sustentável e a garantia de um futuro mais justo e equitativo.

Nesse sentido, a preservação do patrimônio cultural em pequenas cidades, como São Fernando e outras localidades dos sertões da atual região Nordeste, é uma das questões que pauta o presente trabalho.

Se por um lado o IPHAN lançou as bases normativas para a ampliação da cultura de preservação na escala federal, a municipalidade, como principal gestora do território, deveria se preocupar em perpetuar a memória local. Contudo, a ausência de instrumentos legais precisos e de políticas públicas efetivas para a proteção do patrimônio nas pequenas cidades tem resultado na perda de um acervo histórico e cultural de valor inestimável. Essa situação é particularmente preocupante em diferentes estados do Brasil, onde a memória está entrelaçada com os patrimônios material e imaterial.

Diante da urgência de se preservar elementos intangíveis da cultura e a possível perda de tradições e saberes, a educação patrimonial, conforme abordada na Carta de Nova Olinda, busca promover a conscientização e o engajamento das comunidades na preservação de seu patrimônio cultural, especialmente o imaterial (IPHAN, 2009). Essa forma de educação busca, por meio de ações pedagógicas ativas, democráticas e participativas, permitir que as pessoas reconheçam o significado das expressões culturais em seu contexto social e histórico, entendendo-as como elementos vitais para a formação da coletividade (IPHAN, 2009).

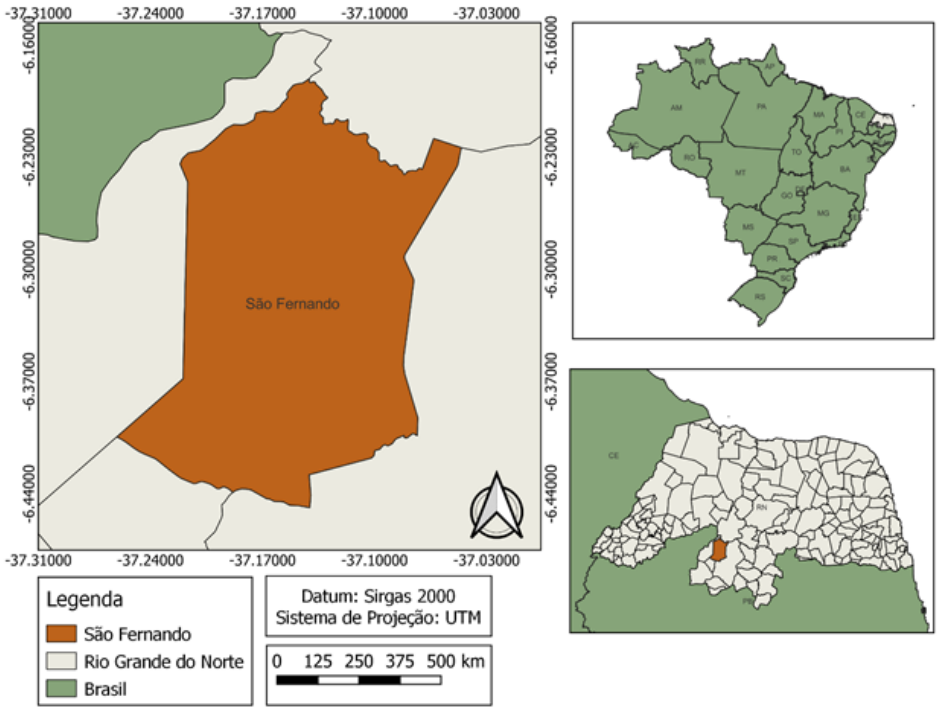
[3] Vale ressaltar que, antes da criação oficial do SPHAN, Mário de Andrade (2023, p.108) comunicava a Rodrigo Melo Franco de Andrade seu interesse nos estudos da "etnografia popular", isto é, "os costumes e usanças e tradições folclóricas pertencendo à própria vida imediata, ativa e intrínseca do Brasil".

Esse esforço educativo se baseia no princípio de que a cultura imaterial não é apenas um legado do passado, mas um instrumento formativo de ações de construção do presente e do futuro, conectando os indivíduos à sua herança cultural de maneira dinâmica e contínua. Assim, a educação patrimonial se configura como um processo de valorização e reconhecimento da diversidade cultural brasileira, tendo como base a atuação do IPHAN e demais órgãos de preservação, estaduais e municipais, na sua missão de preservar e disseminar o "intangível" como forma de consolidar o teor heterogêneo da memória nacional.

O lugar de estudo do presente trabalho de conclusão de curso é a cidade de São Fernando, localizada no sertão do Seridó Potiguar (Mapa 1), do Rio Grande do Norte, e situada a 302 km de distância de Natal, capital do estado. O município, com área de 404,427 km², conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), caracteriza-se por território que abrange variedade de paisagens e ecossistemas da região semiárida nordestina, com uma geografia que contribui para a realização de diferentes práticas culturais.

Com uma população estimada de 3.492 habitantes (IBGE, 2022), São Fernando apresenta densidade demográfica de 8,63 hab./km^2, o que indica urbanização dispersa e ritmo de vida menos acelerado, se comparado com outras municipalidades do Seridó ou de regiões contíguas. A população de São Fernando é majoritariamente rural. Suas principais atividades econômicas incluem a agricultura, pecuária e o comércio, que firmam a dinâmica socioeconômica do município.

Mapa 01 - Mapa de localização do Município de São Fernando/RN



Fonte: Autoria própria, adaptado de IBGE (2022)

A cidade ainda se sobressai por sua riqueza em culturas imateriais, contemplando diversas tradições que fazem parte da sua memória e tradição. Entre essas práticas culturais, podemos citar a Gincana Cultural, o Show Cultural, a celebração da Rosa de Maio, a Festa das Debutantes, o "Suarê", a Festa da Padroeira, o concurso A Mais Bela Voz, a Quadrilha Junina Arraiá da Serra, entre outros eventos.

Esses eventos não apenas celebram a história e a cultura, mas também fortalecem o senso de comunidade e a memória coletiva. Contudo, sob uma perspectiva histórica, o foco recairá sobre a análise aprofundada de práticas específicas, como o saber-fazer na produção de queijo, a fabricação da manteiga da terra e a confecção de bordados artesanais.

Diante desse quadro, torna-se premente propagar as culturas imateriais de São Fernando, uma vez que são essenciais para garantir que tradições se mantenham ativas no tempo presente e na posteridade. Tais práticas possibilitam o fortalecimento da tradição, podendo, inclusive, incentivar políticas públicas de turismo, contribuindo para a transmissão e valorização da história e das riquezas culturais do município. Além disso, essas tradições confluem diretamente na formação da cultura. Assim, o problema circunscrito neste trabalho reside na ausência de registros materiais dessas tradições, que criaram e continuam a criar a cultura de diferentes épocas.

Sendo assim, a educação patrimonial torna-se uma estratégia basilar para sensibilizar a comunidade sobre a importância de suas heranças culturais. Ao fomentar o conhecimento, o reconhecimento e a valorização do patrimônio imaterial, essa abordagem promove o engajamento social na salvaguarda de práticas culturais, fortalecendo o senso de pertencimento com o território.

Essa necessidade se manifesta de forma ainda mais intensa para o autor, natural e residente de São Fernando, cidade onde cresceu e desenvolveu um vínculo profundo com a cultura local. Esse vínculo é também afetivo e familiar, uma vez que sua mãe é bordadeira e tem no bordado sua principal fonte de sustento. Essa prática, assim como outras expressões culturais da região, representa muito mais que uma atividade artesanal, é um alicerce que mantém vivas tradições e garante a subsistência de muitas famílias. Como destaca Pierre Nora em *Entre Memória e História* (1984), preservar o patrimônio não significa apenas conservar o passado, mas também construir sentidos e significados no presente.

De maneira geral, tem-se como objetivo principal **elaborar** um kit educativo patrimonial e estratégias de ações participativas comunitárias como instrumentos orientados a auxiliar a semeadura da cultura imaterial e memória de São Fernando. A proposta, então, volta-se a fortalecer o sentido de pertencimento e promover a transmissão desse legado à posteridade.

Esse objetivo se desdobra em outros: (i) **compreender** o conceito de memória, tradição e patrimônio cultural imaterial, bem como os mecanismos de preservação aplicados no Brasil e os mecanismos utilizados para sua publicização; (ii) **estudar** os territórios e as sociedades de São Fernando, com vistas a identificar hábitos ancestrais presentes nas expressões culturais pesquisadas; (iii) **diagnosticar** o estado das principais tradições imateriais do município de São Fernando, identificando seus principais desafios e potencialidades; (iv) **investigar** a trajetória histórica do saber fazer da produção dos queijos, manteigas e bordados artesanais em São Fernando; e (v) **desenvolver** inventários participativos junto à comunidade de São Fernando, com o propósito de ressignificar, preservar e divulgar as tradições culturais de natureza imaterial presentes no contexto local;

O trabalho se estrutura em seis capítulos, além da introdução e das considerações finais. No segundo capítulo apresentam-se os processos metodológicos, que abordam as ferramentas utilizadas para a elaboração da pesquisa. No capítulo 3 intitulado - “Patrimônio Cultural Imaterial: Conceitos e Mecanismos de Preservação” -, expõem-se assuntos e autores referenciais aos temas explorados no trabalho, a saber a memória, a tradição e o patrimônio. Depois, o capítulo 4 dedica-se a tecer comentários sobre a cultura imaterial da cidade de São Fernando. Por seu turno, o quinto capítulo lança luz no saber fazer do preparo do queijo e da manteiga e na tessitura dos bordados. O sexto capítulo envolve a elaboração de cinco inventários participativos sobre as tradições imateriais, além de uma ação educativa de teor patrimonial e participativo para estimular nos adolescentes o sentido de pertencimento à história da cidade e à memória de seus saberes. A atividade fundamentou a criação do kit educativo e a ação participativa de proteção da cultura imaterial de São Fernando. Por fim, as considerações finais abordam os resultados e as perspectivas futuras que o kit e a ação participativa podem firmar na cidade em termos preservação da cultura, da memória e pertencimento.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Definição do método

Com o objetivo de demonstrar como a educação patrimonial pode contribuir para fortalecer o vínculo das comunidades com seu patrimônio cultural e estimular ações de preservação, esta pesquisa qualitativa utiliza o método exploratório para investigar a ausência de educação patrimonial na preservação da cultura da cidade. A pesquisa explora, a partir de diversas fontes (fontes primárias e secundárias, fotografias, mapas, legislação e relatos de moradores) e contribuições teóricas, a intersecção entre educação patrimonial, preservação, memória coletiva, tradição e pertencimento, buscando compreender o entrelaçamento entre essas variáveis na construção da cultura imaterial de São Fernando.

2.2 Fontes teóricas e empírica

O presente estudo se fundamenta em autores e documentos que abordam temas essenciais à compreensão do patrimônio cultural imaterial, da memória, do pertencimento e da educação patrimonial. A escolha desses referenciais justifica-se por sua abrangência e relevância na contextualização da pesquisa.

No que se refere à preservação do patrimônio cultural imaterial e da memória, foram utilizados documentos e cartilhas elaborados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além de cartas patrimoniais nacionais e internacionais. Igualmente foi de ajuda o Kit Educativo Africano e Afro-Brasileiro, produzido pelo laboratório Labya-Yala , coordenado pela professora Renata Maria de Almeida Martins, e Museu de Arqueologia e Etnologia (USP) em parceria com o terreiro de candomblé Congo-Angola Inzo Tubansi, o Museu Afro Brasil Emanoel Araujo e a Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo. Com relação aos documentos elaborados pelo IPHAN e órgãos de preservação internacional, é preciso frisar a Carta de Fortaleza (1997) e a Carta de Nova Olinda (2009), que abordam especificamente o reconhecimento e a proteção do patrimônio imaterial no Brasil, bem como os mecanismos pedagógicos de divulgação e capacitação comunitária. A pesquisa também se fundamenta na Carta de Nara (Unesco,1994), que discute a importância da diversidade cultural e da “autenticidade” na preservação patrimonial. Além disso, foram considerados outros documentos como o relatório do ICOMOS (2020), a Declaração do México (1976), que aborda questões relacionadas à identidade cultural, a Declaração de Québec (2008),

centrada na preservação do patrimônio vivo a partir de ações sintonizadas com a permanência do "espírito do lugar". Esses documentos serviram como base conceitual e normativa para a compreensão ampliada do patrimônio, reconhecendo seu valor simbólico, social e imaterial.

Em termos de memória, tradição e pertencimento, o estudo se vale das obras de Ecléia Bosi (2003), Joël Candau (2006), Pierre Nora (1984), Maurice Halbwachs (1968), Jacques Le Goff (1994), Denise Jodelete (2002), Rogério Hasbaert (2017) e Eric Hobsbawn (2012).

Para a abordagem conceitual e historiográfica do patrimônio, a obra de Sandra Pelegrini e Pedro Funari (2006) discute o patrimônio histórico e cultural, enfatizando sua relevância para a identidade coletiva e a construção da memória social. Somam-se os trabalhos de Françoise Choay (2001), Dominique Poulot (2006), José Reginaldo Gonçalves (2002), Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2018), Maria Cecília Londres Fonseca (2017) e Márcia Regina Romeiro Chuva (2017), Carta Futuro do Patrimônio (2023), Educação Patrimonial: Inventário participativo (2016), entre outros.

Ademais, a pesquisa apoia-se em fontes documentais, com ênfase nas legislações nacionais voltadas à preservação do patrimônio imaterial. A principal referência é a Constituição Federal de 1988 em seus artigos 215 e 216. Soma-se o Decreto nº 3.551/2000, que instituiu o "Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial" como um dos instrumentos de proteção do patrimônio imaterial no Brasil.

Além da investigação bibliográfica e/ou documental, este estudo também se vale da ação, ou seja, do trabalho de campo, o qual, conforme Fonseca (2002, p. 32), "caracteriza-se pelas investigações em que se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)". O trabalho de campo, portanto, complementa as demais etapas da pesquisa, ao identificar dados diretamente na realidade social por meio da interação com os sujeitos envolvidos, bem como ao reunir documentação sobre os grupos culturais da cidade, incluindo considerações sobre as territorialidades construídas a partir da sensibilidade humana.

2.3 Elaboração de questionários e entrevista

As entrevistas foram realizadas com artesãs que dominam técnicas de bordadura, com o objetivo de analisar como esses saberes são transmitidos ao longo do tempo. Como princípio ético empregado no trabalho, as perguntas foram elaboradas com o intuito de preservar a identidade das pessoas entrevistadas, de maneira que seus nomes foram ocultados nos resultados aqui apresentados. Buscou-se investigar se há interesse da população em

aprender/conhecer/identificar práticas como o bordado, se a técnica sofreu modificações no curso do tempo ou se permanece inalterada e há quantos anos as artesãs exercem essa atividade. Percebe-se que a confecção dos bordados está intimamente ligada ao feminino, sendo premente interseccionar questões de gênero, corpo e território com o ativo processo de elaboração da arte e do saber-fazer. Além disso, foram entrevistados/as produtores/as de queijo e manteiga-da-terra, a fim de compreender se as receitas e os modos de fazer foram preservados ao longo das gerações ou se passaram por adaptações.

Paralelamente, foram aplicados questionários à população local para identificar quais tradições os/as moradores/as reconhecem como parte do patrimônio cultural imaterial da cidade. A pesquisa analisa como as pessoas interpretam a cultura imaterial do lugar e quais expressões do sensível consideram essenciais para a noção de pertencimento.

2.4 Inventários participativos

Para a elaboração dos inventários participativos, utilizou-se como principal referência metodológica a obra Educação Patrimonial: Inventário Participativo, publicado pelo IPHAN em 2016. A estrutura proposta por esse manual foi adotada como base, mas devidamente adaptada às necessidades da pesquisa, especialmente no que se refere às categorias definidas para a "Ficha de Inventário". Neste caso específico, optou-se pelas seguintes categorias do patrimônio cultural imaterial: Celebrações, Formas de Expressão e Saberes.

O processo de registro dos bens culturais imateriais exigiu análise criteriosa de cada expressão selecionada. Essa etapa contou com a parceria de cinco moradores da cidade, 4 *mulheres e 1 homem, que, junto ao autor da pesquisa e a integrantes diretamente envolvidos* com as práticas culturais inventariadas, contribuíram significativamente com informações, depoimentos e validações ao longo do levantamento.

Foram escolhidas cinco expressões culturais imateriais para integrar o inventário: o Queijo de Manteiga, a Manteiga da Terra, os Bordados Artesanais, a Festa de Nossa Senhora do Patrocínio e o Arraiá da Serra. Essa escolha se fundamentou nos resultados obtidos por meio dos questionários aplicados na sociedade de São Fernando.

2.4 Estudos de caso

Foram analisadas cartilhas patrimoniais elaboradas tanto por órgãos públicos quanto por entidades privadas, assim como materiais desenvolvidos no âmbito de processos de formação

acadêmica por parte de indivíduos da área de interesse (Gonçalves Filho, 2024). O objetivo dessa análise foi investigar as abordagens apresentadas nesses materiais e identificar os diferenciais existentes em relação à proposta do presente trabalho. Além disso, a pesquisa buscou compreender como cada material aborda os aspectos da cultura, dos saberes e do patrimônio, incluindo conceitos, metodologia, público-alvo e recursos aplicados.

2.5 Elaboração do Kit Educativo

Para o processo de criação do Kit Educativo, empregaram-se tecnologias de desenvolvimento gráfico digital, como o Photoshop e o Canva, explorando também suas extensões que incluem recursos de inteligência artificial (IA). O produto final apresenta ilustrações cuidadosamente desenvolvidas com a finalidade de tornar o conteúdo lúdico, acessível e atrativo a todas as pessoas, promovendo a interação por meio de personagens cativantes e atividades de cunho pedagógico. Além disso, foi realizado um experimento prévio com alunos da 1ª série do Ensino Médio, utilizando o Kit, jogos e dinâmicas diversas a fim de nortear a compreensão do conceito de patrimônio local, se este se alinhava aos conceitos institucionais vigentes ou se os estudantes possuem uma noção diferenciada. A abordagem incluiu jogos sobre o patrimônio imaterial da região, como festas tradicionais. Esta atividade ainda se encontra em elaboração.

3 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: CONCEITOS E MECANISMOS DE PRESERVAÇÃO

3.1 Memória, pertencimento e tradição

O esquecimento é uma característica inerente ao ser humano. Muitas das experiências vividas (alegres ou traumáticas) ou dos elementos que compõem a realidade acabam deixadas na "face oculta da memória". Nesse aspecto, a memória surge como um mecanismo de exceção, selecionando determinados fatos dentro de um vasto universo que tende ao não registro. A memória, portanto, exige constante reativação para não se dissipar com o tempo. Como ressalta Bosi (1994, p. 55), em sua reflexão sobre o tema:

> […] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (Bosi, 1994, p. 55).

A memória individual, porém, não é um fenômeno isolado. Em A memória coletiva, Maurice Halbwachs (1990) argumenta que ela está vinculada ao contexto social. Segundo o autor, as lembranças pessoais são moldadas pelas interações com o grupo social ao qual o indivíduo pertence, refletindo a complexidade das relações e das influências compartilhadas (Halbwachs, 1990, p.13). A memória, assim, revela-se coletiva e dinâmica, construída a partir da interdependência entre sujeito e sociedade.

Nessa mesma direção, Le Goff (1990), em História e memória, enfatiza a memória como um fenômeno intrinsecamente ligado à psique humana, mas indissociável da vida social e da história. Para o autor, ela é influenciada por normas, representações e símbolos culturais que conectam o presente ao passado, permitindo apropriações significativas do tempo (Le Goff, 1990, p.8). As narrativas compartilhadas, segundo Le Goff (1990), desempenham papel fundamental na constituição da memória coletiva, sendo essenciais para a construção das identidades pessoais e culturais. Compreender a história de um lugar — ou narrá-la a partir de suas experiências — implica lidar com disputas de narrativas, conflitos de memória e tensões simbólicas. Essa complexidade pode ser analisada por meio do conceito de memória coletiva, inicialmente explorado por Halbwachs (2006), que a define como um fenômeno socialmente construído, resultante das relações e contextos grupais. Retomando e ampliando essa noção, Jöel Candau (2011, p. 35) afirma que "não há uma memória coletiva única, mas sim atos de

memórias coletivas", ou seja, lembranças compartilhadas que variam de acordo com as experiências e identidades de diferentes grupos sociais.

A memória é formativa dos lugares. É por meio dela que os espaços se tornam significativos e representativos, sendo impregnados de afeto, história e pertencimento. Pertencimento encontra-se no universo da memória. Ao revisitarmos experiências vividas, conectamos emoções e sentidos a determinados espaços, transformando-os em lugares simbólicos. Nesse sentido, o geógrafo Rogério Haesbaert observa que:

> Fazer do espaço efetivamente um lugar é estabelecermo-nos e sentirmo-nos inteiramente nele, vivenciando-o plenamente como na imersão de um aqui e agora. (Haesbaert, 2017, p.15).

A memória, longe de ser um elemento puramente conservador, emancipa e transforma os processos urbanos e subjetivos. Ela funciona como uma ponte entre o passado e o presente, possibilitando não apenas a preservação, mas também a reinvenção de significados de pertencimento. Nessa perspectiva, Denise Jodelet afirma:

> A inegável importância da memória se deve à ideia de que a cidade pode se tornar um lugar de liberação, de criatividade, de individuação. Liberação em relação ao quadro do passado e ao peso coletivo das rotinas e dos costumes; criatividade ligada a um quadro que autoriza as inovações e as experimentações, e individuação no que se refere à constituição de um indivíduo móvel, inventivo, flexível. Indivíduo esse que se torna capaz - mais que aquele que permanece amarrado a um modo de conduta imposto - de se adaptar à rapidez das mudanças e de se expor a riscos. (Jodelet, 2002, p. 38).

De acordo com Nora (1996), caso a expressão "lugar de memória" possuísse uma definição oficial, esta corresponderia a toda entidade dotada de significância — seja de natureza material ou imaterial — a qual, mediada pela ação deliberada dos indivíduos ou pelo transcurso do tempo, tenha se transformado em símbolo da herança memorial de determinada comunidade. Na perspectiva do autor, a constituição desses lugares resulta de um progressivo distanciamento das tradições, em um contexto histórico articulado pela transformação do passado em objeto constante de celebrações e rememorações (Nora, 1996, p. XVII).

Alguns estudiosos perceberam os elos da memória na invenção ou fabricação das tradições. O historiador Eric Hobsbawm é exemplar nesse sentido. A perspectiva de Hobsbawm (2012) sobre a temática revela-se alinhada à de Pierre Nora, especialmente ao considerar que é justamente no momento em que se perde o senso de continuidade entre o passado e a vida

cotidiana que se cria um terreno fértil para a invenção de tradições. Para o historiador, embora a invenção da tradição possa ter ocorrido em diferentes períodos históricos, ela tende a intensificar-se em contextos marcados por rápidas transformações sociais, as quais fragilizam os padrões culturais sobre os quais se assentavam as tradições anteriores (Hobsbawn, 2012, p.10). Essa abordagem proposta por Hobsbawm é particularmente relevante, pois sublinha o caráter conflituoso e simbólico presente na disputa pela apropriação e ressignificação de operações sociais passadas convertidas no tempo presente em "tradição".

No entanto, a ideia de tradição inventada nos desafia a repensar esse postulado, pois, como reflete Hobsbawm (2012, p. 22): "[…] as tradições inventadas [...] são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a 'nação' e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado nacional [...]". Essa perspectiva ressalta como o conceito de nação, muitas vezes visto como um dado imutável, é, na realidade, uma construção histórica, que se reforça por meio de práticas e rituais inventados, criando uma continuidade com o passado e, ao mesmo tempo, legitimando o presente.

3.2 O que é patrimônio cultural imaterial

Defender a preservação de algo intangível apresenta desafios significativos, especialmente no contexto da arquitetura e do urbanismo, cujo foco geralmente recai sobre elementos materiais, "a pedra e a cal". Como afirma Dominque Poulot (2009), a história do patrimônio articula jogo político e social, transformando o seu significado num mar de formas. Essa complexidade se intensifica quando se trata de campos historicamente esquecidos, como a culinária e a arte chamada "popular", exigindo reflexões ampliadas e críticas sobre o tema.

Ainda que primeiros esforços institucionais voltados à proteção do patrimônio cultural tenham surgido no século XIX, e já existissem documentos internacionais, no início do século XX, voltados à preservação dos bens culturais das nações, essas iniciativas ainda se concentravam principalmente na proteção de edificações isoladas ou conjuntos arquitetônicos (Choay, 2001). No Brasil, entretanto, os estudos sobre preservação remontam à década de 1920, enquanto, na Europa, esse movimento ganha força já no século XVIII (Pinheiro, 2011). Desde sua criação em 1937, o SPHAN esteve voltado majoritariamente à preservação de bens materiais, como edificações e obras de arte vinculadas ao projeto do Estado Novo de Getúlio Vargas de construção de uma identidade nacional erudita e modernista (Chuva, 2017).

Nas primeiras décadas, o patrimônio era concebido a partir de valores estéticos e históricos revelados por especialistas, como arquitetos e historiadores da arte, ignorando as

expressões culturais populares (Chuva, 2020). Paralelamente, o campo do folclore — concebido como conjunto de saberes e práticas tradicionais — foi institucionalizado por outra via, com a criação da Comissão Nacional de Folclore (CNF) em 1947 (Chuva, 2020, p. 20). Essa comissão, voltada ao registro e divulgação das manifestações populares, como festas, saberes e lendas, operava separadamente do SPHAN, sem dispor de instrumentos jurídicos de proteção, e com o entendimento de que tais manifestações estavam fadadas ao desaparecimento diante da modernização do país (Chuva, 2020).

Assim, nas agendas do SPHAN, os agentes envolvidos no processo de inventário e tombamento do patrimônio nacional preocuparam-se sobremaneira com as edificações construídas no período colonial brasileiro (Fonseca, 2017). Embora Mário de Andrade tenha dado indícios de interesse em conhecer o folclore, a música "popular" e outras expressões artísticas, o giro para envolver a cultura imaterial nos registros do IPHAN teve de esperar um bom tempo, especialmente a direção de Aloísio Magalhães. Ao ser questionado sobre exemplos da heterogeneidade da cultura brasileira, Magalhães usa o caju como metáfora de sua narrativa, a qual, obviamente, atravessa a concepção do intangível nas representações da cultura material:

> [...] o caju, em primeiro lugar, sendo um produto natural do Brasil, tem três grandes predicados para ser uma análise exemplar. Primeiro, o predicado da consciência histórica, ele é conhecido desde o descobrimento e usado até hoje [...] o segundo predicado é o espaço. Quer dizer, o caju cobre um contexto brasileiro de uma imensa abrangência. Ele é conhecido desde Santa Catarina até o Pará [...] E o terceiro é a diversidade de usos e de produtos que derivam daquele produto natural. Esses três componentes configuram um caso exemplar, absolutamente exemplar, para um estudo do universo do produto e da cultura (Magalhães, 1997, p. 227).

Foi ao longo das décadas de 1970 e 1980, em meio à redemocratização e à pressão de novos sujeitos sociais, o IPHAN — já transformado em Instituto — começou a ampliar sua atuação, incorporando paulatinamente as pautas da cultura imaterial em sua agenda (Chuva, 2015). A Constituição Federal de 1988 foi decisiva ao reconhecer os bens de natureza imaterial como patrimônio cultural brasileiro, e ao prever a participação das comunidades na sua preservação. Os artigos 215 e 216 da Carta Magna rezam:

> **Art. 215.** O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

> § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.
> § 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à: I – produção, promoção e difusão dos bens culturais; [...] V – Valorização da diversidade étnica e regional.
> **Art. 216.** Constituem patrimônio cultural brasileiro **os bens de natureza material e imaterial**, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver (Brasil, 2016, p. 126. Sem grifo no original).

Esse novo marco legal impulsionou a criação de instrumentos próprios para salvaguardar saberes, celebrações, formas de expressão e modos de fazer tradicionais (Chuva, 2015). Assim, o IPHAN passou a integrar em sua estrutura o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), herdeiro institucional da antiga CNF, marcando uma convergência entre os campos do patrimônio e do folclore sob a égide de uma concepção mais ampla de patrimônio cultural. (Chuva, 2020).

Ao refletir sobre a complexidade e a abrangência do patrimônio cultural, é essencial considerar não apenas os bens materiais, mas igualmente os legados que dão continuidade ao sentido de pertencimento dos povos. Nesse sentido, a Carta do México (1976) ressalta que:

> É importante notar que o patrimônio cultural humano inclui tanto as criações herdadas do passado, que devem ser identificadas, defendidas e preservadas, como também, principalmente, a proteção do patrimônio vivo: das técnicas tradicionais, das competências artísticas, das sensibilidades estéticas, das crenças e entendimentos através dos quais os povos contemporâneos se expressam. (Carta do Mexico, 1976, p.1).

Em um mundo cada vez mais globalizado e que tende à homogeneização, o reconhecimento das distintas expressões culturais torna-se crucial ao respeito mútuo entre os povos. Nesse sentido, a Carta de Nara (1994) destaca com clareza essa perspectiva ao afirmar que:

> A diversidade das culturas e do património cultural constituem uma riqueza espiritual e intelectual insubstituível para toda a Humanidade. Devem, pois, ser reconhecidos como fatores essenciais ao desenvolvimento, não só através da sua proteção, como também através da sua divulgação. (Carta de Nara, 1994, p.1).

Em 1997, o Seminário Patrimônio Imaterial: Estratégias e Formas de Proteção, organizado pelo IPHAN, resultou na escrita da Carta de Fortaleza, cujo enfoque passou a abarcar a preocupação em proteger e preservar o patrimônio cultural brasileiro, com ênfase especial nos bens de natureza imaterial:

> O objetivo do Seminário foi recolher subsídios que permitissem a elaboração de diretrizes e a criação de instrumentos legais e administrativos, visando a identificar, proteger, promover e fomentar os processos e bens "portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (Artigo 216 da Constituição), considerados em toda a sua complexidade, diversidade e dinâmica, particularmente as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas, com especial atenção àquelas referentes à cultura popular (Carta de Fortaleza, 1997).

Em 2003, alinhando-se a essa perspectiva, foi estabelecida a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Esse evento apresentou, no Artigo 2º, a definição dessa modalidade de expressão patrimonial:

> Entende-se por "patrimônio cultural imaterial" as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas — junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados — que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, além do desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2003, p. 1).

Em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela convenção, o patrimônio cultural imaterial é claramente definido, abrangendo diversas dimensões. Entre essas, destacam-se as tradições, as danças, o corpo, sabores e expressões orais, que incluem o idioma como um veículo fundamental desse patrimônio. Também são considerados os conhecimentos e práticas

relacionados à sacralidade da natureza e do universo, bem como as técnicas artesanais chamadas de tradicionais (Unesco, 2003). Essa categorização evidencia a riqueza e a diversidade do patrimônio cultural imaterial, conforme delineado pelas reflexões de Aloísio Magalhães, a Constituição de 1988 e os documentos elaborados no contexto político da UNESCO.

Consoante a isso, de acordo com o IPHAN, os bens culturais de natureza imaterial incluem "práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares, como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas" (IPHAN, s.d.).

A compreensão contemporânea do patrimônio cultural tem modificado significativamente, indo além da valorização exclusiva de estruturas físicas e materiais. Atualmente, reconhece-se que o pertencimento e o significado de um lugar estão amalgamados em suas dimensões simbólicas, afetivas e sociais. Esse aspecto relacional considera que memórias coletivas, práticas culturais, expressões do sagrado, o corpo, saberes e experiências sensoriais múltiplas desempenham um papel essencial na construção do significado de um lugar. Essa abordagem é claramente expressa na Declaração de Quebec, que lança luz na manutenção “espírito do lugar” (*genius loci*):

> Reconhecendo que o espírito do lugar é composto por elementos tangíveis (sítios, edifícios, paisagens, rotas, objetos) bem como de intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, festivais, comemorações, rituais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) e que todos dão uma contribuição importante para formar o lugar e lhe conferir um espírito, declaramos que o patrimônio cultural intangível confere um significado mais rico e mais completo ao patrimônio como um todo, e deve ser considerado em toda e qualquer legislação referente ao patrimônio cultural e em todos os projetos de conservação e restauro para monumentos, sítios, paisagens, rotas e acervos de objetos. (Declaração de Quebec, 2008, p. 3).

Essas políticas, declarações e documentos dão a ver a complexidade da cultura e do patrimônio. Por isso, a natureza ativa do patrimônio cultural imaterial exige abordagens flexíveis e contextualizadas para sua preservação (Unesco, 2003). Diferentemente dos bens materiais, o patrimônio imaterial está ligado às práticas sociais, aos saberes e às expressões culturais que se modificam com o tempo. Essa característica implica que os processos de reconhecimento e salvaguarda devem considerar o devir como parte inerente das expressões sensíveis da cultura imaterial, respeitando as formas como as comunidades reinterpretam e atualizam seus significados. Conforme aponta a Carta Internacional do ICOMOS (2020, p. 14),

“o patrimônio cultural imaterial é dinâmico, e os valores, significados e práticas das comunidades mudam ao longo do tempo”, ressaltando que não se trata de preservar formas estáticas, mas sim de reconhecer e apoiar a continuidade viva e adaptável dessas manifestações culturais.

No Brasil, há casos exemplares de cultura imaterial registrados nos livros do IPHAN, ganhando notoriedade como patrimônio nacional. Entre esses bens culturais de natureza imaterial, destacam-se a "Roda de Capoeira", o "Frevo", o "Samba de Roda", o "Círio de Nazaré", a "Arte Kusiwa", o "Modo Artesanal de Fazer o Queijo de Minas", a "Cajuína do Piauí" e o "Ofício das Paneleiras de Goiabeiras” (Brasil, 2016).

Figura 1 – Quadro com bens imateriais

Fonte: Autor (2025)

Além dos citados acima, alguns outros como bens imateriais tombados: “Matrizes Tradicionais do Forró", o "Repente", a “Literatura de Cordel”, o “Ofício dos Mestres de Capoeira e o “Teatro de bonecos popular do Nordeste, com manifestações como Mamulengo, Babau, João Redondo e Cassimiro Coco” (Brasil, 2023).

Figura 2 – Quadro com bens imateriais

Fonte: Autor (2025)

Com relação ao âmbito potiguar das políticas de preservação e registro das expressões da cultura imaterial, a Fundação José Augusto (FJA) é o órgão responsável, por promover, difundir, apoiar, financiar, gerenciar e documentar as atividades culturais no estado do Rio Grande do Norte. Além dessas atribuições, a instituição também atua no processo de tombamento de bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais, que pertençam ao patrimônio

do referido estado.[4] Até o momento, a FJA reconheceu bens arquitetônicos como o Teatro Alberto Maranhão, o Forte dos Reis Magos, a Fortaleza de Santa Luzia, a Casa de Câmara e Cadeia de Caicó**.**

No que se refere ao reconhecimento dos bens culturais imateriais, cabe destacar que a Fundação José Augusto (FJA) não é a responsável direta pela proposição de registros. Esse reconhecimento ocorre por meio da Assembleia Legislativa, com intermediação da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Norte. Entre os bens já registrados como patrimônio imaterial estadual, pode-se citar: o Passeio de Buggy, a Ginga com Tapioca, o Pastel de Tangará, a Festa de Nossa Senhora da Apresentação (em Natal), a Festa de Nossa Senhora da Conceição (em São Rafael), o Pudim de Rapadura, Festival Gastronômico e Cultural de Martins, Iguaria Filó, o Santuário do Monte do Galo (de Carnaúbas dos Dantas), a Feira do Alecrim, os Saberes, os Conhecimentos e as Práticas Tradicionais de Saúde Popular e Cura Religiosa das Benzedeiras, entre outros. Somam a essa lista o Carnaval de Caicó e a Festa de Santana de Caicó, ambas localizadas na cidade de Caicó, situada no sertão do Seridó.

Figura 3 – Carnaval de Caicó/RN

Fonte: Portal do RN (2024)

[4] Para maiores informações ver http://www.cultura.rn.gov.br. Acesso em 18 mai. 2025.

Figura 4 – Festa de Sant’Ana de Caicó/RN

Fonte: Brasil (2023)

Diante desse breve quadro da história do patrimônio, as expressões da cultura imaterial refletem uma perspectiva abrangente, caracterizada pela confluência de diferentes culturas de origem africana, indígena e europeia, isto é, o patrimônio brasileiro é transcultural e transfronteiriço. Cavalcanti e Fonseca (2008, p. 12) lembram a crescente tendência, no Brasil, de reconhecer e valorizar as culturas tradicionais populares, promovendo uma abordagem diferenciada para sua preservação e aplicação. Isso favorece a produção, circulação e o consumo dos elementos culturais por meio das dinâmicas sociais, com o objetivo de impulsionar um desenvolvimento integrado e sustentável no campo da produção cultural.

3.3 Mecanismos legais de preservação no Brasil

Para compreender o patrimônio no contexto de sua proteção no Brasil, é fundamental reconhecer a estreita ligação com "fatos memoráveis da história do Brasil", conforme aponta Lúcia Reisewitz (2004, p. 92). Segundo a autora, essa conexão refletia a tentativa da elite dirigente de construir uma narrativa oficial para o país, assim, a definição de patrimônio cultural foi sendo moldada de acordo com sua relevância histórica, política e evolução jurídica. (Reisewitz, 2004, p.119). Nesse sentido, o patrimônio cultural cumpre sua função social quando se mantém intimamente vinculado aos elementos culturais. (Reisewitz, 2004, p. 120).

Com a Carta de Fortaleza, a discussão ampliou sobre a preservação do patrimônio imaterial, embora ainda sem mecanismos concretos de registro legal. A formalização desse processo ocorreu, em 2000, com a homologação do Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto.

O Decreto nº 3.551/2000 instituiu o "Programa Nacional do Patrimônio Imaterial", com o objetivo de criar política nacional fundamentada no inventário, registro e proteção dos bens intangíveis. A agenda visa promover a preservação e a disseminação de informações sobre o patrimônio cultural brasileiro. No processo de registro dos bens imateriais, é essencial a elaboração de um plano de salvaguarda, que deve incluir uma série de recomendações necessárias à proteção desses bens (IPHAN, 2000). De acordo com Brayner (2007, p. 24), "[...] o plano de salvaguarda estabelece as formas pelas quais o Estado e a sociedade poderão agir, a partir daquele momento, para preservar as condições que garantem a continuidade da manifestação cultural registrada.".

O artigo 1º do Decreto estabeleceu a definição oficial para esse tipo de preservação.

> I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
>
> II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
>
> III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
>
> IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. (BRASIL, 2000).

Atualmente, a relevância da memória, da identidade e da cultura brasileira se converteu num critério de primeira ordem para solicitar o registro de uma expressão cultural como patrimônio imaterial. A referência cultural, que mantém uma continuidade histórica — com vínculo com o passado e reiteração, transformação e atualização no presente — passou a ser utilizada como base para as estratégias de salvaguarda dos patrimônios culturais (BRASIL, 2000b).

Nesse contexto, cabe lembrar que os bens patrimoniais não podem ser considerados como simples armazenadores ou repositórios passivos de memória (Catao; Azevedo; Pires, 2009). Os objetos não possuem memória ou significado intrínsecos, mas, como é o caso do

saber-fazer tradicional, os bens patrimoniais podem estabelecer relações de continuidade com uma memória específica. Eles não carregam por si só sentido, interesse ou uso, mas atuam como gatilhos para recordações, sejam elas passivas ou ativas, intencionais ou não, voluntárias ou não. Em outras palavras, os patrimônios têm o poder de sintetizar identidades, mas apenas se forem significativos para os indivíduos que os representam (Graeff, 2016).

3.4 O significado da preservação de saberes ancestrais

Todas as cidades brasileiras possuem patrimônio cultural que integra a história, a memória e a vida de seus habitantes. Esse patrimônio revela o potencial das operações cotidianas, refletidas em práticas e pensamentos das comunidades. A cultura, por sua vez, serve como base para a criação desse legado, estabelecendo uma conexão fundamental entre ambos. Dessa forma, o significado de cultura se apresenta como um elo para a compreensão do patrimônio cultural.

Desse modo, esse processo contínuo contribui para a construção da cultura, caracterizada por práticas específicas que orientam o modo de vida de diferentes grupos sociais, como sugere o antropólogo Roberto da Matta:

> Porque, para nós, "cultura" não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização", mas a maneira total de viver de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas (Matta, 1981, p. 2).

Essas questões indicam que a memória é moldada por uma construção social, com o propósito de promover a harmonia histórica ou social. Nesse contexto, a memória pode ser vista como uma espécie de *‘’*mecanismo de seleção, descarte e eliminação. Não é possível entender a memória sem entendê-la, também, e talvez mais ainda, como mecanismo de eliminação: a memória é um mecanismo de esquecimento programado*’’* (Menezes, 2007, p. 23). O resultado disso é a formação, no presente, de uma interpretação sobre algo do passado.

Assim, no contexto específico da memória coletiva, ela pode ser vista como um instrumento de poder, especialmente nas sociedades orais, que utilizam as recordações para preservar e perpetuar seus elementos mais importantes. O principal desafio nesse caso é a continuidade da forma de recordar a memória, que, apesar das dificuldades, deve garantir sua existência por meio das particularidades de uma determinada coletividade no mundo globalizado (Ângelo; Siqueira, 2018, p. 73).

O sociólogo Maurice Halbwachs (1968, p. 131-137), ao abordar a rememoração dentro de uma coletividade, destaca o papel crucial da cidade nesse processo, já que seus edifícios representam tanto os valores quanto a história de um povo. Ele aprofunda essa análise ao afirmar que "o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras". Dessa forma, as ações dos grupos se manifestam de maneira espacial – não são algo que se possa simplesmente apagar. Elas deixam marcas no ambiente e atribuem significado aos comportamentos que se desenvolvem dentro da comunidade, pois o lugar passa a ser um reflexo da vida cotidiana ali vivida.

É essencial entender o valor do patrimônio para poder preservá-lo e se sentir parte dele. A preservação é significativa, pois representa a história de uma cidade ou região, conectando a memória coletiva dos cidadãos. O passado influenciou o presente, e reconhecer essa conexão é crucial para entender o momento atual. É nesse contexto que o conhecimento do patrimônio nos permite nos sentir integrantes da história:

> Costumamos pensar que o patrimônio é o passado, a memória daquilo que ficou como herança. Mas o patrimônio também é presente, é memória do tempo presente. Isso porque não podemos entender o presente, nem tampouco pensar o futuro, sem olhar para a memória – pano de fundo para se refletir sobre as mudanças sociais. Em se tratando de passado, temos um patrimônio que agrupa pessoas e acontecimentos que testemunham períodos vividos (Araripe, 2004, p. 114).

Dessa forma, os bens culturais são o resultado da seleção de memórias consideradas significativas tanto para a sociedade quanto para o Estado em sua totalidade. Para Nogueira (2003), preservar o patrimônio vai além da preservação da memória; trata-se de proporcionar às pessoas a chance de se reconectarem com seu passado e suas raízes, ao mesmo tempo em que possibilita aos cidadãos reviverem as memórias sociais e culturais.

A memória é uma fonte fundamental para a preservação da cultura imaterial, pois oferece o referencial necessário para situar as experiências dessas pessoas em um determinado tempo e espaço, estabelecendo os vínculos que formam o sentimento de pertencimento e influenciam as diferentes dimensões dos bens culturais.

E é a memória o pilar que sustenta o que os povos indígenas consideram como referenciais à preservação. Ao refletir sobre o patrimônio material tombado pelo IPHAN, o intelectual indígena Ailton Krenak apresenta entendimento que flui na contramão as proposições legais da instituição. Em diálogo com Yussef de Campos, Krenak acentua que “a implicação da ideia de que a memória pode estar presentes em objetos [...] é clara [...] existem

objetos que são guardados a sete chaves, pela subjetividade que representam, não pela materialidade” (Campos, 2024, p. 49).

Krenak nos ensina que há outras possibilidades de preservação para além da estrutura normativa institucional herdeira de processos subsidiados na Europa, os quais, de alguma forma, afastaram as vozes dos povos originários e africanos nas decisões que fabricaram o patrimônio no Brasil e ao redor do mundo. Por isso, a subjetividade, os sonhos, a memória e os afetos serem dispositivos de reconhecimento da cultura.

3.5 Importância da Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial configura-se como instrumento basilar na construção da cidadania, pois promove operações pedagógicas nas qual o educando assume agenciamento no processo de construção do conhecimento e da aprendizagem (Castro, 2006, p. 2). Essa abordagem educativa deve estar comprometida com a transformação social, formando de cidadãos e cidadãs capazes de ler, interpretar, questionar e intervir criticamente em seu contexto sociocultural e político, indo além da valorização do patrimônio cultural (Castro, 2006).

A Educação Patrimonial tem se consolidado como um importante campo de atuação pedagógica, ao integrar o patrimônio com a formação crítica e reflexiva da sociedade. Mais do que apenas transmitir conhecimentos sobre o passado, ela promove uma relação viva e significativa com os bens culturais, reconhecendo-os como fontes de identidade e pertencimento (Hort et al. 1999). Nesse sentido, Horta et al. (1999) argumentam sobre os efeitos de ações educativas centradas no patrimônio:

> Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (Horta et al, 1999, p.6).

Dessa forma, a Educação Patrimonial configura-se, sem dúvida, como instrumento de "alfabetização cultural" ao possibilitar que o indivíduo interprete o mundo ao seu redor, compreendendo o contexto sociocultural e a trajetória histórica em que está inserido (Castro,

2006). Esse processo contribui para o fortalecimento da autoestima individual e coletiva, promovendo a valorização da própria cultura e identidade (Surya, 2009).

A proposta da Educação Patrimonial é promover a interação dinâmica da comunidade no cuidado, na identificação e na gestão do patrimônio cultural. Isso porque a responsabilidade pela preservação e conservação desses bens também recai sobre os cidadãos. Nesse processo, a educação age como mecanismo de ensino, preparando as pessoas para compreenderem e interpretarem a realidade sociocultural em que vivem (Magalhães, 1997).

Conforme Claudiana Castro (2006), a preservação do Patrimônio Cultural vai além de ações técnicas e normativas institucionais. Ela exige o envolvimento popular para dar sentido ao bem. Quando os sujeitos se reconhecem como parte do patrimônio, passam a valorizá-lo, reinterpretá-lo e, sobretudo, a contribuir para sua continuidade e ressignificação. Dessa maneira, Castro (2006), afirma:

> O conhecimento e a apropriação pelas comunidades são fatores indispensáveis ao processo de preservação do Patrimônio Cultural. Este processo de valorização e de troca possibilita a geração e produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de enriquecimento individual, coletivo e institucional. (Castro, 2006, p. 3).

Para que o patrimônio seja reconhecido e ressignificado socialmente, é fundamental que antes de tudo, haja elo efetivo. Nesse processo, a Educação Patrimonial possibilita ativar, como lembra Krenak, subjetividades e memória e promover a escuta e a mediação junto aos sujeitos sociais que detêm saberes, fazeres e tradições (Farias, 2002 apud Castro 2006). Ao considerar a diversidade cultural como fonte de sentido e identidade, cabe à Educação Patrimonial sensibilizar e conscientizar as comunidades sobre o valor de suas práticas, integrando-as a uma vivência sustentável. Dessa forma, contribui para o resgate e a preservação do imaginário coletivo e do patrimônio cultural em suas dimensões temporais e espaciais (Farias, 2002 *apud* Castro, 2006).

Assim, ao estimular que o povo se perceba como agentes históricos e produtores contínuos de cultura, ações pedagógicas contribuem para a construção de uma consciência coletiva sobre o valor e a pluralidade do patrimônio cultural. De acordo com Castro (2006, p.3), essa abordagem favorece a integração entre diferentes camadas sociais, ampliando a noção de patrimônio nacional para além das referências hegemônicas e incorporando as múltiplas vozes, experiências e expressões culturais. A Educação Patrimonial não apenas acentua a diversidade cultural, mas também fortalece os laços comunitários, estimula o protagonismo social e contribui significativamente para a formação de cidadãos críticos, conscientes de seus direitos,

deveres e da importância da preservação da memória coletiva como elemento estruturante da identidade nacional. (Castro, 2006).

4 O PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SÃO FERNANDO

4.1 São Fernando: territórios e sociedades

A compreensão da formação social e cultural do sertão do Seridó exige um olhar atento ao seu passado pré-colonial e colonial. Antes da chegada dos colonizadores, esse território já era ocupado por diversos povos indígenas, cujas formas de vida e saberes se integraram, de maneira direta ou indireta, às práticas culturais que sobreviveram ao longo dos séculos. Com a colonização lusitana mediada pela criação de gado vacum, novos elementos étnicos e sociais passaram a compor a paisagem social daquele sertão. É nesse entrelaçamento de culturas que se forjou, não sem violência, a cultura do pertencimento do Seridó, marcada pela resistência, religiosidade e vínculo com a terra. (Cascudo, 1984 *apud* Diniz, 2008).

Segundo os estudos de Nathália Diniz (2008), no final do século XVII, intensificou-se o processo de interiorização da capitania do Rio Grande [do Norte]. Os colonos, oriundos de diferentes partes das capitanias do Norte, mas principalmente de Pernambuco e da Bahia, passaram a requerer sesmarias. A ocupação dos sertões ocorreu por meio de currais e fazendas de gado. O avanço do gado resultou no deslocamento forçado de povos indígenas que habitavam a região. Os sertões foram gradativamente transformados em áreas de pastos, currais e fazendas (Lyra, 1950 *apud* Diniz, 2008).

Durante o século XVIII, a criação de gado consolidou-se como a principal atividade econômica no Seridó. Grandes fazendas foram estabelecidas, e a estrutura fundiária baseada nas sesmarias contribuiu para o surgimento de povoações ao redor dos currais. A religiosidade também se afirmou como um traço marcante da sociedade local, com a construção de capelas em propriedades rurais, como as de Caicó (1700), Serra Negra (1735) e Acari (1735), resultado do zelo dos proprietários e do crescimento populacional. Dentre os marcos da urbanização daquele sertão, há a fundação, em 1748, da freguesia Gloriosa de Sant'Ana (Diniz, 2008).

A povoação de Caicó, sede da paróquia, recebeu o status de "julgado" em 1777 e a condição de vila em 1788, sendo rebatizada o nome de Vila Nova do Príncipe. (Arraes, 2017) Essa transformação seguiu uma política da Coroa portuguesa que visava institucionalizar os núcleos populacionais localizados em áreas afastadas do controle da política régia. A elevação das aldeias missioneiras e povoações em julgados, freguesias e vilas buscava consolidar a presença colonial e garantir o controle administrativo nos sertões (Arraes, 2017).

No século XIX, o Seridó continuou a ser território agenciado pelas políticas provinciais centradas no processo de urbanização e reorganização da rede de povoações. A criação de novas

freguesias, como Acari (1835), Jardim do Seridó (1856), Serra Negra do Norte (1858) e Currais Novos (1884), e sua elevação a vilas, reflete a atuação da elite local nos mandos da província (Cascudo, 1984). A criação de gado representava ainda a principal frente econômica da região, sendo o Seridó um dos maiores contribuintes de dízimos com gado na província do Rio Grande do Norte. Os relatórios provinciais da época evidenciam a importância da região para a arrecadação fiscal, sobretudo até a década de 1840 (Taques, 1849 *apud* Diniz, 2008).

A economia pastoril e os vestígios da ancestralidade indígena e africana moldaram não apenas a geografia econômica e a paisagem do Seridó, mas igualmente possibilitou a formação da cultura imaterial. As feiras de gado, os caminhos das boiadas e a figura do vaqueiro tornaram-se símbolos da identidade local, sobretudo nos discursos da elite oriunda da sociedade açucareira do Recife, tendo Gilberto Freyre um de seus principais agentes (Penna, 1992). Os trajetos percorridos por vaqueiros, tangedores e criadores de gado, conectando o Seridó a feiras no Piauí, Ceará e Paraíba, configuraram redes de comércio e interação social que influenciaram profundamente os modos de vida da população (Jucá Neto, 2007). A oralidade, o aboio, as festas religiosas e os rituais populares do Seridó contemporâneo encontram raízes diretas nesse período histórico (Cascudo, 1984 *apud* Diniz, 2008).

É nesse sertão do Seridó interconectado com outros sertões, com as principais cidades e com o mundo Atlântico, de fato transcultural, que nasce a cidade de São Fernando. Conforme os dados do IBGE (2022), o município de São Fernando se originou no ano de 1872, no Brasil Imperial. A fundação é atribuída ao padre Francisco Rafael Fernandes, filho de Cosme Damião Fernandes e Isabel Maria de Araújo Fernandes, proprietários rurais com expressiva condição financeira, residentes no Sítio Limoeiro (Maia, 2020). Isabel Maria, mãe do fundador, recebeu uma ampla extensão de terras onde hoje se localiza a sede do município. Movida por sua devoção religiosa, ela doou uma parcela de suas terras - cem braças – à Nossa Senhora do Patrocínio, sua santa de devoção (Maia, 2020). Nesse território, foi construída uma capela ainda em 1872, que passou a servir de núcleo para o surgimento de um povoado, núcleo inicial da urbanização de São Fernando (Maia, 2020).

Segundo Gilson Medeiros de Maia (2020), em 1.º de junho de 1886, o local foi elevado à condição de Distrito de Paz e, posteriormente, em 1953, à categoria de vila. Essa condição perdurou até 31 de dezembro de 1958, quando, por meio da Lei Estadual n.º 2.333, São Fernando recebeu sua emancipação política e administrativa, tornando-se município autônomo. Seus limites territoriais são: Caicó ao leste, Jardim de Piranhas ao oeste, Jucurutu ao norte e Timbaúba dos Batistas ao sul (Maia, 2020).

Essas etapas do processo da urbanização brasileira – sacralização do terreno, capela, freguesia/paróquia, vila e cidade – foram apresentadas de forma pioneira por Murillo Marx em sua obra *Cidades no Brasil: terra de quem?* (1991). Essa dinâmica pode ser observada na história de São Fernando, que seguiu esse modelo, conforme descrito anteriormente, ao surgir a partir da construção de uma capela, marco inicial do povoamento local.

Isso se deve ao fato de que, no Brasil, prevaleceu por muito tempo uma relação estreita entre o Estado e a Igreja, na qual as normas eclesiásticas exerceram forte influência sobre a conformação do espaço urbano (Marx, 1991). As construções religiosas, especialmente as igrejas, funcionavam como núcleos primeiros de ocupação, em torno das quais se estruturavam as casas e o adro da povoação (Marx, 1991). Essa organização espacial, centrada no adro da edificação sacra, foi um padrão recorrente na formação de diversas cidades brasileiras (Marx, 1991, p. 11). Como aponta Marx, esse modelo de crescimento material dos centros urbanos se repetiu ao longo das décadas na história territorial do Brasil:

> Se a aglomeração surgia espontaneamente e, ao longo do tempo, ia galgando diferentes estágios hierárquicos, esse processo ocorria norteado pela Igreja até o momento decisivo da criação do município. Uma concentração de moradas e uma capela, depois capela-curada ou visitada por um padre, quem sabe uma paróquia mais tarde. Um povoado de determinado porte aspiraria constituir uma paróquia ou, denominação que prevaleceu entre nós, uma freguesia. Depois tal freguesia vai almejar a autonomia municipal (...). Elevada uma freguesia a vila, sua matriz ocuparia o mesmo sítio destacado e uma localização agora central (...). (Marx, 1991, p. 12).

Dada essa caracterização, a identidade sociocultural dos habitantes de São Fernando está enraizada nas condições históricas e ambientais do Seridó:

> Historicamente, o povo de São Fernando não foge ao paradigma do sertanejo seridoense, resistente como as rochas cristalinas às mudanças, possuidor de crenças incomensuráveis nas divindades extras mundanas, conservador do costume de honrar a palavra, defensor da família como núcleo de uma sociedade forte e hospitaleira. Pois bem, esta gente de qualidades e comportamentos insuperáveis em qualquer parte do planeta Terra, talvez pelo seu modo especial ou, quem sabe no dizer de muitos pós-modernistas, alienada e obsoleta na forma de agir, jamais amealhou opulência material, mas abunda de riquezas humanitárias. (Maia, 2020, p. 9).

A base econômica de São Fernando reflete as características estruturais do Seridó, cuja formação histórica esteve intimamente ligada ao gado criado extensivamente e à adaptação às condições das Caatingas:

> No tocante à economia, São Fernando a exemplo do Seridó como um todo, tem sua economia baseada no setor primário. Nos primeiros anos pós-emancipação os pilares econômicos eram a agricultura com o cultivo de culturas permanentes como algodão arbóreo, coco, manga etc., que praticamente foram exterminadas com a degradação ambiental do Seridó; e a pecuária, que cresceu sobremaneira nas últimas décadas, assumindo assim a bandeira econômica da população rurícola. (Maia, 2020, p.10).

As expressões culturais e religiosas de São Fernando refletem os traços mais marcantes da vida social no interior do Seridó, onde as tradições populares e a fé ocupam lugar central no cotidiano da população. Mesmo diante das limitações econômicas e da escassez de investimentos em infraestrutura de lazer, as festas tradicionais e religiosas desempenham papel central na vida social do município, funcionando como momentos de coesão, expressão de fé e celebração coletiva (Maia, 2020).

4.2 Identificando a cultura imaterial de São Fernando

Como mencionado anteriormente, para que se chegasse à configuração atual das expressões intangíveis da cultura de São Fernando, foi necessário articular história, antropologia, território e conceitos sobre o patrimônio. Esse percurso teve início com a ocupação do território por diversos povos indígenas, cujas formas de vida, conhecimentos e práticas culturais foram fundamentais para a formação da cultura local. Posteriormente, com a chegada dos colonizadores por meio das fazendas de gado, adicionou-se a dimensão europeia ao amálgama cultural do Seridó.

Dessa forma, São Fernando tornou-se um território rico em expressões de cultura imaterial, que se apresentam de diversas maneiras — festas populares, celebrações religiosas, saberes transmitidos oralmente, práticas agrícolas e de culinárias-, que atravessam gerações e reforçam o senso de pertencimento da comunidade.

Durante as etapas da pesquisa, algumas tradições vivas neste território foram identificadas em levantamento, sobressaindo o Suarê, o Show Cultural, Rosa de Maio, Arraiá da Serra, entre outras informadas a seguir.

4.2.1 Suarê

O Suarê era uma tradicional festa realizada todos os domingos à noite – sem exceção – no São Fernando Esporte Clube, conhecido carinhosamente pelos moradores como “o Clube”.

A festa geralmente começava por volta das 20h e se estendia até às 23h ou meia-noite, reunindo pessoas de todas as idades.

No início, as músicas eram tocadas em radiolas, depois chegaram os toca-fitas, e, com o tempo, o evento passou a contar com pequenas bandas locais, que animavam o público com muita música e dança. O Suarê era o momento de encontro da comunidade, um espaço de lazer e convivência que também atraía visitantes de cidades vizinhas. Ônibus lotados chegavam de municípios como Caicó, Jardim de Piranhas e Timbaúba, aumentando ainda mais a diversidade e o entusiasmo da festa.

Embora não se saiba precisamente qual a origem do Suarê em São Fernando, há registros e lembranças que indicam sua existência já na década de 1970. Nos anos 2000, a tradição foi interrompida, deixando saudades em muitos que frequentavam o evento.

Uma entrevistada relembra os primeiros anos como frequentadora:

> Tenho até vergonha de contar com quantos anos comecei a ir ao Suarê... Eu tinha apenas 10 anos. Inventava para os meus pais que ia brincar na rua, mas ia direto para o Clube assim que a festa começava. Ficava até umas 21h e voltava pra casa, tentando disfarçar. Achava que enganava meus pais, mas todo domingo meu pai me esperava na porta, querendo saber onde eu tinha estado, mas ele sempre acabava descobrindo. Mesmo assim, nunca deixei de ir. Foi uma das épocas mais divertidas da minha vida. (Entrevistada, 2025).

Figura 5 – Suarê no São Fernando Esporte Clube

Fonte: Facebook Terrinha Memórias (2020)

O Suarê marcou gerações, especialmente entre os anos de 1980/2000, consolidando-se como uma das mais queridas manifestações culturais da cidade. Seu legado permanece vivo na memória dos que participaram dessa celebração.

4.2.2 Show Cultural

O Show Cultural foi um evento realizado por jovens da cidade com o objetivo de arrecadar fundos para custear as despesas da quadrilha junina “Arraiá da Serra” — expressão que será comentada adiante. Antes de receber esse nome, o evento era conhecido como Gincana Cultural, mas já mantinha a mesma proposta: apresentações artísticas criadas e executadas pelos próprios integrantes da quadrilha.

Realizado no São Fernando Esporte Clube, o Show Cultural acontecia tradicionalmente antes do mês de junho. A programação era variada, performances de dança, esquetes teatrais e números de humor, sendo este último quase uma marca registrada do evento. Era praticamente impossível assistir a uma edição do Show Cultural sem dar boas risadas.

Figura 6 – Show Cultural, 2013

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2013)

Figura 7 – Show Cultural, 2013

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2013)

Figura 8 – Show Cultural, 2013

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2013)

Figura 9 – Show Cultural, 2013

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2013)

Figura 10 – Show Cultural, 2013

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2013)

Figura 11 – Show Cultural, 2017

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2017)

Figura 12 – Show Cultural, 2017

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2013)

Figura 13 – Show Cultural, 2017

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2013)

As apresentações buscavam valorizar e resgatar aspectos da cultura popular, muitas vezes organizadas por temas específicos e linhas do tempo. Um dos formatos mais recorrentes envolvia homenagens a décadas passadas, como os anos 1990, passando por outras épocas até os dias atuais. Com figurinos, músicas marcantes e coreografias bem elaboradas.

O evento deixou de acontecer nos últimos anos, sobretudo após a descontinuidade das atividades da quadrilha Arraiá da Serra, em 2017, principal motivação por trás de sua realização. Ainda assim, o Show Cultural permanece na memória afetiva da população.

4.2.3 Rosa de Maio

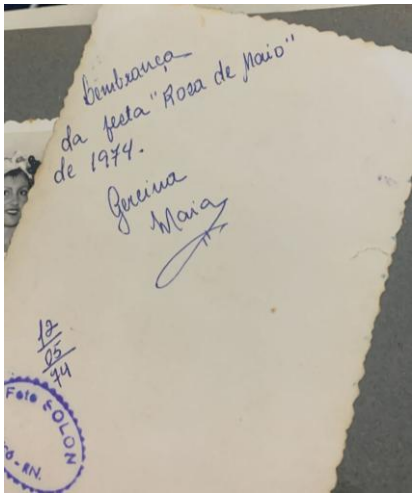
A Rosa de Maio é um evento realizado anualmente durante o mês de maio sem data fixa. Trata-se de um concurso de beleza e simpatia voltado para adolescentes do município,

geralmente meninas com idades entre 13 e 16 anos, que concorrem ao título simbólico de Rosa de Maio. O registro da primeira edição da Rosa de Maio data de 1974, evidenciando sua longa trajetória e importância na história cultural de São Fernando.

Durante o evento, as participantes desfilam diante de uma bancada de jurados, que avaliam diversos quesitos, como simpatia, desenvoltura e elegância. Mais do que um simples concurso, a Rosa de Maio era vista como um rito de passagem para muitas jovens da cidade, marcando sua entrada no ambiente social e celebrando a juventude, a autoestima e os laços comunitários.

Por muitos anos, o evento foi um dos maiores e mais aguardados da cidade, reunindo famílias, amigos e moradores em geral. A vencedora recebia o título de Rosa de Maio, acompanhado de uma faixa simbólica e brindes para uso pessoal. Além do concurso em si, havia uma festa popular logo após a coroação da vencedora, transformando a ocasião em uma noite de celebração e confraternização. Essa festa pós-evento se tornou uma tradição à parte, com música, dança e alegria que se estendiam até altas horas.

Figura 14 – Registro da Rosa de Maia de 1974



Fonte: Facebook Juninho Araújo (2016)

Figura 15 – Rosa de Maio de 1974

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2016)

A festa da Rosa de Maio atravessou gerações e permaneceu viva por muitas décadas, consolidando-se como um dos eventos mais queridos da cidade. Há registros de sua realização em diversos anos, como 1979, 1997, 2019, demonstrando sua relevância contínua ao longo do tempo. Sua última edição registrada ocorreu em 2022, marcando o fim — ao menos temporário — de uma tradição que fez parte da memória afetiva de inúmeras famílias da comunidade.

Figura 16 – Rosa de Maio 1979

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2014)

Figura 17 – Rosa de Maio de 1997

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2014)

Figura 18 – Rosa de Maio 2019

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2019)

Figura 19 – Rosa de Maio de 2022

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2022)

4.2.4 Arraiá da Serra

Arraiá da Serra é uma quadrilha junina estilizada criada, em 2001, durante a gestão do prefeito Paulo Emídio de Medeiros (Entrevistado, 2025). O nome do grupo homenageia o Monte Pascoal, conhecido localmente como "Serra", objeto da natureza orográfica que se tornou símbolo afetivo das sociedades urbana e rural. Inicialmente, a quadrilha tinha um perfil tradicional matuto, com apresentações apenas locais, voltadas à valorização da cultura junina da região.

A partir de 2009, o Arraiá passou a participar de concursos regionais, alcançando reconhecimento ao vencer seu primeiro festival em Cruzeta-RN.

Figura 20 – Arraiá da Serra, 2004

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2015)

Figura 21 – Arraiá da Serra, 2009

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2015)

Figura 22 – Concurso Cruzeta -RN, 2009

Fonte: Facebook Arraiá da Serra (2013)

Em 2013, o Arraiá da Serra se afastou da estética do “matuto”, empregando performances contemporâneas comuns em outras quadrilhas da região Nordeste, com coreografias complexas, figurinos temáticos e uma estética moderna, o que ampliou sua projeção no estado. A temporada de maior destaque ocorreu em 2017, quando o grupo teve participação em festivais sob o apoio da gestão do prefeito Polion Maia (Entrevistado, 2025).

Figura 23 – Arraiá da Serra, 2013

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2015)

Figura 24 – Arraiá da Serra, 2013

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2015)

A estreia anual da quadrilha acontece em São Fernando, geralmente entre a praça principal e o Esporte Clube, firmando o início oficial da temporada e servindo como ensaio geral. A agenda de apresentações se concentra no mês de junho, mas os ensaios começam meses antes, normalmente no primeiro trimestre do ano. O grupo conta majoritariamente com jovens a partir dos 15 anos, mas sempre foi um espaço inclusivo, onde pessoas de diferentes idades contribuíam com talento, organização e experiência. Para viagens e competições, menores de idade só participavam acompanhados por responsáveis. A última apresentação registrada da quadrilha ocorreu em 2017 (Figura 26).

Figura 25 – Arraiá da Serra, 2017

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2017)

Figura 26 – Arraiá da Serra, 2017

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2017)

4.2.5 Festa de Nossa Senhora das Dores

A Festa de Nossa Senhora das Dores é uma celebração religiosa realizada anualmente no mês de agosto. Apesar do dia da Santa ser oficialmente celebrada no dia 15 de setembro, a

festa ocorre antes dessa data, reunindo a comunidade em dez dias de expressão da fé, devoção e confraternização.

As atividades religiosas são concentradas na Igreja de Nossa Senhora das Dores, com novenas e missas diárias. Em algumas edições, devido à grande quantidade de fiéis e à limitação do espaço, as celebrações precisaram ser realizadas no adro da igreja para melhor acomodar o público. A programação inclui ações performativas como procissões marcantes: as pessoas percorrem as ruas da cidade — geralmente iniciando da Avenida Major José Antão e retornando à igreja após um trajeto simbólico pelas principais vias. (Figura 27)

Figura 27 – Percurso procissão

Fonte: Autoria própria, 2025

Figura 28 – Nossa Senhora das Dores

Fonte: Dyego Leandro (2024)

Figura 29 – Procissão de Abertura

Fonte: Dyego Leandro (2024)

No âmbito social, a festa se estende para a Praça José Josias Fernandes, localizada na rua principal, onde ocorrem shows, eventos culturais e apresentações musicais. Em algumas edições, o São Fernando Esporte Clube também foi palco dessas atividades. Para os fiéis, esse período é caracterizado por orações, promessas e agradecimentos por graças alcançadas, além do fortalecimento da fé, dos vínculos comunitários e de pertencimento com o lugar. No entanto, há também quem viva a festa sob um viés recreativo, voltando suas atenções para eventos musicais e a programação noturna, que movimentam a cidade e atraem visitantes.

Figura 30 – Igreja Nossa Senhora das Dores

Fonte: Dyego Leandro (2024)

Figura 31 – Igreja Nossa Senhora das Dores

Fonte: Dyego Leandro (2024)

A Festa de Nossa Senhora das Dores é organizada pela paróquia, com o apoio de voluntários, grupos pastorais e ampla participação comunitária. Essa união de esforços fortalece o senso de pertencimento e preserva a memória da cultura imaterial do município. Na programação social do evento, o governo municipal colabora com a organização das atrações culturais e festivas que integram as celebrações tradicionais.

4.2.6 Festa das debutantes (15 anos)

A Festa das Debutantes era um evento tradicional voltado para meninas que completam 15 anos, marcando simbolicamente a transição da infância para a vida adulta. Essa celebração teve início no ano de 2001, durante o governo de Paulo Emídio de Medeiros. Desde então, a prefeitura municipal assumiu a responsabilidade pela organização e realização da festa, com exceção do ano de 2019, quando o evento foi promovido por iniciativa privada.

O critério de participação sempre foi claro: apenas meninas naturais de São Fernando ou que tivessem laços familiares com o município podiam ser incluídas. O principal objetivo da festa era garantir que todas as jovens, independentemente de sua condição financeira, pudessem vivenciar esse momento especial. Assim, a celebração se tornou um espaço de igualdade e inclusão, no qual todas eram tratadas com o mesmo carinho, respeito e importância, independentemente da classe social.

O evento acontecia tradicionalmente no São Fernando Esporte Clube, local que se transformava para receber com glamour e emoção as debutantes e seus convidados. Cada menina era apresentada à sociedade ao lado de seu príncipe, sendo recepcionada por familiares e amigos. Um dos pontos altos da noite era a valsa, que simbolizava a delicadeza e a beleza desse novo ciclo que se iniciava.

Figura 32 – Festa das Debutantes, 2012

Fonte: Facebook Terrinha Memórias (2012)

Figura 33 – Festa das Debutantes, 2016

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2016)

Para muitas das participantes, especialmente aquelas cujas famílias não tinham condições financeiras para organizar uma festa de debutante particular, aquele era um momento inesquecível e carregado de significado. A emoção, o brilho nos olhos e o sentimento de pertencimento marcaram profundamente a história de quem viveu essa experiência.

Figura 34 – Festa das Debutantes, 2016

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2016)

Figura 35 – Festa das Debutantes, 2017

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2016)

A última edição da Festa das Debutantes foi realizada em 2019, fechando um ciclo que deixou lembranças afetivas na memória coletiva e um importante legado social de sociabilidade. Em conversa com o secretário responsável pela organização do evento na época, ele comentou:

> “Enquanto estava na Secretaria de Assistência fizemos ainda por 15 anos. Depois começamos a perceber que o sentido da mesma estava mudando. Deixou de ser algo mais social e tomou outra conotação. Mas poderá sim resgatar com o objetivo inicial. (Entrevistado, 2025)

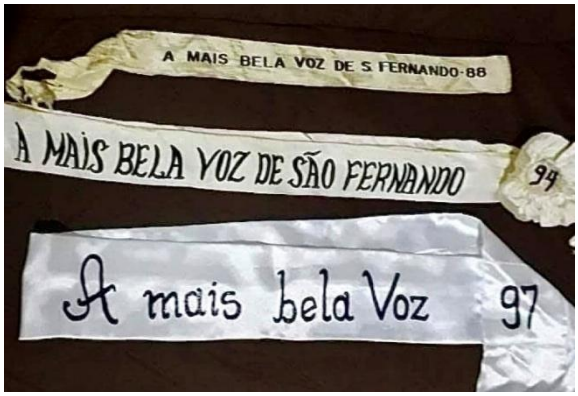
4.2.7 A mais bela voz

A Mais Bela Voz foi um tradicional concurso musical que reunia talentos locais, com o objetivo de descobrir pessoas da comunidade que possuíam habilidades no canto. Os participantes eram avaliados por uma banca de jurados, geralmente composta por músicos, professores ou pessoas ligadas à cultura local.

O evento costumava acontecer no mês de novembro, como parte da programação da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio, uma das celebrações mais importantes da região. No entanto, houve edições realizadas em outros meses, conforme a disponibilidade de datas e organização do evento.

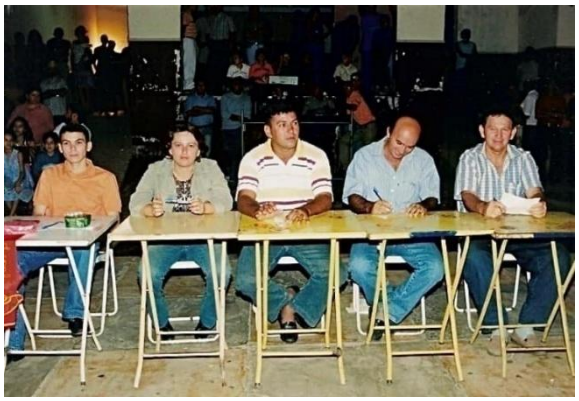
Embora não se saiba com exatidão o ano de sua primeira edição, há registros documentais e fotográficos que indicam a existência do concurso desde a década de 1988, como demonstrado na Figura 36. A última edição ocorreu em 2019 de um evento que durou décadas.

Figura 36 – Faixas dos anos de, 88, 94, 97



Fonte: Facebook Juninho Araújo (2016)

Figura 37 – Jurados, 2005



Fonte: Facebook Juninho Araújo (2016)

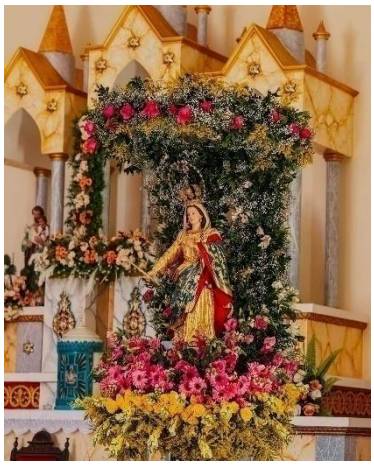
4.2.8 Festa de Nossa Senhora do Patrocínio

A Festa de Nossa Senhora do Patrocínio é a celebração religiosa vinculada à história social e da urbanização de São Fernando. Realizada anualmente, homenageia a padroeira da cidade e mobiliza a comunidade durante dez dias de expressão de fé, devoção e confraternização.

As celebrações religiosas acontecem na Igreja Matriz, com novenas e missas. Devido à grande participação dos fiéis, algumas edições exigiram a realização das cerimônias em frente ao templo, com estrutura montada para acomodar o público. A abertura da festa ocorre mediante uma peregrinação de 18 km entre Caicó e São Fernando, iniciada às 2h da madrugada, além da tradicional procissão noturna pelas ruas da cidade — trajeto que se repete no encerramento (Figura 27).

A origem da festa remonta ao período em que Isabel Maria de Araújo Fernandes doou terras à santa de sua devoção, onde erigiu uma capela, dando início ao crescimento material da povoação. Embora não haja registros exatos, há indícios da existência da festa desde a década de 1900 (Maia, 2020). A principal estrutura do evento se manteve ao longo dos anos, com destaque para a procissão de abertura, as novenas e a procissão de encerramento. Em 2010, foi introduzida a peregrinação como novo símbolo de fé.

Figura 38 – Altar, 2024



Fonte: Facebook Juninho Araújo (2024)

Figura 39 – Peregrinação, 2024

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2024)

Figura 40 – Procissão, 2024

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2024)

Figura 41 – Missa, 2024

Fonte: Facebook Juninho Araújo (2024)

Na parte social, as festividades concentram-se na Praça José Josias Fernandes e, eventualmente, no São Fernando Esportes Clube. Com o passar dos anos, algumas tradições foram deixadas de lado, como a "boneca da festa", os bailes e festas temáticas, reflexo das mudanças nos hábitos da cidade.

A realização da festa é fruto do trabalho conjunto da Paróquia, voluntários, grupos pastorais, Prefeitura Municipal e, em alguns casos, da iniciativa privada. A paróquia organiza ações para arrecadação de fundos, como leilões; enquanto a prefeitura é responsável pela programação cultural, montagem de palcos, contratação de atrações e estrutura dos estandes. A união entre fé, cultura e colaboração comunitária garante a continuidade desta importante tradição de São Fernando.

4.3 Dos locais onde ocorrem as expressões culturais

4.3.1 Praça Pública José Josias Fernandes

Figura 42 – Localização da praça José Josias Fernandes

Fonte: Autoria própria (2025)

A Praça Pública José Josias Fernandes é o principal ambiente urbano de sociabilidade e celebração. Nela ocorrem, em sua maioria, as festividades que integram a programação das tradicionais festas religiosas em homenagem à Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Patrocínio. Além disso, esse lugar é ponto de diversos eventos promovidos pela Prefeitura Municipal, especialmente em datas comemorativas, como o Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, entre outras. A praça se consolida, portanto, como um ponto central de encontro, cultura e lazer, sendo palco de manifestações culturais, apresentações musicais, feiras e atividades voltadas ao fortalecimento dos laços comunitários e à urbanidade.

Figura 43 – Praça José Josias Fernandes

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

:ada de forma a oferecer suporte adequado aos eventos e ao público. No que se refere à disposição, inclui quatro quiosques de apoio estrategicamente distribuídos para atender à vida cotidiana e às festas que ali se desenrolam. Há ainda um palanque coberto utilizado para as apresentações. O espaço ainda dispõe de um bar, que funciona sobretudo durante as festividades. Um dos principais atrativos da praça é o palco permanente, projetado para receber as apresentações musicais e shows de bandas, sendo equipado com cobertura e infraestrutura elétrica adequada para pequenos e médios eventos.

Figura 44 – Praça José Josias Fernandes

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

4.3.2 São Fernando Esporte Clube – SFEC

Figura 45 – Localização do São Fernando Esporte Clube (SFEC)

Fonte: Autoria própria (2025)

O São Fernando Esporte Clube — chamado apenas de “Clube” pelos moradores da cidade — é um espaço de significado histórico e cultural para a população são-fernandense. Originalmente, pertenceu a uma associação comunitária. A edificação passou a ser administrada pela Prefeitura Municipal após um período de abandono e desgaste estrutural, causado pela falta de manutenção e organização por parte dos antigos responsáveis. Com a mudança de gestão, a prefeitura conseguiu realizar as reformas necessárias, recuperando a funcionalidade e a relevância do espaço para a comunidade.

Ao longo dos anos, o Clube funcionou como arena de diversas expressões culturais marcantes já citadas neste trabalho, entre elas: a Rosa de Maio, o Arraiá da Serra, o Suarê, a Festa das Debutantes, o Show Cultural e o concurso A Mais Bela Voz. Esses eventos contribuíram para atar os nós do pertencimento social à cidade e promover a convivência entre os moradores.

A escolha do Clube como local para essas celebrações se deve, em grande parte, ao seu ambiente fechado, que oferece maior controle ao público presente e permite a cobrança de uma taxa simbólica de entrada. Esse recurso auxilia na cobertura de custos com infraestrutura,

decoração, equipamentos de som, iluminação e outras despesas relacionadas à realização das atividades culturais.

Além de abrigar eventos públicos, o Clube também está disponível para aluguel, sendo frequentemente utilizado para a realização de festas privadas, como aniversários, confraternizações e encontros comunitários, especialmente durante o período noturno.

Atualmente, ali funciona a sede da Secretaria Municipal do Idoso e da Pessoa com Deficiência, devido à sua estrutura física adequada e à localização estratégica. A escolha foi motivada tanto pela necessidade de acessibilidade quanto pela alta frequência de atividades e eventos voltados a esse público, tornando o Clube um local voltado a promover a dinâmica cultural do município.

Figura 46 – Fachada

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 47 – Parte superior

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 48 – Parte superior

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 49 – Salão

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

O local é estruturado em diferentes ambientes que se complementam para a realização de eventos. Na parte superior, encontra-se a área de recepção, que serve como ponto inicial de acesso ao espaço. Essa área inclui algumas salas de apoio e banheiros, e é onde são trabalhadas as ornamentações e decorações para eventos temáticos. Logo abaixo, encontra-se o salão principal, um espaço amplo. Ali há um bar estrategicamente posicionado para atender ao público durante os eventos. Ao fundo do salão, localiza-se o palco, projetado para apresentações musicais e outras performances artísticas.

Figura 50 – SFEC

Figura 51 – Bar

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 52 – Palco

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

4.3.3 Igreja de Nossa Senhora das Dores

Figura 53 – Localização da Igreja Nossa Senhora das Dores

Fonte: Autoria própria (2025)

A Igreja de Nossa Senhora das Dores, ao contrário da Igreja Matriz, não conta com celebrações eucarísticas regulares aos domingos. Seu uso ocorre, predominantemente, em situações excepcionais, como, por exemplo, quando a Matriz está em manutenção estrutural ou reforma arquitetônica.

Como já mencionado anteriormente, a principal festividade dedicada à santa acontece no mês de agosto. Durante esse período, a edificação sacra se converte em centro das comemorações religiosas e culturais, sendo bem ocupada ao longo dos dez dias de festa, momento no qual são celebradas missas, novenas, procissões e outras ações religiosas. Além de sua função litúrgica, a Igreja de Nossa Senhora das Dores é um lugar frequentemente utilizado para apresentações religiosas e encenações teatrais de teor eclesiástico. Isso se deve, em grande parte, à estrutura de seu adro, que é mais elevado e amplo do que o da Igreja Matriz.

Figura 54 – Fachada Igreja

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 55 – Lateral Igreja

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 56 – Igreja com intervenção artística

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

4.3.4 Igreja Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio

Figura 57 – Localização da Igreja Nossa Senhora do Patrocínio

Fonte: Autoria própria (2025)

A Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio é a igreja matriz da cidade e representa o principal centro religioso da comunidade. As missas dominicais ocorrem regularmente nesse templo. Como já mencionado, a padroeira da cidade é celebrada anualmente em uma tradicional festividade que se estende por dez dias consecutivos. Durante esse período, a programação religiosa inclui missas diárias, novenas, confissões, procissões e outros atos de fé católicos. Um dos momentos simbólicos da festa é o hasteamento da bandeira, realizado no adro, marcando oficialmente o início das festividades e reunindo uma significativa quantidade de fiéis.

Figura 58 – Fachada Matriz

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

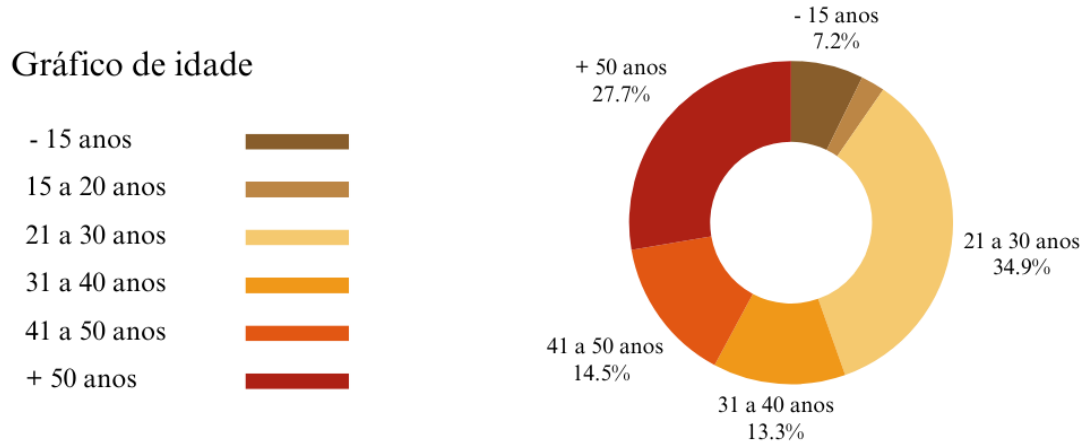
Figura 59 – Lateral Matriz

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

4.4 Diagnóstico sobre a memória da cultura imaterial de São Fernando

Com o objetivo de identificar como os moradores compreendem o conceito de cultura imaterial, qual a relação estabelece com essas expressões e se as consideram como patrimônio, elaboramos um questionário na plataforma *Google Forms*. O formulário foi distribuído à população por meio de um *link*, permitindo o compartilhamento entre diferentes grupos. A coleta de respostas ocorreu entre os dias 29 de abril e 6 de maio de 2025, abrangendo 12 perguntas, divididas entre objetivas e discursivas. No final da aplicação, foram registradas 83 respostas de pessoas de diferentes idades (Figura 60). Pessoas com mais de 21 anos e com mais de 51 anos representam 62,6% participantes da pesquisa, o que indica a predominância de participantes que possivelmente vivenciaram diversas transformações na cultura imaterial de São Fernando, podendo, assim, oferecer relatos precisos sobre suas experiências.

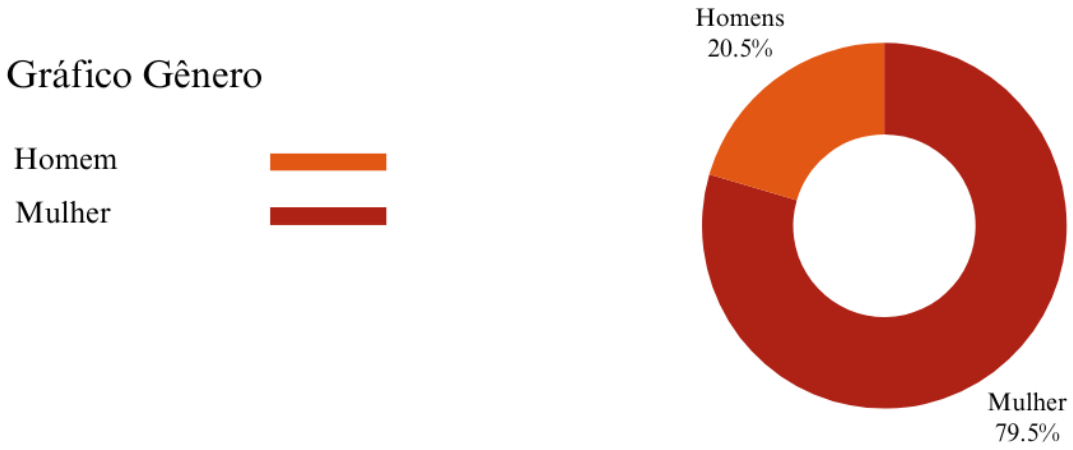
Figura 60 – Gráfico de idade



Fonte: Autoria própria (2025)

Referente ao gênero, as mulheres predominaram significativa entre os participantes do questionário, representando 79,5% do total de respostas. Esse dado pode indicar que o público feminino tem maior interesse com o tema abordado, ou que, de modo geral, as mulheres tendem a se engajar mais em atividades ligadas à preservação da memória, das tradições locais e do envolvimento com eventos culturais da cidade, reforçando seu papel fundamental na transmissão, valorização do saber popular e definição do que é patrimônio.

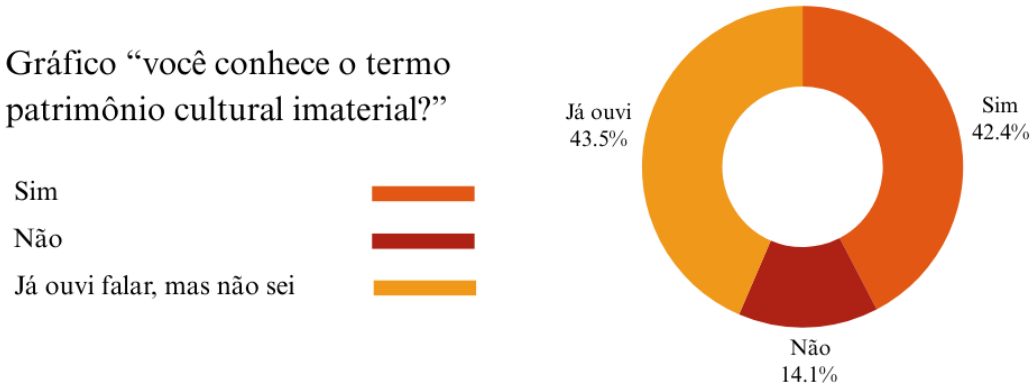
Figura 61 - Gráfico de Gênero



Fonte: Autoria própria (2025)

86% dos/das entrevistados/as demonstrou possuir algum nível de conhecimento sobre o termo "patrimônio cultural imaterial", ainda que esse conhecimento, em muitos casos, seja superficial. Dentre esses, 43,5% afirmaram já ter ouvido falar sobre o tema; enquanto 42,4% declararam conhecê-lo de fato. Apenas uma minoria - 14,1% (12 pessoas) - respondeu que não conhece o termo. Esses índices são representativos do nível de compreensão da memória e do patrimônio imaterial no universo cultural de São Fernando, pois indica que o conceito de patrimônio cultural imaterial circula de forma significativa no imaginário social da cidade. Isso sugere que há uma base favorável para ações de sensibilização e aprofundamento sobre o assunto, fortalecendo a consciência coletiva em torno da importância da preservação cultural.

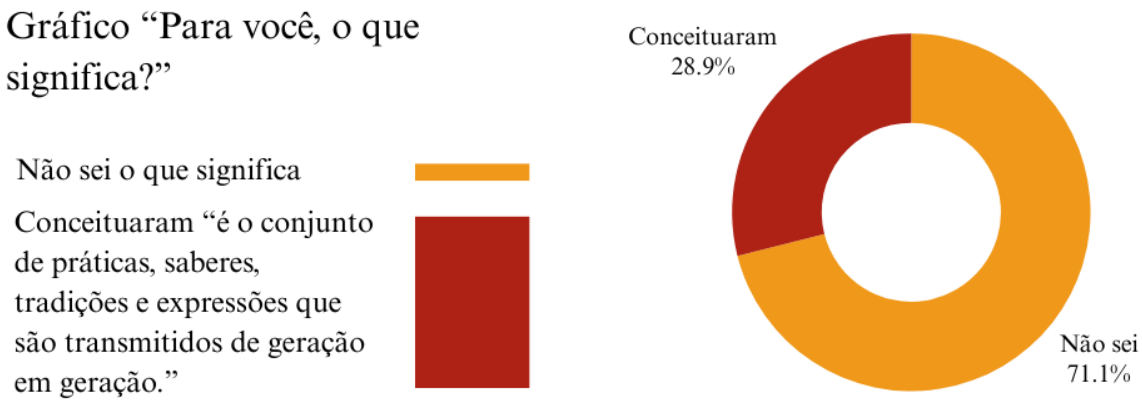
Figura 62 – Gráfico sobre Patrimônio Imaterial



Fonte: Autoria própria (2025)

Embora grande parte dos participantes tenha afirmado já ter ouvido falar ou até mesmo conhecer o termo "patrimônio cultural imaterial", os dados revelam que a maioria — 71,1% — não soube conceituá-lo. Esse fator expõe a lacuna entre o reconhecimento do termo e a compreensão efetiva de seu significado. Apenas 28,9% (Figura 63) dos/das participantes conseguiram apresentar uma definição ajustada ao que os órgãos patrimoniais concebem, relacionando o conceito a práticas, saberes, tradições e expressões transmitidas de geração em geração. Esse descompasso sugere que, embora o tema esteja presente no discurso coletivo, ainda há carência de informação mais aprofundada e acessível sobre seu verdadeiro conteúdo e importância. Tal situação reforça a necessidade de ações educativas que promovam não apenas o conhecimento nominal, mas também a internalização do valor simbólico, histórico e identitário desse patrimônio para a comunidade.

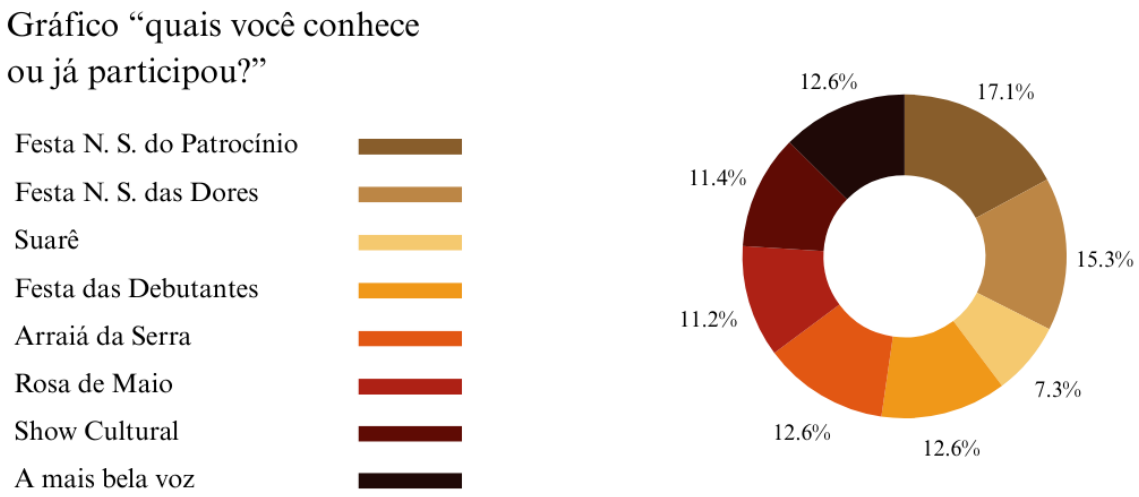
Figura 63 – Gráfico “Para você, o que significa?”



Fonte: Autoria própria (2025)

As festas religiosas e populares se sobressaem entre as expressões culturais mencionadas pelos participantes, especialmente aquelas com forte apelo comunitário e enraizamento na tradição local. Celebrações como a Festa de Nossa Senhora do Patrocínio, a Festa de Nossa Senhora das Dores, A mais bela voz, A festa das Debutantes e o Arraiá da Serra estão entre as mais lembradas (Figura 64). Esse destaque talvez possa ser atribuído, em parte, ao perfil etário das pessoas que responderam o questionário — em sua maioria, pessoas com mais de 20 anos — que provavelmente experenciaram ou testemunharam essas festividades com maior frequência ao longo do tempo, reforçando a memória afetiva e a valorização dessas tradições.

Figura 64 – Gráfico “quais você conhece ou já participou?”



Fonte: Autoria própria (2025)

A percepção predominante entre os participantes é a de que as expressões culturais locais não são reconhecidas como patrimônio imaterial por um número expressivo de cidadãos. Em outras palavras, a população parece reconhecer a importância dessas expressões para a identidade cultural do município, mas também manifesta crítica quanto à forma limitada com que elas vêm sendo apoiadas, divulgadas ou integradas às ações culturais permanentes. Essa valorização parcial indica uma oportunidade para fortalecer o diálogo entre a sociedade, o poder público e os agentes culturais, no sentido de desenvolver políticas públicas inclusivas e consistentes para preservação e difusão do patrimônio cultural imaterial.

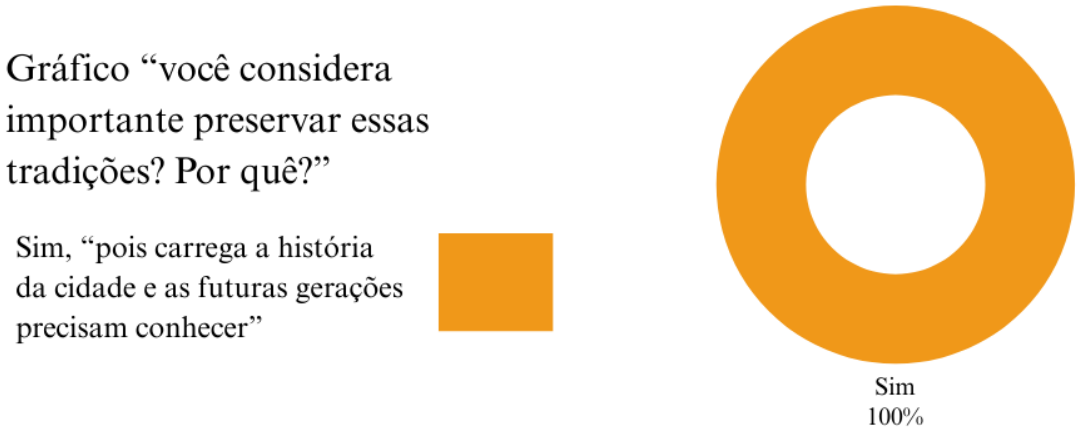
Figura 65 – Gráfico “na sua opinião, essas expressões são valorizadas?”

Fonte: Autoria própria (2025)

No que tange a importância de preservar essas tradições (Figura 66), os dados revelam um consenso sólido entre os participantes, com 100% das respostas reconhecendo seu valor. Tal unanimidade frisa o sentido de pertencimento e os vínculos subjetivos que a população

mantém com suas histórias e hábitos culturais. Preservar essas expressões é visto não apenas como uma forma de manter viva a história local, mas também como um compromisso com as futuras gerações, garantindo que elas conheçam, respeitem e deem continuidade aos saberes e práticas herdadas.

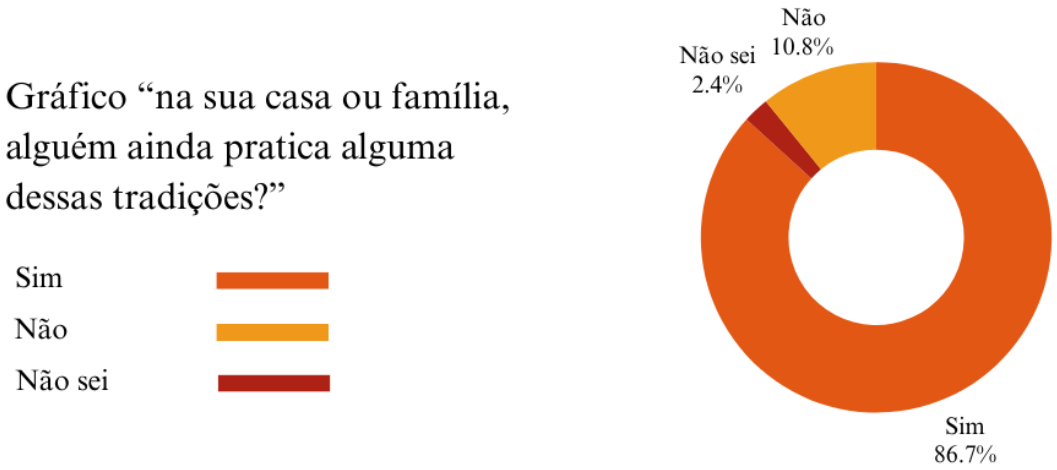
Figura 66 – Gráfico “você considera importante preservar essas tradições?”



Fonte: Autoria própria (2025)

A presença dessas práticas culturais no ambiente familiar ainda se mostra operante, conforme apontado pela maioria dos/das participantes do questionário. Esse dado aponta para o lar como lugar privilegiado de transmissão do patrimônio cultural imaterial. No seio familiar, saberes, rituais, festas, costumes e tradições são compartilhados de forma espontânea, muitas vezes por meio de vivências cotidianas, narrativas orais, celebrações e ensinamentos passados de pais para filhos e avós para netos.

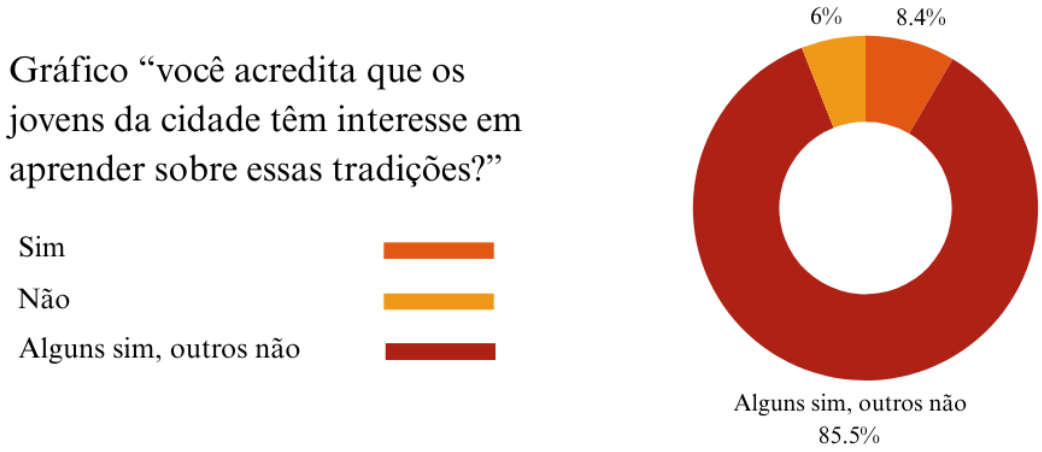
Figura 67 – Gráfico “na sua casa ou família, alguém ainda pratica?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Poucos participantes acreditam em um comprometimento genuinamente amplo dos jovens com a preservação da expressão intangível da cultura, o que levanta o alerta quanto à continuidade dessas expressões culturais ao longo do tempo. Esse distanciamento pode ser explicado por certos fatores, como a escassez de espaços atrativos para os jovens participarem da cultura local e a falta de políticas públicas inclusivas centradas na educação de crianças, jovens e adultos.

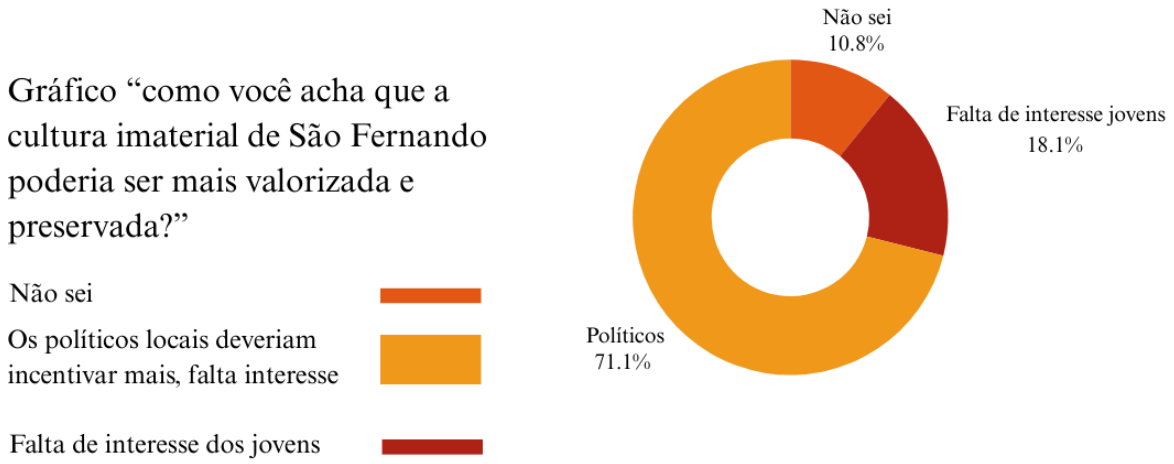
Figura 68 – Gráfico “os jovens tem interesse nas tradições?”



Fonte: Autor, 2025.

Como pode ser visto no gráfico da Figura 69, a maior parte dos participantes atribui aos políticos a principal responsabilidade manutenção da preservação do patrimônio cultural imaterial da cidade. Essa percepção revela uma expectativa clara de que o poder público assuma a liderança na elaboração de políticas culturais consistentes, que não apenas reconheçam a importância das tradições locais, mas também garantam recursos, incentivos e estrutura para a continuidade. Paralelamente, a falta de engajamento da juventude também é vista como um desafio central. Muitos participantes indicam a necessidade de atrair o interesse dos jovens, que muitas vezes se mostram alheios ou desconectados das culturas locais.

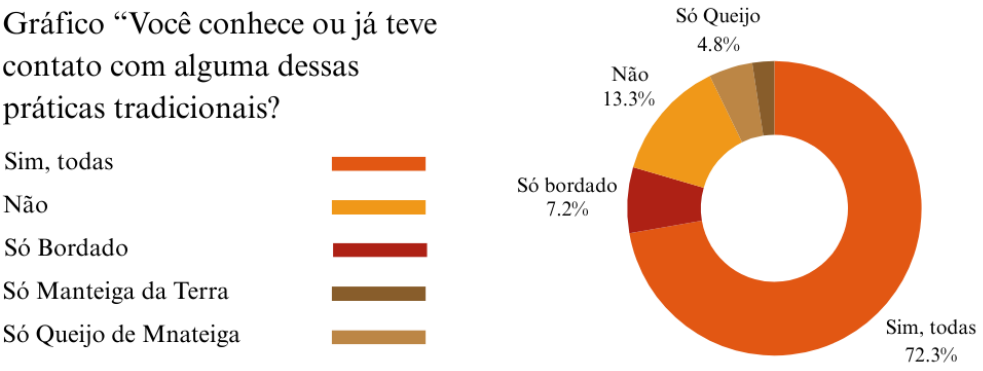
Figura 69 – Gráfico “como a cultura imaterial pode ser mais valorizada?”



Fonte: Autoria própria (2025)

No gráfico da Figura 70 encontra-se o resultado das perguntas feitas com respeito ao conhecimento das práticas e saberes do queijo de manteiga, manteiga da terra e bordados artesanais. A grande maioria (72,3%, 62 pessoas) afirma conhecer ou já ter tido contato com essas práticas tradicionais mencionadas na pesquisa. Isso sugere uma forte presença e reconhecimento dessas atividades na comunidade pesquisada.

Figura 70 – Gráfico “você conhece alguma dessas práticas?”



Fonte: Autoria própria (2025)

5 MESA SERIDÓ: QUEIJO, MANTEIGA E BORDADOS ARTESANAIS DE SÃO FERNANDO

5.1 Seridó e a produção do queijo de manteiga e manteiga da terra

Como vimos, o sertão do Seridó tem suas origens ligadas à ocupação ancestral dos povos indígenas e ao processo de colonização mobilizado pela criação de gado. Por meio da instalação de currais e fazendas que essa área começou a ser povoada pelo ádvena europeu e pessoas afro-brasileiras cruelmente escravizadas (Souza, 2008). Ao longo do tempo, o Seridó consolidou-se como um importante centro de produção artesanal de queijos de coalho e manteiga. O saber fazer de fabricar esses produtos remonta aos tempos da colonização refletindo práticas transmitidas por gerações.

No contexto da expansão do gado durante a colonização, a produção do queijo de manteiga foi incorporada às rotinas das fazendas e sítios do Rio Grande do Norte e, especialmente, do Seridó. Com o passar do tempo, esse queijo passou a apresentar peculiaridades, que o distinguem tanto de outros queijos de manteiga fabricados em diferentes regiões do país quanto de variantes produzidas em outras partes do próprio estado (Mesquita; Rocha; Carneiro, 2010).

No Seridó há o significativo apelo cultural e histórico na produção desse alimento. Sua fabricação ocorre, majoritariamente, por meio de práticas empíricas, baseadas na transmissão oral do saber-fazer entre gerações, em um processo que se perpetua de forma familiar e artesanal (Viana, 2009).

Atualmente, a pecuária, o setor de laticínios e, em especial, a produção de queijo de manteiga na região do Seridó operam relações sociais na organização territorial, agrária e econômica regional. Apesar das limitações estruturais e dos desafios enfrentados pelo setor pecuário, essa atividade continua sendo uma importante fonte de renda para a população local, beneficiando diversos agentes econômicos e contribuindo para a valorização da identidade cultural da região (Azevedo, 2005, p.142). Os produtos alimentícios da criação de gado — como queijos, carnes, manteiga e outros derivados — são reconhecidos não apenas por seu valor nutricional, com alto teor de proteínas e lipídios, mas também por levarem consigo a marca simbólica do Sertão seridoense, reforçando a tradição e a notoriedade da região no cenário agroalimentar do Nordeste brasileiro (Azevedo, 2005).

Segundo dados da Agência de Desenvolvimento Sustentável do Seridó (ADESE, 2011), o consumo de leite per capita nas áreas rurais do Seridó supera o índice recomendado pela

Organização Mundial da Saúde (OMS), que é de 219 litros anuais, alcançando, em alguns casos, níveis comparáveis aos de países do Norte Global. Esse elevado consumo está diretamente associado à culinária regional, na qual o leite ocupa historicamente uma posição central como ingrediente básico em diversas preparações alimentares.

Além disso, a fabricação e a comercialização de derivados do leite, como queijos e manteiga, desempenham um papel significativo na economia local. Essas atividades são majoritariamente desenvolvidas por pequenos produtores rurais, que representam uma parcela expressiva da população economicamente ativa da região. Para muitos desses agricultores familiares, a produção de laticínios constitui sua principal fonte de renda, sendo fundamental para a manutenção de seus modos de vida e para o fortalecimento da economia regional (Silva, 2008).

5.2 Bordado artesanal na região do Seridó

A prática do bordado artesanal na região do Seridó remonta também ao período da colonização portuguesa. Com o avanço da ocupação e apropriação das terras, os sertões foram ressignificados e transculturalizados, revelando suas especificidades antropológicas e sociais internas. Assim, emergiram diferentes “sertões”, entre os quais se destaca o Sertão do Seridó, que desenvolveu identidade e dinâmicas próprias (Morais, 2005).

Além da predominância da criação de gado extensiva, já mencionada no tópico 4.1, o Seridó potiguar se notabilizou, desde há muito tempo, pelo manuseio de atividades artesanais. Dentre essas práticas, destaca-se o trabalho com couro bovino, utilizado na confecção de selas, arreios, móveis e outros artefatos essenciais ao cotidiano sertanejo. Essa produção reflete o aproveitamento integral dos recursos disponíveis e a adaptação às condições do semiárido. A presença dessas atividades está relacionada ao processo de povoamento da região, inicialmente voltado à criação de gado para abastecer a zona litorânea com força motriz para os engenhos de cana-de-açúcar, além de carne, leite e derivados necessários à manutenção econômica e alimentar das áreas açucareiras (Batista, 1988 *apud* Monteiro, 2022)

A introdução do bordado artesanal remonta ao período em que o Arraial Queiquó — atual município de Caicó — se consolidava como o principal entreposto comercial da região, entre o final do século XVII e o início do século XVIII (Batista, 1988, p. 54). Essa prática foi trazida pelas primeiras famílias oriundas de Portugal e do arquipélago dos Açores, que se estabeleceram na região por volta de 1720 (Batista, 1988). O estilo do bordado confeccionado por mulheres apresenta semelhanças com aquele produzido na Ilha da Madeira, evidenciando a

confluência dos saberes do Velho Mundo na conformação do fazer artesanal local (Monteiro et al., 2022). Em viagem de Recife à vila de Aracati (capitania do Ceará), passando pelos sertões da comarca do Rio Grande do Norte, o viajante inglês Henry Koster (2003, p. 210) descreveu, em 1810, as ocupações cotidianas por gênero, ressaltando que "o trabalho feminino consiste inteiramente nos serviços domésticos [...] As mulheres fiam e se ocupam nas tarefas com agulhas".

A região do Seridó ganhou maior projeção nacional a partir da segunda metade do século XIX, com a introdução da *plantation* do algodão (especialmente o do tipo "mocó"), atividade econômica complementar à criação de gado que reduzia sua prática desde o final do século XVIII (Monteiro et al., 2022). O beneficiamento do algodão, particularmente em Caicó e arredores, impulsionou a migração do campo para os centros urbanos, fomentando o crescimento do comércio local, o avanço da urbanização e a construção de escolas, cursos profissionalizantes e infraestrutura viária (Brito, 2010; Araújo, 2013).

De acordo com Monteiro (2022), a organização das bordadeiras no Seridó surgiu como resposta à necessidade financeira das famílias. A produção e a comercialização do bordado ocorriam predominantemente no ambiente doméstico, uma vez que no sistema patriarcal o trabalho feminino fora de casa era inviável devido às restrições sociais impostas às mulheres. O machismo estrutural, somado às responsabilidades com os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, contribuiu para que o bordado artesanal se consolidasse como atividade tecida no interior da casa (Monteiro, 2022, p. 58). O viajante francês Jean Baptiste Debret representou a casa como territorialidade de produção de bordados ou outros objetos tecidos por mãos femininas negras escravizadas/livres e brancas (Figura 71).

Figura 71 - Une dame brésilienne dans son interieur

Fonte: Brasiliana Iconográfica (1835)

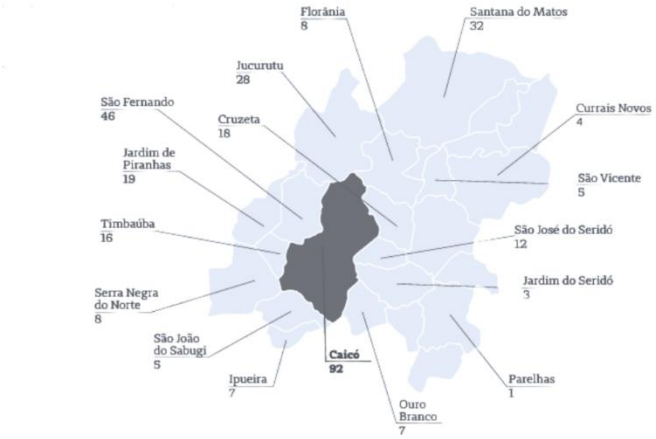
Com o tempo, o bordado do Seridó passou a ser reconhecido pela beleza e qualidade de suas peças, ganhando visibilidade além das fronteiras locais e nacionais. Assim como afirma (Lopes et al. 2012), são vendidos em vários lugares do Brasil, países latino-americanos e da Europa através da Associação das Bordadeiras.

Ademais, o bordado artesanal no Seridó estrutura-se por meio de relações familiares e de vizinhança na produção e comercialização de artefatos têxteis (Azevedo, 2017). Trata-se, portanto, de uma atividade que transcende o aspecto econômico, assumindo relevância também nos âmbitos político, social e cultural, contribuindo para a compreensão do território vinculado ao gênero feminino de produção. Nesse contexto, a ordem social vigente impõe seu ritmo à atividade, moldando a espacialização da produção, que, por sua vez, se reorganiza continuamente em resposta a novas articulações, refletindo-se na realidade como consequência e direção lógica de um processo produtivo em constante movimento (Monteiro, 2022).

5.3 Queijo de Manteiga e Manteiga da Terra em São Fernando

De acordo com dados do SEBRAE (2019), a região do Seridó destaca-se como o principal polo de produção de queijo artesanal no estado do Rio Grande do Norte, concentrando o maior número de queijeiras – local de preparo – em atividade. Nesse contexto, o município de São Fernando ocupa posição de destaque, sendo o segundo com maior número de queijeiras na região do Seridó, ficando atrás de Caicó — município considerado a "capital do Seridó" e reconhecido por sua expressiva produção de derivados do leite (Figura 72). A presença significativa dessas unidades de produção em São Fernando evidencia a relevância da atividade queijeira não apenas como fator econômico local, mas também como elemento cultural, associado ao saber-fazer tradicional transmitido entre gerações.

Figura 72 – Quantidades de queijeiras na Região do Seridó



Fonte: SEBRAE, adaptadp pelo Autor (2019)

Conforme apresentado no mapa da figura acima, o município de São Fernando conta com 46 queijeiras, mesmo possuindo uma população de apenas 3.492 habitantes. Em comparação, Caicó — município com 63.339 habitantes, segundo dados do IBGE (2022) — abriga 92 queijeiras. Esses números evidenciam a forte presença da produção de queijo e manteiga da terra em São Fernando.

Com o intuito de identificar informações sobre a produção do queijo, compreender a relação que os/as produtores/as estabelecem com determinadas expressões e verificar se consideram essas expressões valorizadas, foi elaborado um questionário, por meio da plataforma *Google Forms*, direcionado às pessoas envolvidas na preparação do queijo e na permanência do saber-fazer queijo. O formulário foi disponibilizado por meio de um link, e a coleta de dados ocorreu entre os dias 29 de abril e 6 de maio de 2025. O questionário contou com 15 perguntas, distribuídas entre questões objetivas e discursivas. Finalizada a pesquisa, foram registradas 10 respostas. Todos os participantes têm mais de 40 anos, o que revela um grupo homogêneo em termos etários, formado por pessoas com ampla experiência e maturidade. Essa configuração também pode sugerir um distanciamento dos jovens em relação a essa atividade.

Figura 73 – Gráfico de Idade

Fonte: Autoria própria (2025)

A totalidade dos participantes é composta por homens (Figura 74), o que aponta, nessa amostragem, a produção de queijo de manteiga e manteiga da terra atrelada ao gênero masculino, diferentemente do registrado com o manuseio feminino de algodão para a tessitura de bordado.

Figura 74 – Gráfico de Gênero

Fonte: Autoria própria (2025)

A maioria dos participantes possui trajetória na produção de queijo de manteiga e manteiga da terra, o que evidencia um saber tradicional sustentado pela experiência prática acumulada ao longo dos anos. Por outro lado, apenas um dos participantes está no início da jornada, revelando baixa adesão dos jovens no saber-fazer queijo e manteiga e levantar preocupações quanto à continuidade desse saber-fazer, caso não haja incentivo para a entrada de novos produtores.

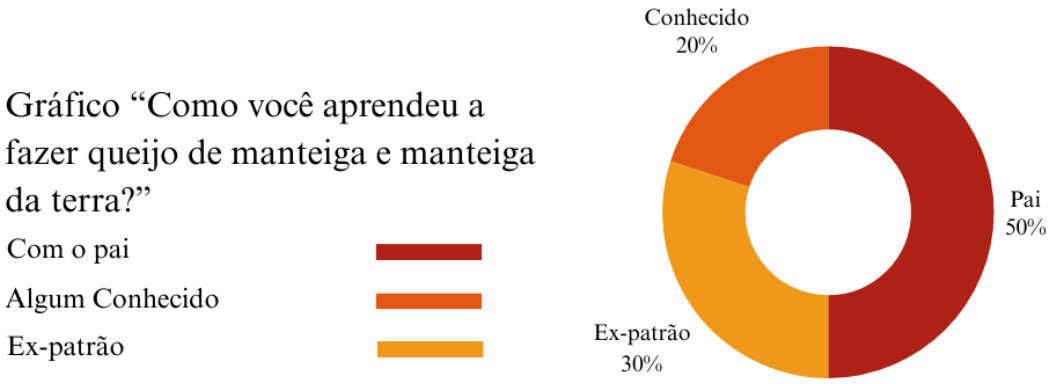
Figura 75 – Gráfico “Há quanto tempo você trabalha?”

Fonte: Autoria própria (2025)

A transmissão familiar aparece como a principal forma de aprendizado: metade dos participantes (50%) adquiriu a técnica trabalhando diretamente com o pai. Esse fenômeno é bastante significativo, pois reforça o enquadramento núcleo familiar como territorialidade primeira de reconhecimento da cultura. Mesmo assim, 30% aprenderam com ex-patrões, e 20% com conhecidos. Esses índices conferem às relações de trabalho e aos vínculos comunitários como mediações na difusão do conhecimento sobre a produção de queijo de manteiga e manteiga da terra. (Figura 76)

Essa combinação sugere que, não obstante o saber tradicional permaneça movimentando as relações familiares, ele também se adapta a contextos mais amplos, como o tempo presente, o ambiente de trabalho e a rede social local. A presença de diferentes formas de transmissão pode ser positiva, pois contribui para a diversificação e continuidade do saber-fazer, mas também indica que o conhecimento pode se fragilizar se a transmissão familiar for interrompida.

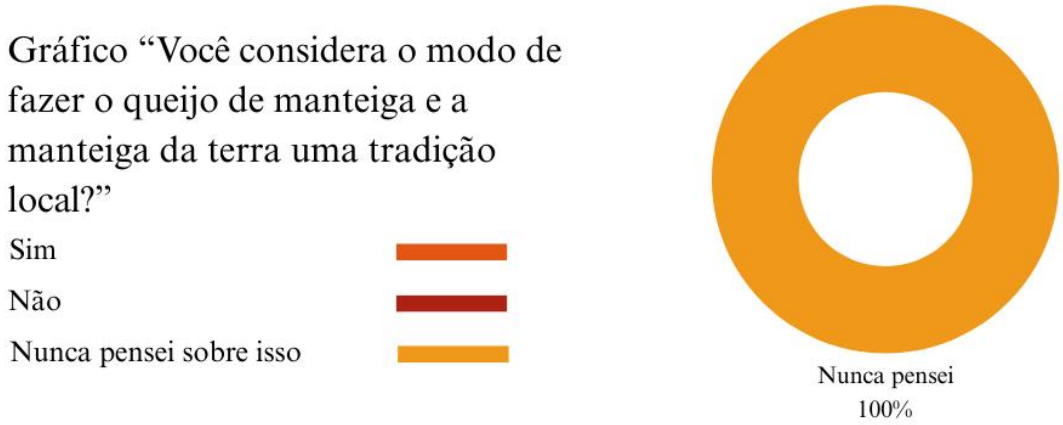
Figura 76 – Gráfico “Como você aprendeu?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Nenhuma das pessoas que respondeu ao questionário demonstrou ter refletido sobre o valor cultural associado à atividade que desempenham. Isso demonstra que a atividade exerce função material, de sustento, sem lhe ser atribuído qualquer significado simbólico e histórico do ofício. Essa falta de percepção aponta para um desconhecimento do papel que a produção de queijo de manteiga e manteiga da terra pode exercer como expressão do patrimônio cultural imaterial. Sem educação patrimonial talvez esse aspecto se torne irreversível. A ausência dessa valorização pode comprometer a preservação da prática a longo prazo, uma vez que o reconhecimento cultural é um fator importante para sua continuidade e transmissão às futuras gerações.

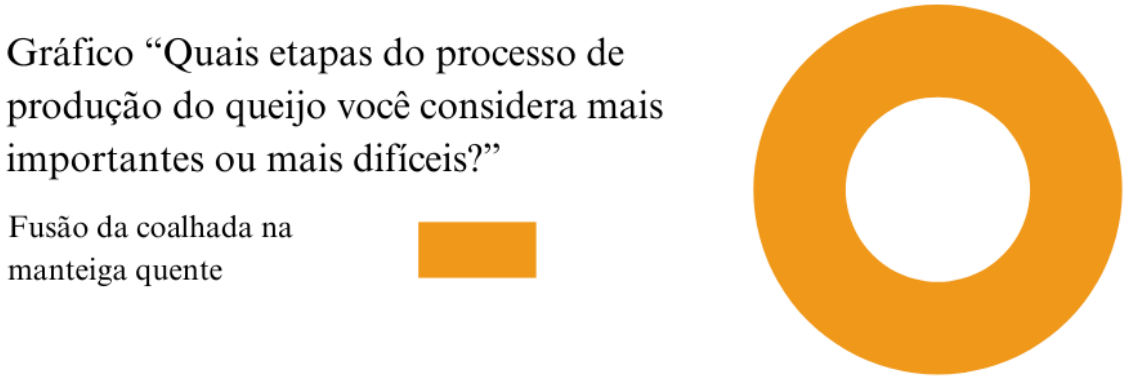
Figura 77 – Gráfico “Você considera o modo de fazer uma tradição local?”



Fonte: Autoria própria (2025)

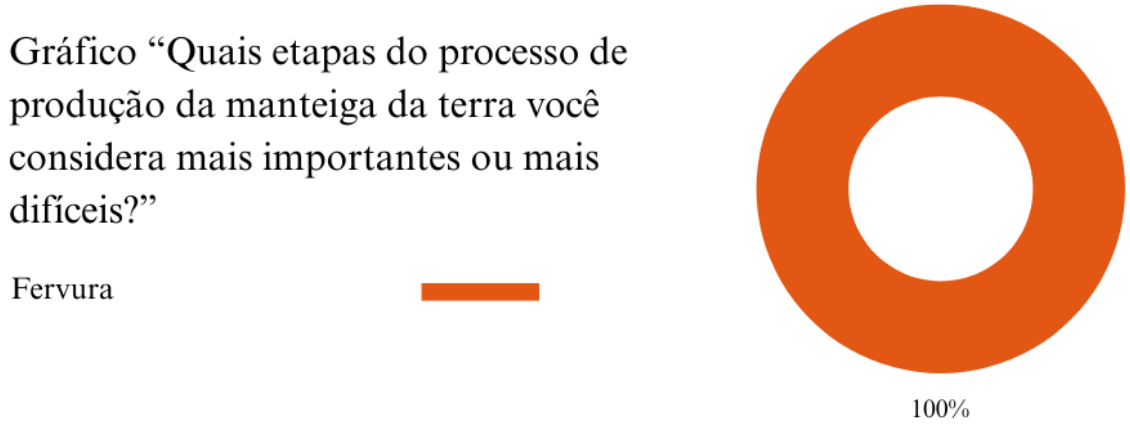
Quanto à pergunta: “Quais etapas do processo de produção de queijo você considera mais importante ou mais difíceis”? Como mostra os gráficos das figuras 68 e 69, 100% dos que responderam à pergunta consideram complexo de todo o processo, pois envolve um grau elevado de dificuldade e exige técnica apurada. Esse consenso reforça a ideia de que essa fase demanda atenção especial, precisão nos movimentos e domínio prático adquirido ao longo do tempo. A execução correta provavelmente depende de variáveis sensíveis, como temperatura, tempo de manuseio e consistência dos ingredientes, exigindo habilidade e experiência acumulada.

Figura 78 – Gráfico “Quais etapas mais importantes ou difíceis?”



Fonte: Autoria própria (2025)

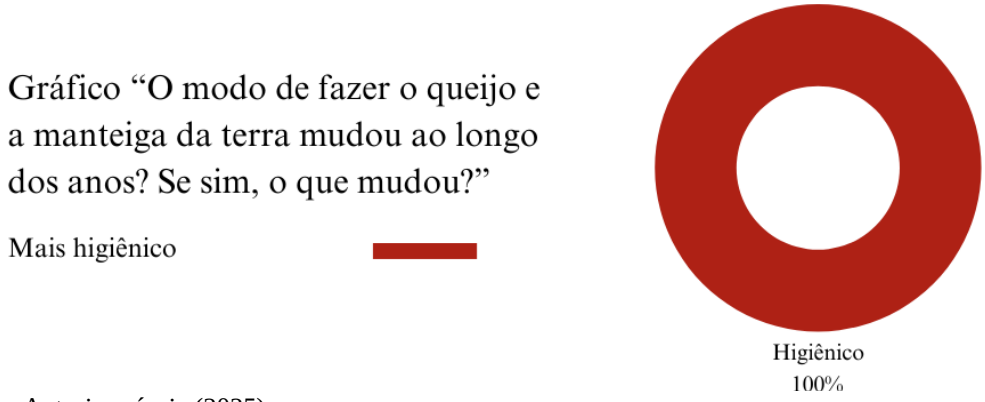
Figura 79 – Gráfico “Quais etapas mais importantes ou difíceis?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Todos os entrevistados sublinharam melhorias significativas nas práticas de higiene, o que pode estar diretamente relacionado à implementação de normas sanitárias e ao aumento da conscientização em relação à importância da segurança e qualidade dos alimentos.

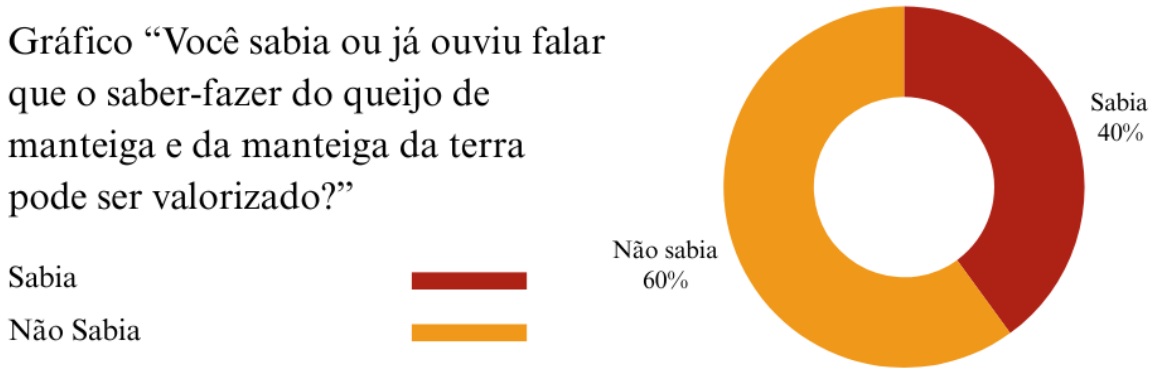
Figura 80 – Gráfico “O modo de fazer mudou?”



Fonte: Autoria própria (2025)

A maioria dos participantes revelou não ter conhecimento sobre a possibilidade de reconhecimento cultural desse saber tradicional como patrimônio imaterial. Esse desconhecimento evidencia a carência de iniciativas voltadas à valorização e à divulgação desse tipo de conhecimento, ressaltando a importância de políticas públicas e ações educativas que promovam seu reconhecimento, preservação e transmissão às futuras gerações (Figura 81).

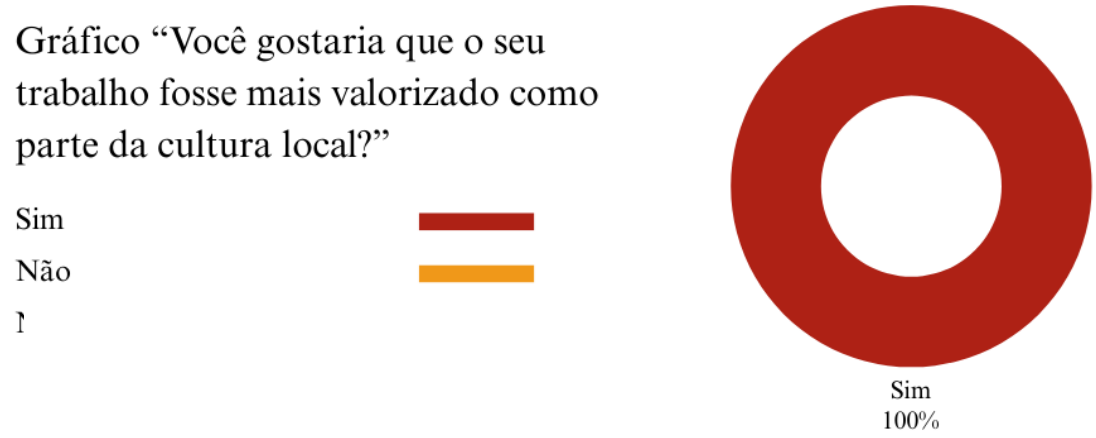
Figura 81 – Gráfico “Você sabia que esses saberes podem ser valorizados?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Embora muitos não atribuam significância cultural ao saber fazer queijo e manteiga, todos expressam o desejo de maior reconhecimento por parte da sociedade. Esse anseio aponta que o reconhecimento — seja por meio de políticas públicas, valorização popular, certificações ou reconhecimento institucional — pode estimular a consolidação de uma rede solidária dos praticantes e a continuidade dessa cultura, incentivando sua preservação e transmissão para as próximas gerações, como mostra na Figura 82.

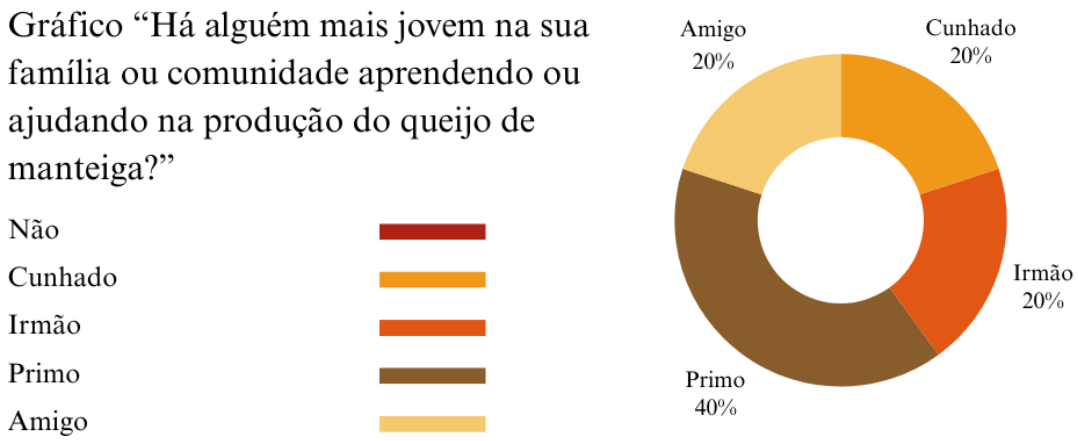
Figura 82 – Gráfico “Você gostaria que seu trabalho fosse mais reconhecido?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Como se nota no gráfico da Figura 83, relativo às respostas da pergunta: “Há alguém mais jovem na sua família ou comunidade aprendendo ou ajudando na produção do queijo de manteiga?”, existe a presença de algum nível de transmissão intergeracional do saber. No entanto, a ausência de menções diretas a filhos, sobrinhos ou outros membros mais jovens da família como possíveis continuadores da prática pode ser um indicativo preocupante.

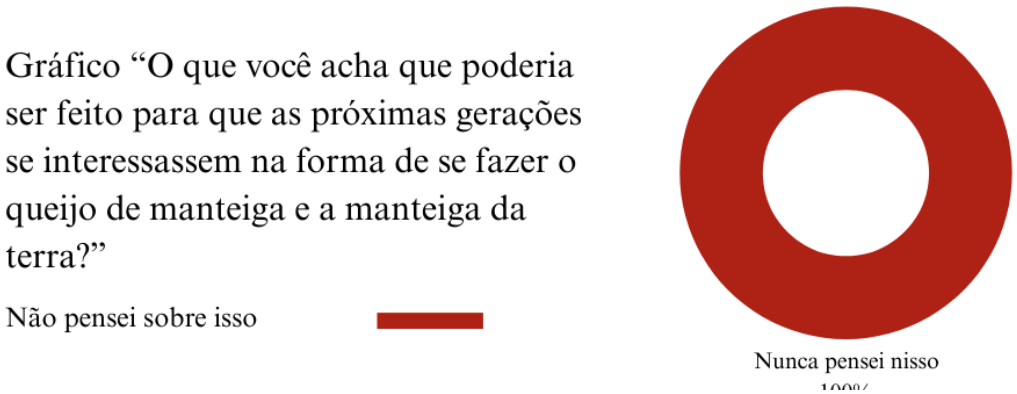
Figura 83 – Gráfico “Há alguém mais jovem aprendendo ou ajudando?”



Fonte: Autoria própria (2025)

A totalidade dos entrevistados afirmou nunca ter refletido sobre a continuidade do saber-fazer que exercem, evidenciando a ausência de planejamento de programas municipais voltados à participação ativa dos jovens no conhecimento e aprendizado.

Figura 84 – Gráfico “O que você acha que poderia ser feito para as próximas gerações se interessarem?”

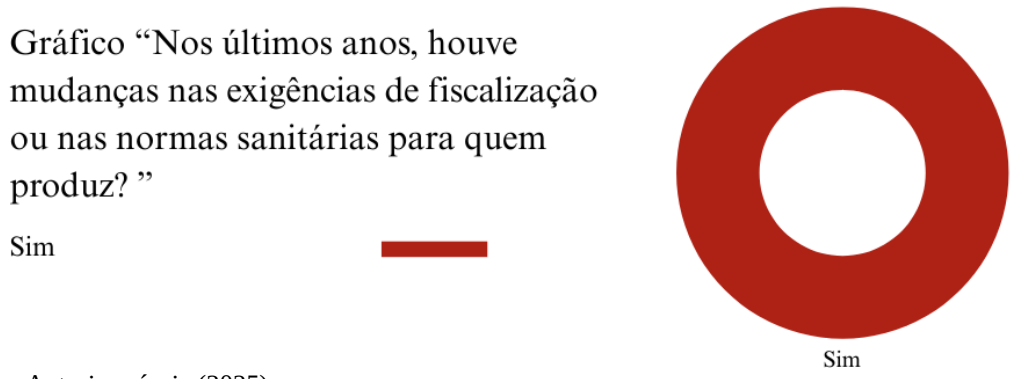


Fonte: Autoria própria (2025)

Todos os participantes relataram ter percebido mudanças nas exigências sanitárias ao longo dos últimos anos, indicando unanimemente (100%) que houve transformações nesse aspecto. Essa percepção coletiva evidencia um processo crescente de regulamentação da atividade artesanal, com maior rigor nas normas e fiscalizações. Tal cenário aponta para a

institucionalização gradual dessas práticas, o que, embora possa representar desafios para os produtores, também pode contribuir para a valorização, padronização e segurança dos produtos artesanais.

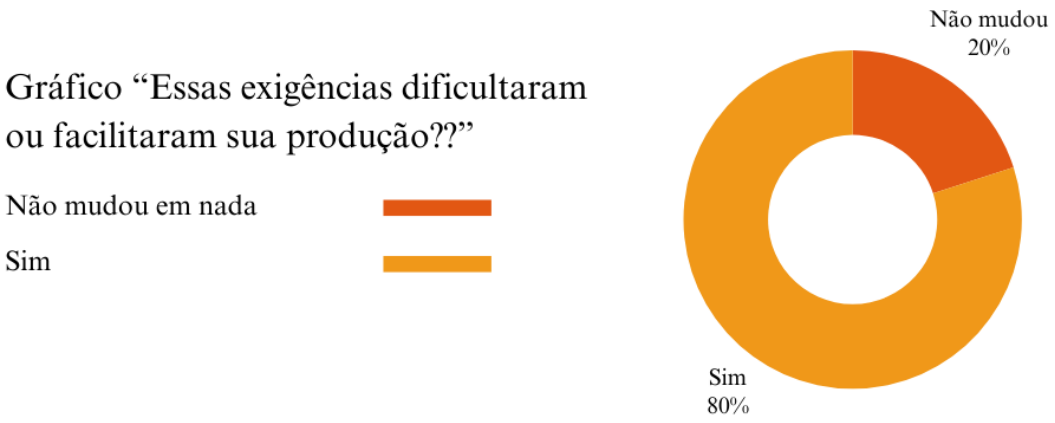
Figura 85 – Gráfico “Houve mudanças nas exigências de fiscalização?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Quando questionados sobre os efeitos das novas exigências sanitárias na produção, 80% dos entrevistados afirmaram que essas mudanças dificultaram suas atividades, enquanto 20% disseram não ter percebido impacto. A percepção majoritária de dificuldades revela que as novas regulamentações tiveram um efeito significativo sobre os produtores artesanais.

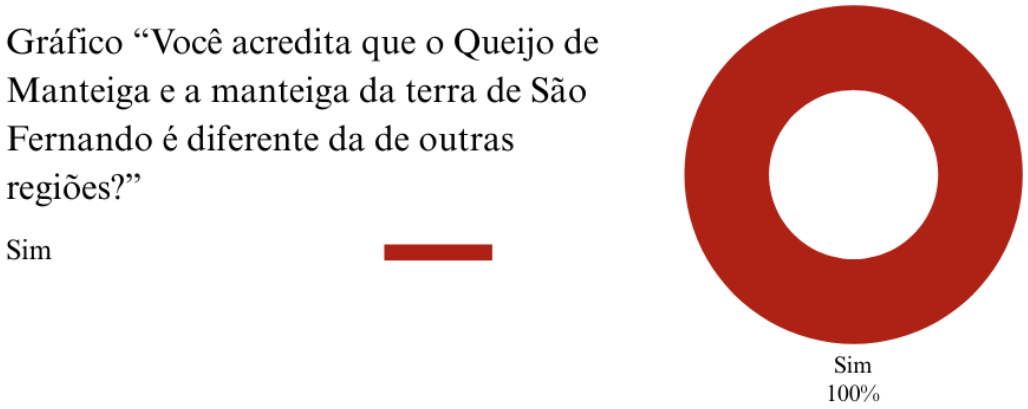
Figura 86 – Gráfico “As exigências dificultaram ou facilitaram?”



Fonte: Autoria própria (2025)

A pergunta “Você acredita que o queijo de manteiga e a manteiga da terra de São Fernando é diferente do de outras regiões?”, mostrou que todos (100%) afirmaram acreditar que o queijo e a manteiga produzidos na cidade apresentam idiossincrasias em comparação com outros produzidos em regiões adjacentes. Esse reconhecimento unânime do produto local demonstra um forte senso de pertencimento e valorização cultural.

Figura 87 – Gráfico “Você acredita que o produto de São Fernando é diferente?”



Fonte: Autoria própria (2025)

5.4 Processo de fabricação da “Manteiga da Terra” e do “Queijo de Manteiga”

5.4.1 Manteiga da Terra

As informações detalhadas sobre o processo e outros dados estão disponíveis no Inventário da Manteiga da Terra[5]. De acordo com os relatos dos entrevistados, todos seguem método de preparo semelhante composto pelas seguintes etapas:

- **Descanso do leite cru:** O leite é deixado em repouso por 12 a 24 horas para que a nata (gordura) se forme na superfície.
- **Coleta da nata:** A camada superior (nata) é retirada com cuidado e acumulada por alguns dias.
- **Fervura da nata:** A nata é colocada em uma panela (ou tacho grande) e levada ao fogo (geralmente à lenha), sendo mexida constantemente.
- **Separação da gordura:** A gordura começa a se separar e flutuar. O líquido mais escuro no fundo (conhecido como “borra”) vai ficando mais evidente.
- **Coagem:** A manteiga líquida é coada em pano limpo ou peneira fina.
- **Armazenamento:** Ainda quente, a manteiga é colocada em garrafas ou potes de vidro.

[5] Ver apêndice D.

Figura 88 – Local onde é produzido/Manteiga em processo final

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 89 – Manteiga em tambor/Manteiga em garrafa

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

5.4.2 Queijo de Manteiga

Os detalhes sobre o processo e outras informações podem ser encontrados no Inventário do Queijo de Manteiga[6]. Conforme descrições de pessoas entrevistadas e observação direta, o preparo envolve:

- **Ordenha:** A retirada do leite da vaca pode ser realizada de forma manual ou mecânica, conforme os recursos disponíveis na propriedade.

[6] Ver apêndice E.

- **Desnatação do leite:** Logo após a ordenha, o leite é desnatado completamente, separando a gordura do restante do líquido.
- **Preparo da coalhada:** O leite cru é deixado em repouso por algumas horas, permitindo que coagule naturalmente por fermentação espontânea.
- **Mistura e aquecimento:** A coalhada é então misturada ao leite desnatado e aquecida levemente. Em seguida, a massa é prensada para retirada parcial do soro, sem atingir a consistência firme típica do queijo coalho. Parte desse soro é reservada para reutilização, especialmente na alimentação de animais como bovinos e suínos
- **Textura liguenta e préfusão:** Com o aquecimento e a constante movimentação, a mistura começa a adquirir uma textura levemente liguenta, preparando-se para receber a gordura.
- **Adição da manteiga da terra**: Adiciona-se a manteiga da terra (também conhecida como manteiga de garrafa). A coalhada ou queijo coalho "quebrado" é incorporado à manteiga quente, junto com uma porção do soro reservado. A mistura é cozida lentamente e mexida sem parar até atingir textura elástica e uniforme.
- **Fusão e Ponto de Fio:** O momento-chave do processo é o ponto de fio: quando a massa se torna coesa e bem incorporada. Nessa fase, o sabor e a gordura da manteiga se integram completamente à massa do queijo.
- **Modelagem e Resfriamento:** Ainda quente, o queijo é moldado em formas ou tigelas, geralmente de alumínio ou barro. Após o resfriamento, o queijo endurece naturalmente e está pronto para ser desenformado e consumido.

Figura 90 – Fase inicial produção do Queijo

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

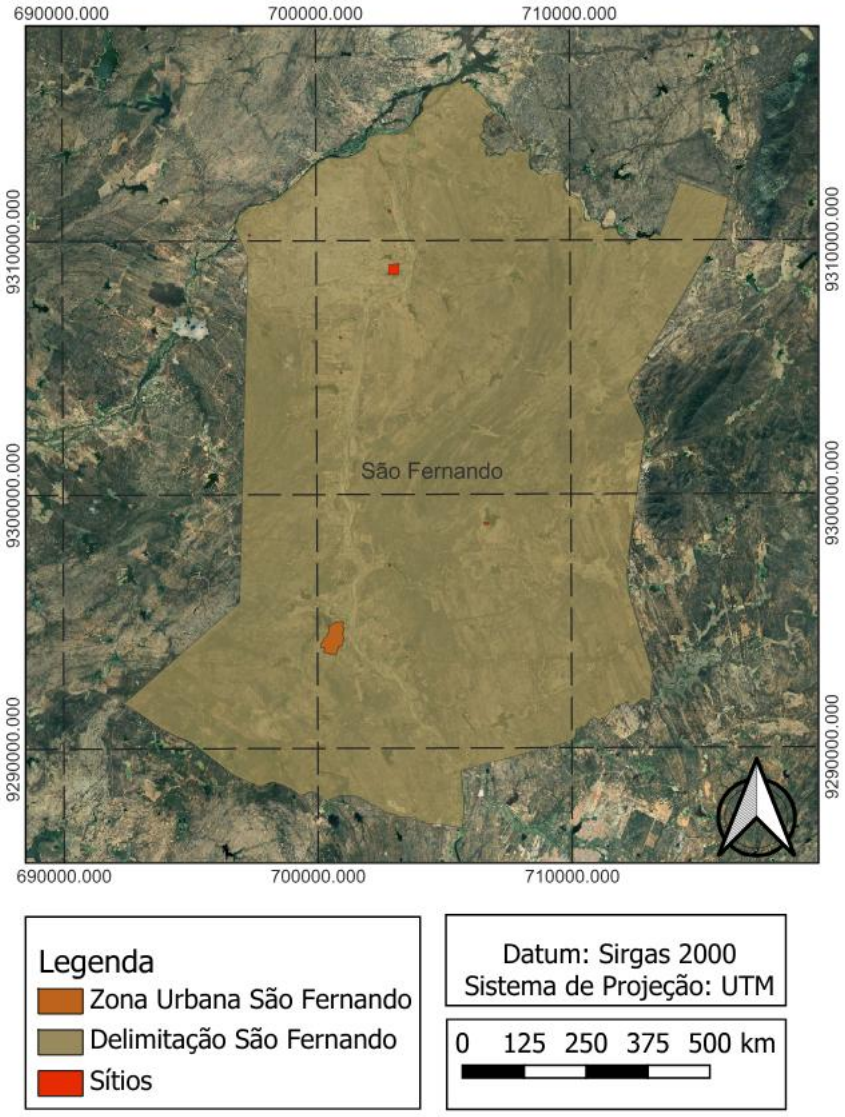
Figura 91 – Queijo sendo enformado/enformado

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

5.5 Dos locais onde ocorrem a produção

O Mapa 02 representada a delimitação territorial do município de São Fernando. Nota-se o contraste entre a pequena extensão da área urbana e a vasta área relativa ao ambiente rural. De acordo com dados do IBGE, o município possui uma área total de 404,427 km², sendo evidente que grande parte desse território é composta por áreas rurais. Essa desproporção evidencia a característica predominantemente rural do município, com concentrações urbanas bastante pontuais, o que interfere diretamente na dinâmica socioeconômica local.

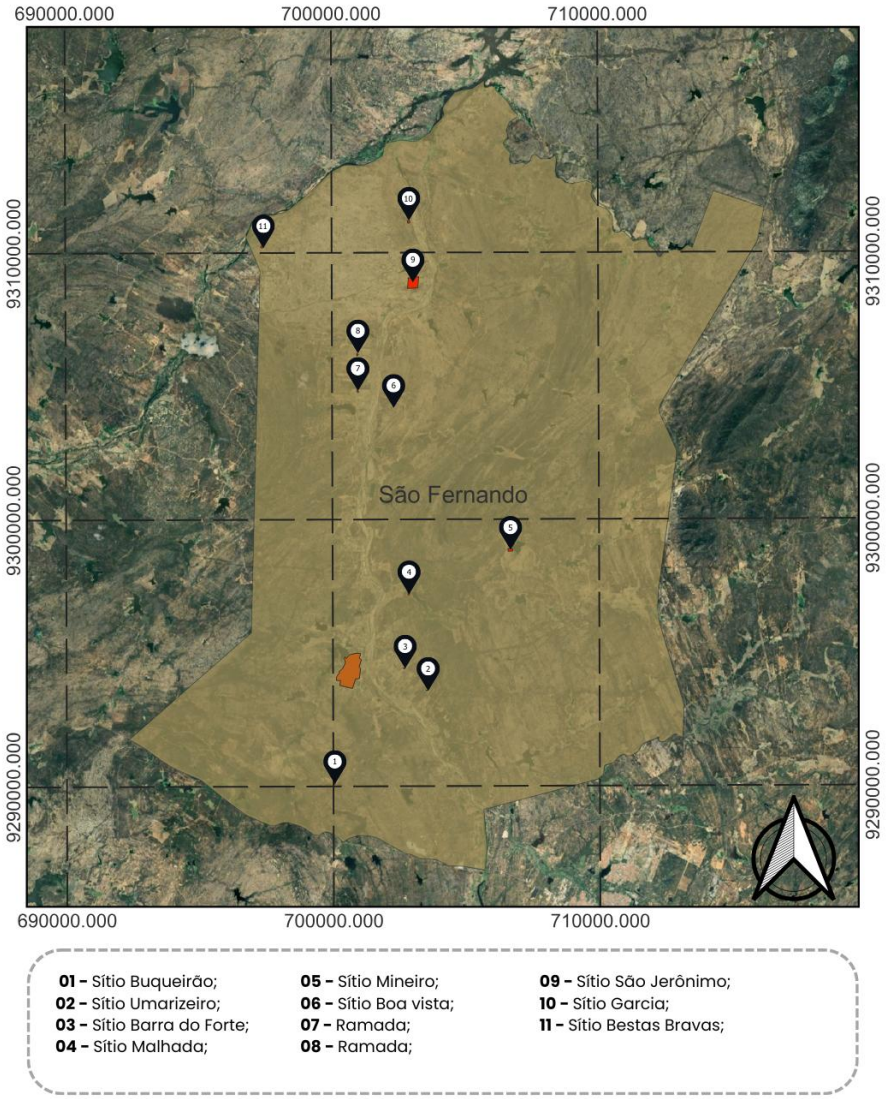
Mapa 02 – Delimitação São Fernando-RN.



Fonte: Autoria própria, adaptado do IBGE (2022)

É importante ressaltar que as produções de Queijo de Manteiga e Manteiga da Terra se fazem em fábricas localizadas no campo. Essa concentração se deve às exigências sanitárias, que determinam condições adequadas de higiene e infraestrutura para a manipulação de alimentos. Além disso, a produção desses alimentos está relacionada à criação de gado, realizada por pecuaristas que conhecem os saberes tradicionais ligados ao manejo do gado e ao beneficiamento do leite. O mapa da figura 92 identifica, no território da cidade, 11 locais de produção de queijo.

Figura 92 – Locais de Produção de Queijo e Manteiga.



Fonte: Autoria própria, adaptado do IBGE (2022)

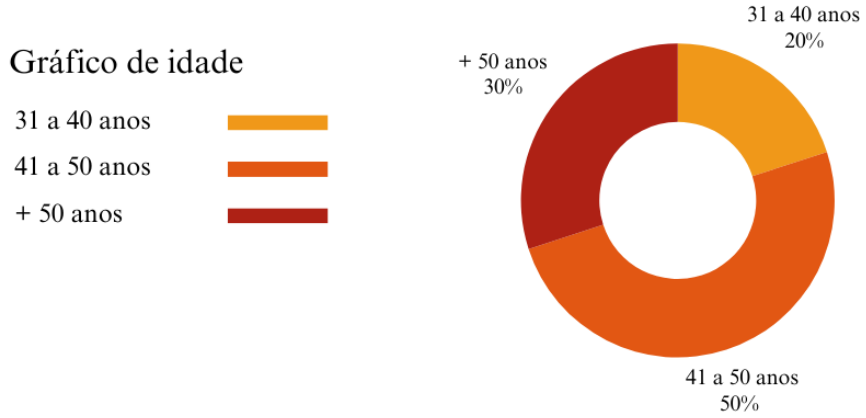
Essas fábricas se situam em 10 diferentes sítios. Os locais mapeados são: Sítio Buqueirão, Sítio Umarizeiro, Sítio Barra do Forte, Sítio Malhada, Sítio Mineiro, Sítio Boa Vista, Sítio Ramada — este último concentrando dois locais distintos de produção —, além dos sítios Garcia, São Jerônimo e Bestas Bravas.

5.6 Bordados Artesanais em São Fernando

Também foi criado um questionário no *Google Forms* com o propósito de identificar aspectos relacionados à produção de bordados artesanais, compreender as relações dessa prática e avaliar a percepção das bordadeiras quanto à valorização dessas expressões.

Esse instrumento heurístico foi direcionado às bordadeiras e disponibilizado por meio de um link eletrônico. A coleta de dados ocorreu entre os dias 29 de abril e 6 de maio de 2025. O questionário possui 12 perguntas, entre objetivas e discursivas. Foram obtidas 10 respostas. Os dados indicam que a prática do bordado, no contexto analisado, é exercida exclusivamente por mulheres. Esse fato frisa a interseccionalidade entre gênero e cultura imaterial. A maioria das bordadeiras está na faixa etária entre 41 e 50 anos. A presença de apenas 20% das que participaram estão abaixo dos 40 anos (Figuras 93 e 94).

Figura 93 – Gráfico de idade



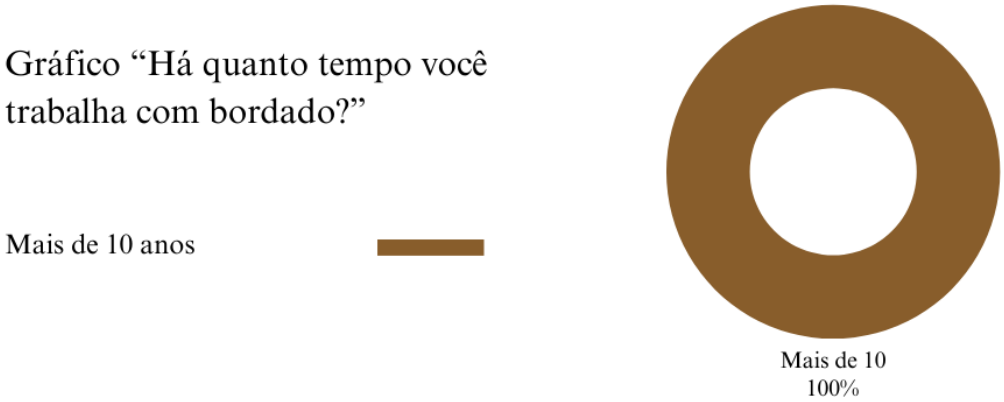
Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 94 – Gráfico de gênero

Fonte: Autoria própria (2025)

Como mostra a Figura 95, todas as participantes possuem mais de dez anos de experiência na prática do bordado, representando uma atividade constitutiva da memória e do afeto das envolvidas. O acúmulo de conhecimento artesanal, transmitido por gerações ou desenvolvido individualmente, constitui um patrimônio imaterial de grande valor cultural.

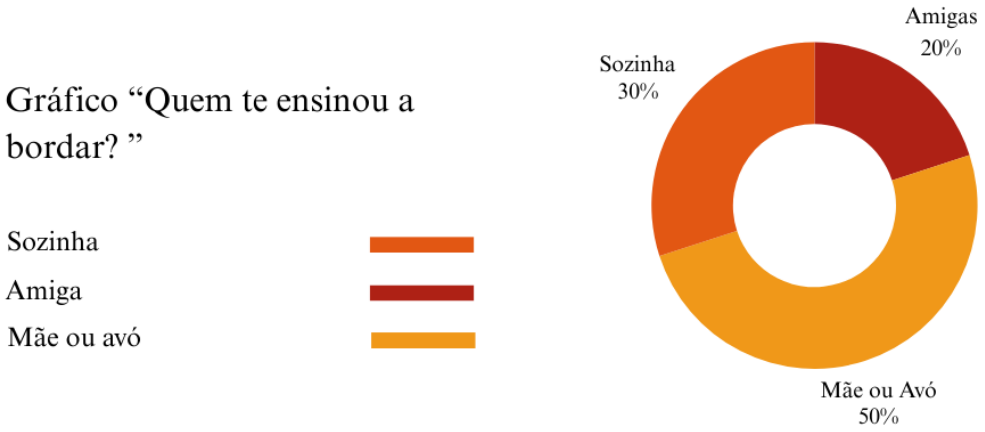
Figura 95 – Gráfico “Há quanto tempo você trabalha com bordado?”



Fonte: Autoria própria (2025)

A transmissão intergeracional do bordado revela-se um elemento fundamental para a preservação dessa prática cultural: mães e avós são as principais responsável pelo ensino da prática, apresentando em 50% dos casos analisados. Esse dado reforça o papel central da convivência familiar na manutenção dos saberes tradicionais. No entanto, observa-se que uma parcela expressiva das participantes aprendeu a bordar de forma autodidata (30%) ou com amigas (20%) (Figura 96).

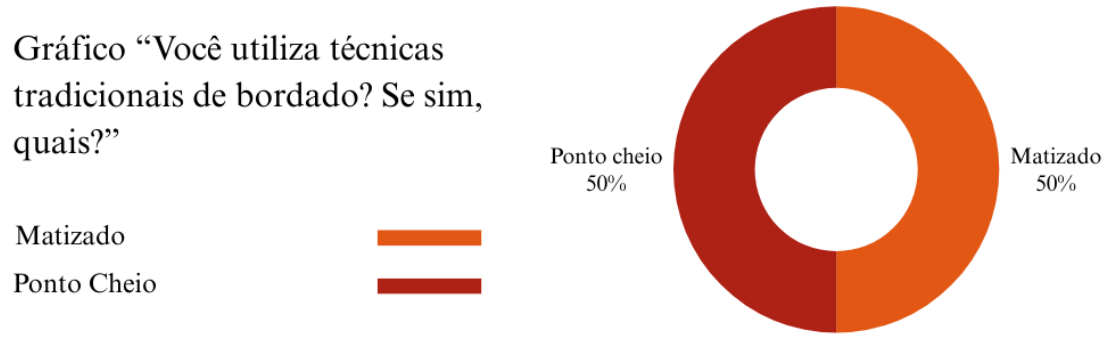
Figura 96 – Gráfico “Quem te ensinou a bordar?”



Fonte: Autoria própria (2025)

No que tange às técnicas tradicionais, as bordadeiras demonstram ligação com o saber tradicional ao utilizarem técnicas artesanais consolidadas, como o ponto cheio e o matizado. A divisão equilibrada entre essas duas abordagens revela uma prática rica em possibilidades e variações, expressando conhecimento artístico e habilidade.

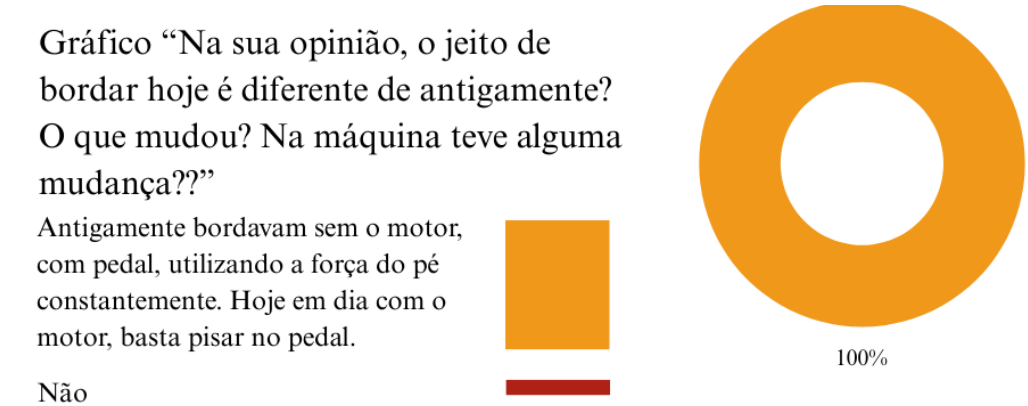
Figura 97 – Gráfico “Quais técnicas você utiliza?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Todas as bordadeiras perceberam mudanças tecnológicas ao longo do tempo, especialmente no uso dos equipamentos elétricos e motorizados. A substituição das antigas máquinas de pedal manual por modelos com motor representa a modernização da prática, que contribuiu para tornar o trabalho menos cansativo e fisicamente exigente. Apesar dessa mudança, o caráter artesanal do bordado foi preservado, demonstrando uma sua resiliência de adaptação às novas tecnologias sem comprometer a essência do saber tradicional (Figura 98).

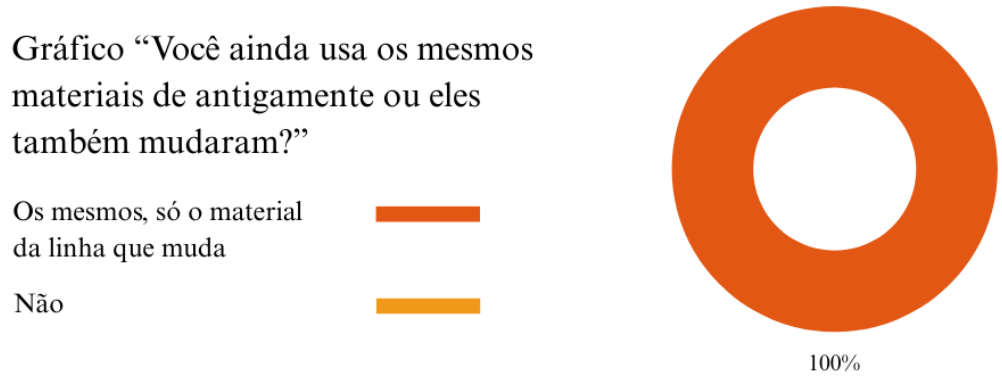
Figura 98 – Gráfico “O jeito de bordar modificou?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Os materiais utilizados na produção permanecem, em alguma medida, os mesmos de outros tempos. Essa constância reforça a continuidade de um saber-fazer perpetuado na memória, mantendo viva a forma original de preparo. A única alteração mencionada pelas bordadeiras refere-se ao tipo de linha empregada, alteração que, possivelmente, se relaciona à maior disponibilidade no mercado, à durabilidade ou à melhoria na qualidade do material. (Figura 99)

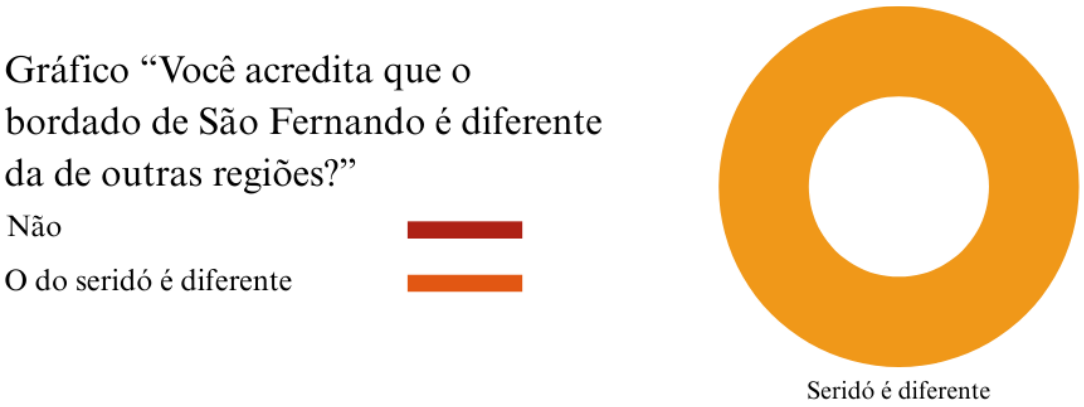
Figura 99 – Gráfico “Usa os mesmos materiais?”



Fonte: Autoria própria (2025)

Todas as entrevistadas (100%) afirmaram que o bordado do Seridó é “diferente” ou original (Figura 100). Essa percepção coletiva reforça a existência de um vínculo profundo entre a comunidade e sua produção artesanal, especialmente no que diz respeito às características ornamentais do bordado de São Fernando — seja pelos traços, pela maneira de tecer, pelas técnicas utilizadas ou pelos significados atribuídos à prática.

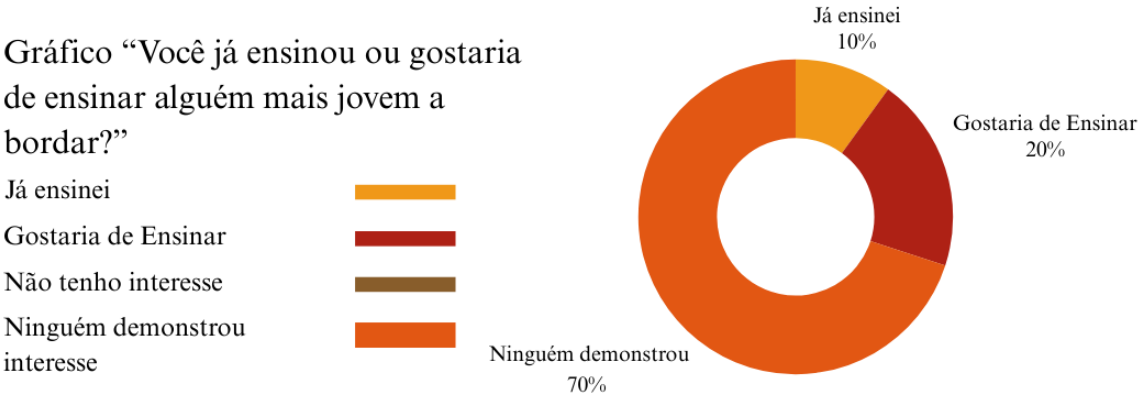
Figura 100 – Gráfico “O bordado do Seridó é diferente?”



Fonte: Autoria própria (2025)

E quanto à transmissão do saber e o interesse dos jovens da atividade? Como mostra o gráfico da Figura 101, as cifras indicam que 70% das pessoas que responderam ao questionário nunca demonstraram interesse em transmitir seus conhecimentos, 20% expressam o desejo de ensinar e 10% já tiveram a experiência de repassar o saber-fazer a outras pessoas. Esses números registram um quadro de certa forma preocupante em relação à baixa mobilização em torno da transmissão intergeracional.

Figura 101 – Gráfico “Você ensinou ou gostaria de ensinar?”



Fonte: Autoria própria (2025)

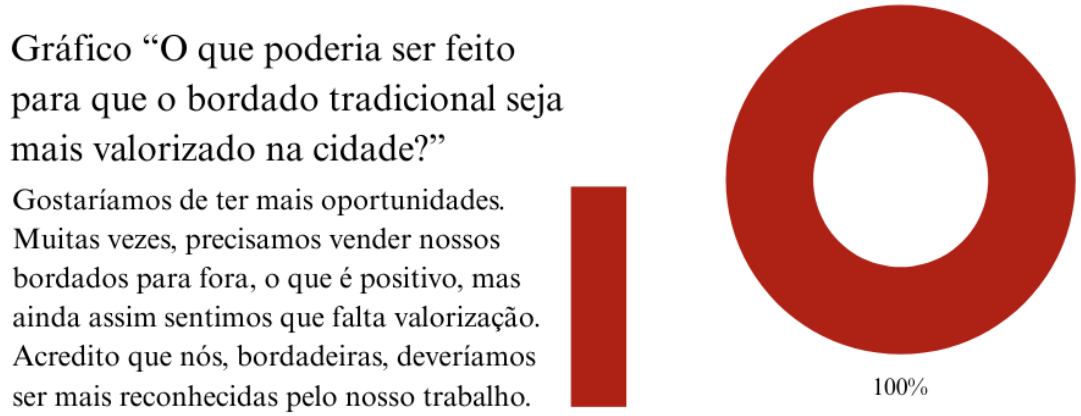
Todas as participantes afirmaram nunca ter pensado sobre o bordado como parte da cultura local, representando 100% de ausência de reflexão nesse sentido. Esse dado é particularmente preocupante, pois evidencia uma falta de reconhecimento simbólico da prática dentro da própria comunidade que a executa. Ou seja, embora o bordado esteja presente no cotidiano, ele ainda não é compreendido como um elemento representativo da identidade cultural e histórica do território. (Figura 102)

Figura 102 – Gráfico “Você considera o bordado parte da cultura de São Fernando?”

Fonte: Autoria própria (2025)

Como pode ser visto na Figura 103, existe um desejo unânime entre as bordadeiras por maior reconhecimento, valorização e acesso a oportunidades concretas que fortaleçam sua atividade. Esse sentimento coletivo revela que as artesãs não apenas reconhecem a importância do que produzem, mas também percebem com clareza a falta de visibilidade e apoio institucional destinados à prática do bordado em suas comunidades.

Figura 103 – Gráfico “O que poderia ser feito para valorizar mais?”



Fonte: Autoria própria (2025)

5.7 Processo de elaboração dos bordados artesanais

O Inventário dos Bordados Artesanais[7] reúne os detalhes do processo de confecção. Conforme os relatos das entrevistadas, emprega-se o mesmo método de tessitura, a saber:

- **Risco (Desenho ou Croqui):** O processo de bordar começa com a criação do "risco", nome dado ao desenho que será transferido para o tecido. Esse croqui pode ser feito manualmente pelas próprias bordadeiras ou escolhido a partir de modelos já existentes. O risco é fundamental, pois orienta a composição das figuras do bordado.
- **Transferência do Desenho:** Após a definição do risco, o desenho é transferido para o tecido com o uso de “papel carbono”. Essa fase exige cuidado e precisão, pois qualquer erro pode comprometer a harmonia da forma bordada.
- **Escolha do Tecido e das Linhas:** Os tecidos mais utilizados são o linho, cambraia de linho, percal, tricoline, étamine, *oxford* e até o jeans. A escolha depende do tipo de peça e da finalidade. As linhas de seda são comuns por darem brilho e sofisticação às peças, embora outros tipos de linha também sejam usados.
- **Técnicas de Bordado:** As principais técnicas identificadas nos bordados finos do Seridó são: **Ponto Cheio:** Utilizado para preencher completamente as áreas do desenho, criando formas sólidas e marcantes. **Matizado:** Técnica que permite mesclar tons de linha, dando efeito sombreado e mais realismo aos desenhos, especialmente flores e folhagens.

[7] Ver apêndice B.

- **Execução em máquina costura de pedal:** Todo o processo é feito na máquina, com agulha e bastidor, o que exige coordenação motora, paciência e prática. O bastidor é essencial para manter o tecido esticado, facilitando o controle dos pontos.
- **Acabamento:** Após o bordado, a peça passa por um processo de finalização com corte, costura, revisão e, em muitos casos, aplicação em outras superfícies (como almofadas, toalhas, roupas, etc.). O acabamento é tão importante quanto o bordado em si, pois garante a durabilidade e valorização da peça.

Figura 104 – Toalha para bordar/Desenho de preferência.

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 105 – Toalha sendo riscada/Máquina de costura.

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 106 – Produto final.

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

5.8 Dos locais onde são produzidos

Os bordados artesanais em São Fernando são produzidos de forma no ambiente doméstico localizados, sobretudo, na área central da cidade, conforme ilustrado na Figura 107. Essa concentração espacial no Centro não ocorre por acaso. Trata-se da região inicial do processo de urbanização da cidade, onde se estabeleceram as primeiras famílias e foram erguidas as construções iniciais que deram origem ao núcleo urbano da cidade. O Centro, portanto, é o lugar onde as tradições se firmaram e permaneceram ao longo do tempo.

No decorrer dos anos, o saber do bordado foi sendo transmitido oralmente na convivência familiar, passando de geração em geração. As mulheres que atualmente praticam esse ofício, em sua maioria com mais de 30 anos de idade, aprenderam com moradoras mais antigas dessas mesmas casas — mães, avós, tias ou vizinhas próximas. Essa sensibilidade artística dá a ver a relação entre os saberes tradicionais e a territorialidade, mostrando como o território contribui com a preservação e continuidade das práticas culturais locais.

Figura 107 – Localização residências bordadeiras

Fonte: Autoria própria (2025)

6 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: KIT EDUCATIVO

6.1 Estudos de caso

Inspirado no Kit Educativo Africano e Afro-Brasileiro, na Cartilha de educação patrimonial “De onde eu vim” criada pelo arquiteto Aldo Batista Gonçalves Filho em seu trabalho de conclusão de curso e no trabalho final da disciplina Artes Ameríndias em contexto global: artistas, objetos e coleções, intitulado “Entre o rio, o museu e a escola, dos alunos Danilo Mazetto, Gabriella Martins e Isabela de Oliveira (Figura 108), a composição do Kit Educativo, além da cartilha de Educação Patrimonial, a proposta em desenvolvimento prevê a inclusão de uma série de itens que representam, de forma concreta e sensorial, o saber-fazer tradicional da região. A ideia central é que o kit funcione não apenas como um material didático, mas como um instrumento de valorização cultural, aprendizado prático e conexão com o território.

Figura 108 – Kit Educativo africano e afro-brasileiro/ Capa da Cartilha “De onde eu vim?”/ Capa do trabalho “Entre o rio, o museu e a escola”.

Fontes: www,livrosabertos.abcd.usp.br. Acesso em 18 mai. 2025. Gonçalves Filho, 2024. Cavalcante; Oliveira; Dias, 2024.

6.2 Inventários Participativos

O presente capítulo apresenta propostas de inventários participativos[8], destacando a importância desse tipo de abordagem na construção de um conhecimento sensível à interação social na identificação de culturas imateriais. Ao envolver diretamente as pessoas que vivenciam as expressões culturais no cotidiano, os inventários participativos permitem registrar informações contextualizadas e significativas. As atividades de levantamento das informações foram realizadas no período de 1 de maio a 10 de julho de 2025, contando com a parceria de moradores locais e participantes diretamente envolvidos nas respectivas manifestações culturais. A escuta, os diálogos e as trocas de saberes entre o autor deste trabalho e a comunidade foram capitais para a elaboração dos registros.

Conforme as diretrizes estabelecidas no *Manual de Aplicação do IPHAN***,** as manifestações culturais investigadas foram devidamente classificadas dentro das tipologias previstas para o patrimônio cultural imaterial – Lugares, Objetos, Celebrações, Saberes e Formas de expressões. A Festa de Nossa Senhora do Patrocínio foi enquadrada na categoria "Celebrações", por se tratar de evento de cunho religioso, comunitário e tradicional, que envolve práticas simbólicas e rituais sagradas. O Arraiá da Serra classificado se circunscreve na categoria "Formas de Expressão", por envolver manifestações artísticas, musicais e performáticas recorrentes nas festas populares. Por sua vez, os Bordados Artesanais foram inseridos na categoria "Saberes", pois representam conhecimentos e técnicas manuais transmitidos oralmente e por meio da prática, sendo parte essencial da constituição da cultura local.

Os inventários se orientam a partir dessas classificações. Embora cada categoria possua especificidades, alguns campos de informação são comuns nos inventários: Nome da expressão cultural**,** Imagens ilustrativas**,** Descrição geral (O que é?)**,** Localização (Onde ocorre?)**,** Períodos importantes ou datas comemorativas**,** além de breve contextualização histórica e dos significados culturais atribuídos pelas pessoas envolvidas no inventário.

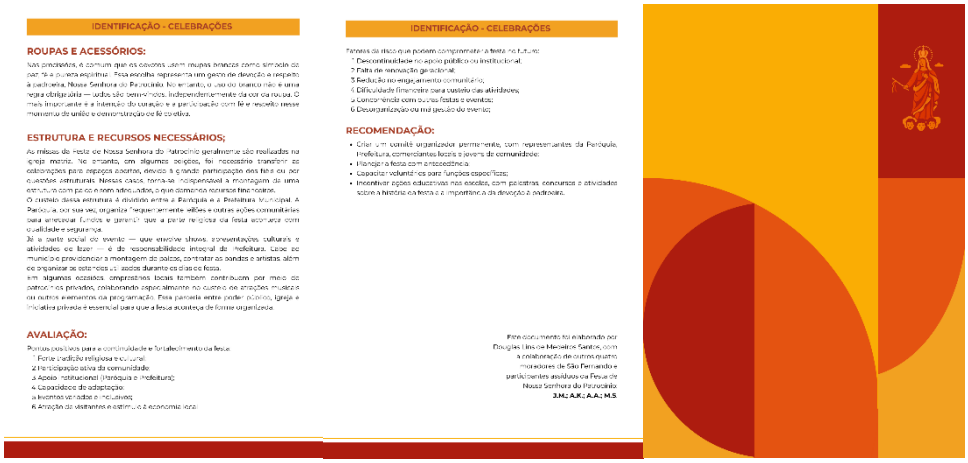
Entretanto, esse processo de registro, fundamentado na escuta e na participação ativa de quem detém os saberes e práticas, busca não apenas documentar, mas também valorizar e fortalecer a continuidade dessas expressões culturais e se constituir como "lugar de memória" (Nora, 1984) de São Fernando.

[8] Ver apêndices A, B, C, D e E.

Figura 109 – Inventário da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 110 – Inventário da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio

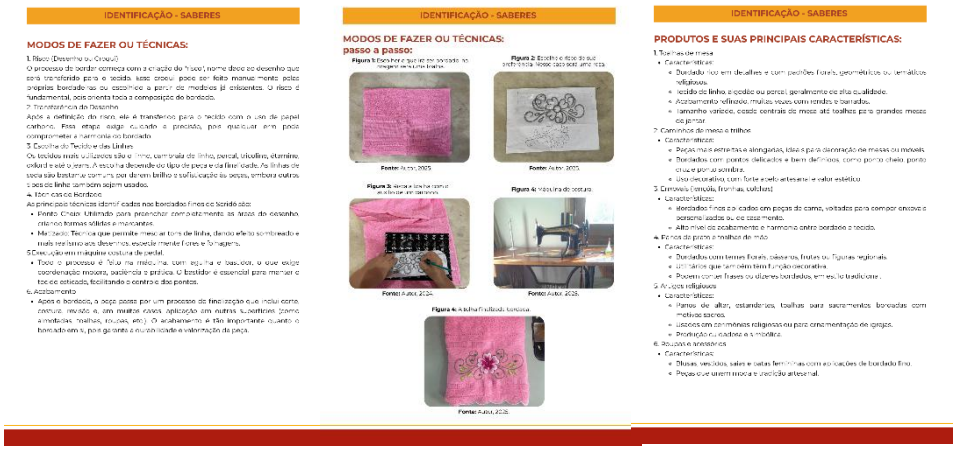


Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 111 – Inventário Bordados Artesanais

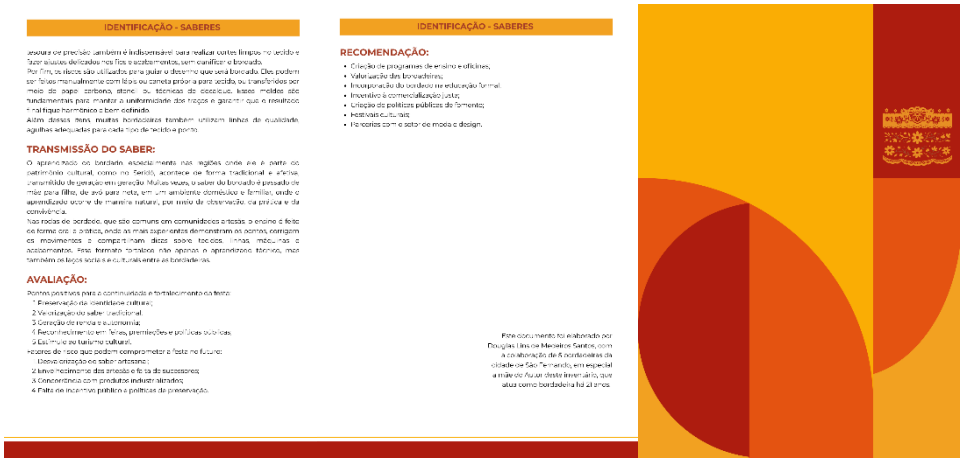
Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 112 – Inventário Bordados Artesanais



Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 113 – Inventário Bordados Artesanais



Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 114 – Inventário Arraiá da Serra

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 115 – Inventário Arraiá da Serra

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 116 – Inventário Manteiga da Terra

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 117 – Inventário Manteiga da Terra

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 118 – Inventário Queijo de Manteiga

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 119 – Inventário Queijo de Manteiga

Fonte: Autoria própria (2025)

6.3 Bordando o Kit Educativo

O Kit Educativo é uma proposta de educação patrimonial voltada para as/os professoras/professores do ensino público de São Fernando/RN. O objetivo é que elas possam transmitir o significado cultural dos bens imateriais para as crianças do ensino fundamental e médio. O material reúne informações históricas sobre o percurso das tradições locais, promovendo o reconhecimento e a valorização do patrimônio cultural imaterial da região. A ideia pedagógica é incentivar o senso de pertencimento ao Seridó. A abordagem vale-se de leitura sensível da memória coletiva, do sentimento de pertencimento e do afeto dos moradores — especialmente dos mantegueiros, queijeiros e bordadeiras — cujas práticas traços da cultura do lugar. O conceito de patrimônio, nesse contexto, é articulado à prática educativa com a intenção de despertar, desde a infância, o interesse pela preservação das memórias, saberes e expressões culturais que formulam a história urbana e territorial da cidade.

O Kit Educativo cria a **Mesa Seridó**, composta por materiais que aliam conteúdo informativo e elementos simbólicos. Entre os itens, destacam-se uma ecobag bordada manualmente, um pano de mesa também bordado — ambos representando o saber artesanal das bordadeiras —, além da manteiga da terra e o queijo de manteiga, que resgatam práticas do modo de fazer transmitidas por gerações. O material ainda inclui um jogo da memória temático, que estimula a aprendizagem o reconhecimento lúdico da cultura imaterial, fichas explicativas e uma cartilha pedagógica explicada mais adiante. Esses componentes da mesa foram pensados para proporcionar uma experiência que estimule o aprendizado, o pertencimento e a valorização do patrimônio imaterial.

6.3.1 Política de empréstimo do Kit Educativo

Como já mencionado, o Kit Educativo tem como público-alvo as/os professoras/professores da rede pública de ensino do município. Para garantir a organização e o bom uso do material, o empréstimo do Kit deve ser solicitado pelo professor responsável com, no mínimo, 15 dias de antecedência. Esse prazo é necessário devido à presença de alimentos perecíveis no Kit, cuja produção depende de data específica, considerando sua validade e conservação.

O Kit poderá permanecer com a turma até sete dias, devendo ser devolvido no prazo máximo de uma semana. É fundamental ressaltar que os alimentos presentes no material são produzidos de forma artesanal, utilizando leite de vaca. Por esse motivo, pessoas com intolerância à lactose não devem consumir os produtos, mesmo que estejam sob uso de medicação, pois podem apresentar reações adversas. Contudo, esse cuidado visa garantir que a experiência com a Mesa Seridó seja educativa e segura às condições de saúde de cada criança.

6.3.2 Ecobag

A ecobag (Figura 120) foi criada para guardar e transportar os itens que compõem o Kit Educativo. Para isso, a identidade visual do projeto é elemento central, pois confere unidade estética. Um aspecto simbólico é que a confecção da ecobag contou com o bordado manual realizado pela mãe do autor deste trabalho, fortalecendo afetos familiares, o sentimento de pertencimento, e a transmissão do saber-fazer do lugar. Vale ressaltar que a ecobag não possui divisórias internas, o que requer cuidados adicionais no armazenamento de alimentos. Dessa forma, para evitar vazamentos e preservar tanto o tecido da bolsa quanto os demais itens do kit,

recomenda-se que os alimentos sejam previamente embalados em superfícies plásticas, como papel filme ou sacos próprios para esse fim. Dessa forma, assegura-se a integridade e a durabilidade da ecobag.

Figura 120 – Ecobag bordada

Fonte: Autoria própria (2025)

6.3.3 Pano de Mesa.

O pano de mesa foi criado com a finalidade de servir como base para a disposição dos demais itens que compõem o Kit Educativo. Além disso, possui uma função decorativa, contribuindo para a organização visual do material e facilitando a apresentação dos elementos ao público. Ademais, esse pano, bordado manualmente, também tem o papel de representar os saberes tradicionais relacionados ao bordado artesanal presentes na cidade de São Fernando. Dessa forma, ao integrá-lo ao kit, buscou-se não apenas complementar os itens, mas também destacar e valorizar essa prática cultural local.

Figura 121 – Pano de mesa

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

6.3.4 Manteiga da Terra

Conforme discutido anteriormente, a manteiga da terra é produto cultural que movimenta a economia do Seridó potiguar. Trata-se de alimento tradicional que carrega saberes e práticas passadas de geração em geração, estando presente no cotidiano alimentar e nas memórias afetivas da população. Diante desse contexto, a garrafa de manteiga foi incluída no Kit Educativo como um recurso didático que permite abordar, de forma concreta, o processo de produção artesanal desse alimento. Por meio desse objeto, busca-se explicar a história do povoamento do Seridó movimentado pela criação de gado e os processos de elaboração do alimente, desde a ordenha do leite e o batimento da nata, até as etapas de cozimento e envase, destacando o conhecimento envolvido em cada fase até o produto final chegar à embalagem apresentada.

Figura 122 – Manteiga da Terra

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

6.3.5 Queijo de Manteiga

Assim como a manteiga da terra, o queijo de manteiga também representa um saber tradicional vinculado à cultura alimentar do Seridó, ou melhor, a diferentes lugares dos sertões. Por essa razão, identificou-se a necessidade de incluir esse item no Kit Educativo, a fim de ampliar a abordagem sobre os produtos derivados do leite que fazem parte do cotidiano das famílias locais. A inclusão do queijo de manteiga lança luz no valor cultural e histórico, na possiblidade de ensinar o processo de produção artesanal — desde o preparo da coalhada, passando pelo batimento e cozimento da massa, até a obtenção do produto final.

Figura 123 – Queijo de Manteiga

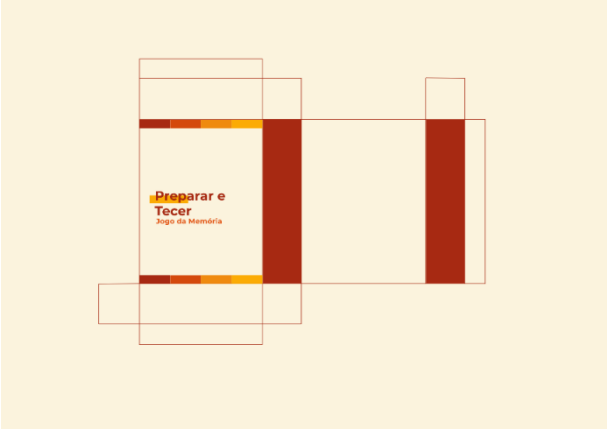
Fonte: Acervo pessoal (2025)

6.3.6 Jogo da Memória

Inspirado no trabalho “Entre o rio, o museu e a escola” (Cavalcante; Oliveira; Dias, 2024), o jogo da memória do material educativo foi idealizado para representar, de forma lúdica e acessível, alguns dos elementos da cultura imaterial de São Fernando abordados ao longo deste trabalho. Cada carta do jogo remete a uma expressão cultural, a um saber tradicional ou a um símbolo que compõe a identidade local. Além das expressões culturais, o jogo contempla pontos de referência afetivos e geográficos da cidade, como o pórtico de entrada e a igreja matriz, chamando a atenção ao sentimento de pertencimento e ao vínculo com o território. Ao todo, foram elaboradas 13 imagens distintas, formando um conjunto de 26 cartas com seus respectivos pares, que possibilitam às crianças o [re]conhecimento e a familiarização com a cultura por meio da associação visual.

Além disso, foi desenvolvida uma embalagem para guardar as cartas, incorporando a identidade visual do projeto com o título "Preparar e Tecer", de forma a reforçar a proposta estética do trabalho.

Figura 124 – Embalagem jogo da memória



Fonte: Autoria própria (2025)

Na figura 125, a primeira carta, ilustrada com a imagem de uma santa, faz referência à tradicional Festa de Nossa Senhora do Patrocínio, padroeira do município e uma das manifestações religiosas mais importantes da cidade. A segunda carta retrata os bordados artesanais, prática transmitida entre gerações e de grande relevância para a memória e história do lugar, especialmente entre as mulheres. Já a terceira carta representa o queijo de manteiga, alimento fabricado na região ligado a saberes e práticas realizadas no campo.

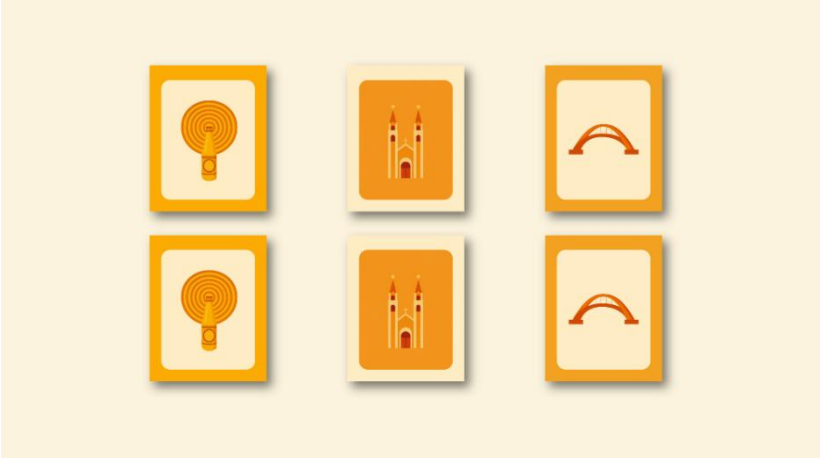
Figura 125 – Cartas

Fonte: Autoria própria (2025)

Na figura 126, a primeira carta remete à manteiga da terra. A segunda carta ilustra a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, símbolo da fé e da religiosidade do povo são-fernandense, além de ser um dos marcos arquitetônicos mais antigos e significativos da história

urbana. Já a terceira carta representa o pórtico de entrada da cidade, estrutura que dá as boas-vindas aos visitantes.

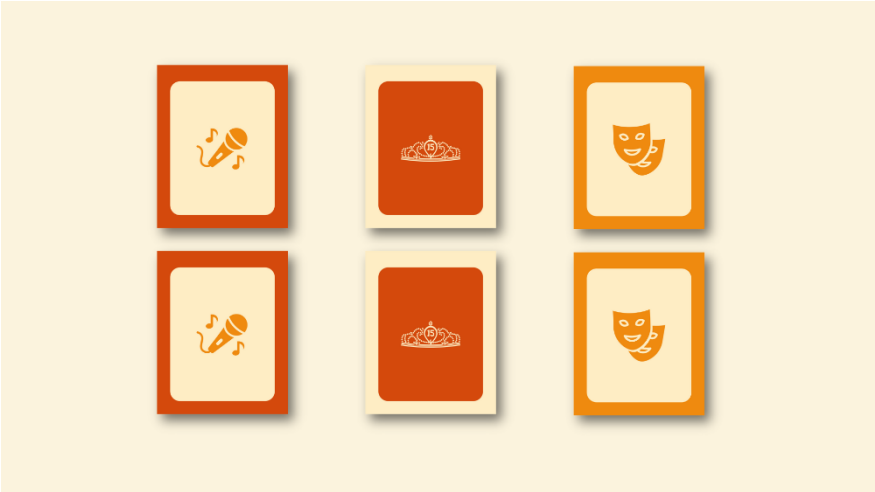
Figura 126 – Cartas



Fonte: Autoria própria (2025)

Na figura 127, a primeira carta representa o tradicional Concurso da Mais Bela Voz, evento que valoriza os talentos locais e promove a expressão artística por meio da música. A segunda carta faz referência à Festa da Debutantes, que era realizada para as meninas que completavam 15 anos. Já a terceira carta ilustra o Show Cultural, atividade que reúne diversas expressões artísticas, como danças, apresentações musicais e teatrais.

Figura 127 – Cartas



Fonte: Autoria própria (2025)

Por fim, na figura 128, a primeira carta ilustra o Arraiá da Serra, quadrilha junina que se apresenta no ciclo junino. A segunda carta representa a Festa de Nossa Senhora das Dores.

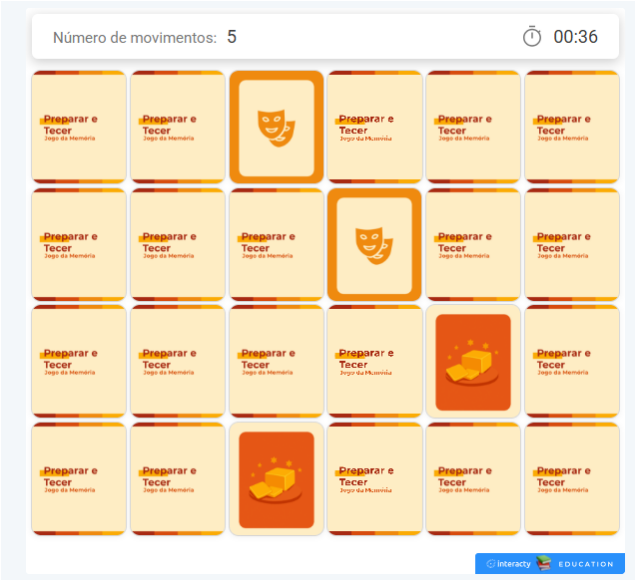
E a terceira carta figura a imagem de uma rosa, identificando concurso “Rosa de Maio” da menina mais bonita, elegante e desenvolta.

Figura 128 – Cartas

Fonte: Autoria própria (2025)

O jogo também foi feito de forma virtual acessado por meio de QR code. O jogo também foi desenvolvido em formato digital, de forma interativa e acessível. Para facilitar o acesso, foi disponibilizado um QR Code que direciona o/a usuário/a diretamente para a versão online do jogo, ampliando seu alcance e possibilitando de uso.

Figura 129 – Jogo virtual na plataforma/QRcode



Fonte: Autoria própria (2025)

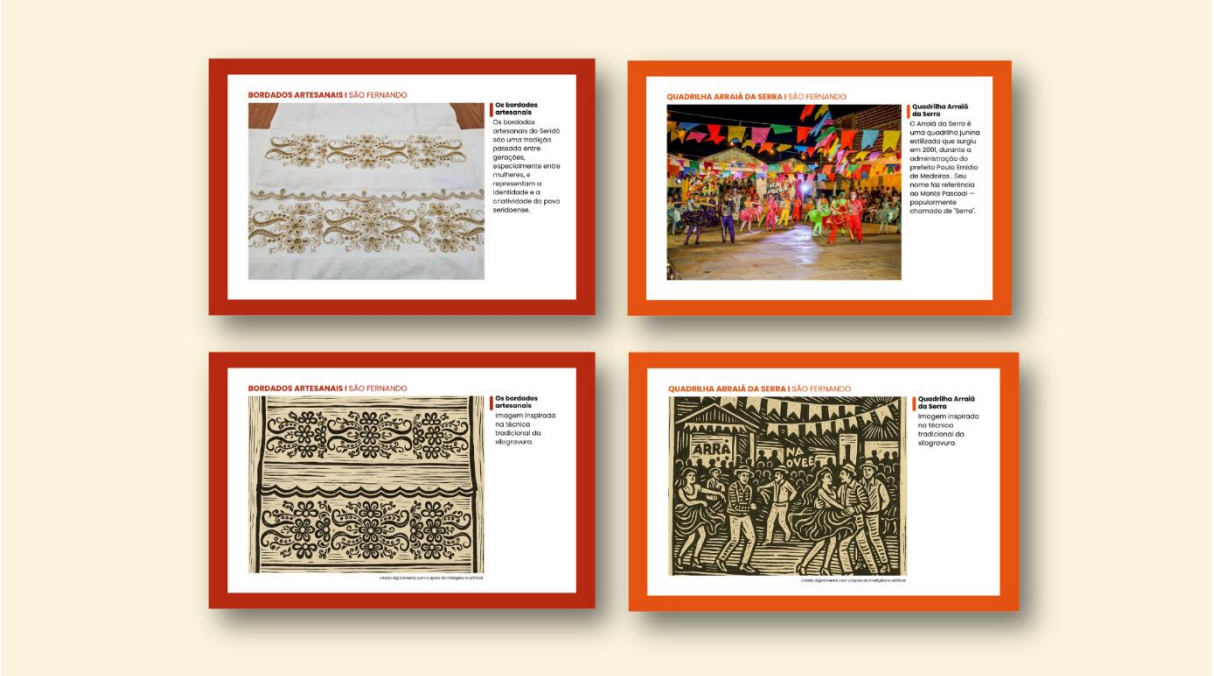
6.3.7 Fichas

As fichas[9] informativas foram elaboradas com o objetivo de apresentar, de forma sintética e acessível, as principais expressões culturais e saberes tradicionais do município de São Fernando. Cada ficha representa um elemento cultural específico, buscando transmitir informações de maneira visual e objetiva para a compreensão dos estudantes.

Para tanto, foi empregada uma imagem representativa em cada ficha acompanhada de uma legenda lateral breve, com poucas palavras, que resume o significado ou o contexto do elemento retratado. A escolha teve como finalidade tornar o conteúdo visualmente atrativo e de fácil assimilação, especialmente em contextos educativos.

As fichas foram produzidas em formato frente e verso. Na frente, encontra-se a imagem colorida com sua respectiva legenda. No verso, a mesma imagem foi convertida em estilo de xilogravura – criada por inteligência artificial, uma forma de arte tradicionalmente associada à cultura popular nordestina e reconhecida como patrimônio cultural imaterial.

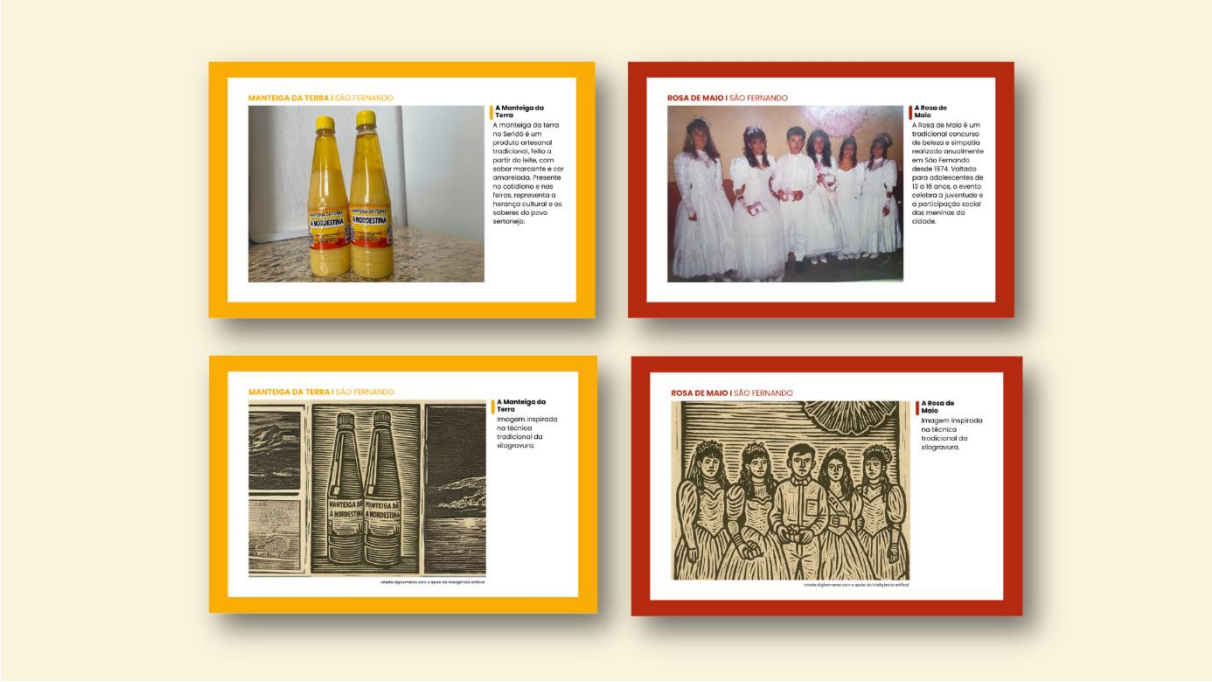
Figura 130 – Fichas Bordado Artesanais e Arraiá da Serra



Fonte: Autoria própria (2025)

[9] Ver apêndice F

Figura 131 – Fichas Manteiga da Terra e Rosa de maio



Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 132 – Fichas Show Cultural e Festa de Nossa Sra. das Dores

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 133 – Fichas Suarê e Festa das Debutantes

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 134 – Fichas A mais bela voz e Festa de Nossa Sra. Do Patrocínio

;

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 135 – Fichas Queijo de Manteiga

Fonte: Autoria própria (2025)

6.4 Ação de Educação Patrimonial

A ação de educação patrimonial foi realizada no dia 17 de julho de 2025, contando com a participação de 17 alunos do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Padre Francisco Rafael Fernandes. A atividade foi conduzida pelo responsável da atividade, com o apoio da equipe pedagógica da instituição, composta pela professora titular da turma, Jussara Monteiro, e pela professora de apoio, Iryelle da Silva, que contribuíram significativa e generosamente com os registros das atividades e as abordagens realizadas durante a ação.

Figura 136 – Kit Educativo exposto

Fonte: Silva (2025)

6.4.1 Momento 01: Apresentação

O momento inicial da atividade foi dedicado à apresentação e ao estabelecimento de vínculo. Durante essa etapa, buscou-se conhecer o nível de compreensão dos participantes sobre temas como a função do arquiteto na sociedade, o patrimônio cultural e a história da cidade de São Fernando. Todo o diálogo foi conduzido com uma linguagem simples e direta, visando à clareza e à eficácia na transmissão das informações, de acordo com a faixa etária dos alunos.

Figura 137 – Momento 01: Apresentação

Fonte: Silva (2025)

6.4.2 Momento 02: Fichas expressões culturais

No segundo momento da atividade, os alunos foram organizados em duplas e receberam fichas informativas correspondentes. Em seguida, apresentou-se uma sequência de slides com imagens relacionadas ao conteúdo das fichas. Quando a imagem exibida no slide correspondia à ficha de uma das duplas, esta deveria se manifestar, realizar a leitura do conteúdo e compartilhar com os demais colegas. Por se tratar de uma atividade em dupla, o processo foi dinâmico, divertido e colaborativo, promovendo a interação na sala de aula e estimulando a troca de conhecimentos. Após cada leitura, o educador complementava as informações com dados adicionais, despertando o interesse e a curiosidade das crianças. Essa etapa foi inicialmente voltada para a abordagem das expressões culturais.

Figura 138 – Momento 02: Fichas expressões culturais

Fonte: Silva (2025)

6.4.3 Momento 03: Fichas saberes

No terceiro momento da atividade, foi retomada a metodologia praticada anteriormente com as fichas informativas, dessa vez direcionada aos saberes da produção do Queijo de Manteiga, da Manteiga da Terra e dos Bordados Artesanais. Cada um desses conhecimentos foi celebrado de forma detalhada, com explicação das etapas do processo produtivo.

A atividade despertou interesse e curiosidade entre os alunos, sobretudo por se tratar de práticas presentes no cotidiano da comunidade. Isso é notório na participação de um estudante cujo pai é queijeiro, o que permitiu uma rica troca de conhecimento com o mediador e acentuou o caráter dialógico da ação. À medida que os conteúdos eram apresentados, os objetos relacionados a cada saber eram exibidos e passavam de mão em mão entre os alunos, permitindo uma interação sensorial e afetiva com elementos que, em sua maioria, já faziam parte do repertório do dia a dia das crianças.

Figura 139 – Momento 02: Fichas saberes

Fonte: Silva (2025)

Figura 140 – Momento 02: Fichas saberes

Fonte: Silva (2025)

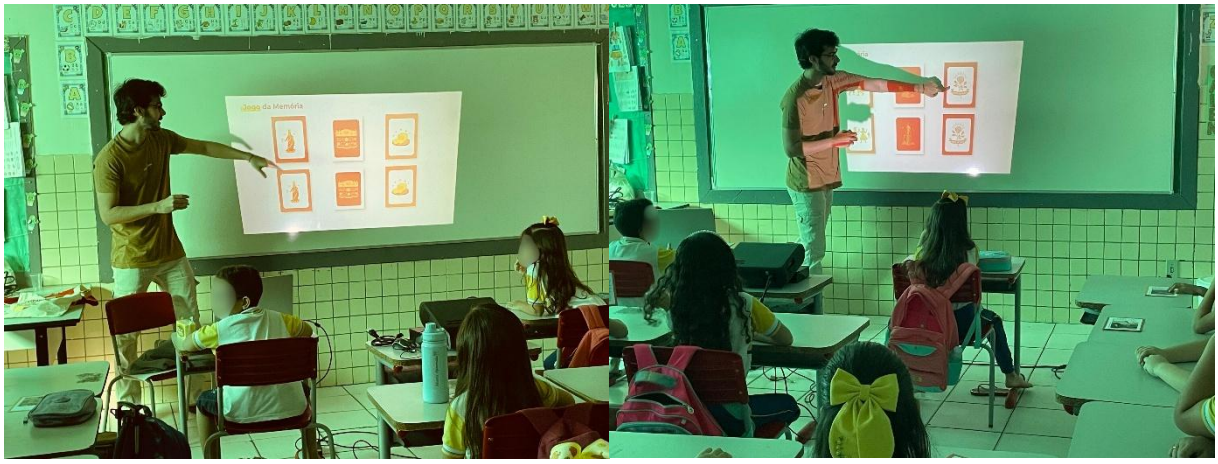
6.4.4 Momento 04: Jogo da Memória

No quarto momento da atividade, brincamos com o Jogo da Memória. Inicialmente, as cartas foram apresentadas à turma, juntamente com a explicação do significado de cada imagem representada, garantindo que todos compreendessem os elementos do jogo.

Em seguida, deu-se início à dinâmica com os alunos. Para tornar a atividade ainda mais desafiadora e estimulante, foi acrescentada uma nova regra: além de encontrar os pares corretos, os alunos deveriam dizer o que cada carta representava. A dupla que conseguisse formar o maior número de pares e identificar corretamente os significados sairia vencedora.

Essa estratégia teve como objetivo não apenas tornar o momento lúdico, mas também reforçar o aprendizado, estimulando a memória, a atenção e, sobretudo, fixando o conteúdo dos desenhos da memória de cada criança.

Figura 141 – Momento 03: Jogo da memória



Fonte: Silva (2025)

6.4.5 Momento 05: Caça Palavras

No quinto e último momento da atividade, foi aplicada uma dinâmica de caça-palavras com os alunos. O jogo possui cinco palavras-chave atreladas aos saberes e expressões culturais apresentados, possibilitando revisão lúdica dos temas abordados. A proposta contribuiu para fixar os aprendizados de forma interativa, promovendo o desenvolvimento da atenção, da leitura e do vocabulário das crianças, em diálogo com o contexto sociocultural ao qual pertencem.

No final da atividade, cada estudante recebeu um desenho no estilo de *Bobbie Goodies*, elaborado com inspiração nos temas trabalhados durante a ação. A proposta era que levassem o desenho para casa e realizassem a pintura com suas famílias, promovendo um momento de partilha sobre os saberes locais também no ambiente doméstico.

Figura 142 – Momento 04: Caça palavras

Fonte: Silva (2025)

Figura 143 – Momento 04: Caça palavras

Fonte: Silva (2025)

6.4.6 Considerações sobre a atividade de educação patrimonial

As atividades desenvolvidas ao longo da ação foram essenciais para subsidiar a criação da cartilha. Durante a execução dos exercícios em sala, a educação patrimonial se constrói por meio da vivência, sociabilidade, escuta respeitosa e a prática colaborativa. Avaliar, diretamente com as crianças, o nível de compreensão e receptividade em relação aos conteúdos apresentados possibilitou ajustes que tornaram o material proposto assertivo, didático e funcional. A ação de educação patrimonial se revelou muito significativa nesse processo, pois articulou o conteúdo com experiências concretas e promoveu o contato direto com os saberes tradicionais e as expressões culturais.

A interação das crianças com esses elementos mostrou que a identidade visual pensada para a cartilha — com linguagem gráfica atrativa — cumpriu seu papel de capturar e manter a atenção, sublinhando o potencial pedagógico do material. A proposta metodológica centrada na participação e no uso de recursos lúdicos, como fichas ilustrativas, jogos, objetos simbólicos e atividades manuais, contribuiu para tornar o aprendizado envolvente e acolhedor, respeitando o universo infantil e favorecendo a articulação entre teoria e prática.

Essa troca entre gerações e contextos fortaleceu o vínculo das crianças com a cultura local, despertando nelas um sentimento de pertencimento pautado no afeto, no respeito e na valorização do lugar onde vivem. Nesse sentido, a experiência reafirma o potencial transformador das práticas de educação patrimonial no ambiente escolar como ferramenta de construção de identidade, memória e cidadania.

Figura 144 – Momento final

Fonte: Silva (2025)

6.5 Cartilha

A cartilha de educação patrimonial intitulada de **Preparar e Tecer**[10] é parte integrante do Kit Educativo, cujo objetivo envolve publicizar ludicamente as informações levantadas no curso da pesquisa. Enquanto os demais materiais do kit foram pensados para serem utilizados em sala de aula, com mediação de professoras, a cartilha se destaca por ser uma leitura autônoma, voltada diretamente à sociedade em geral. A cartilha amplia o alcance do

[10] Ver apêndice G

conhecimento sobre o patrimônio cultural imaterial, promovendo o reconhecimento e a ressignificação da identidade histórica e cultural de São Fernando entre gerações.

Figura 145 – Cartilha Preparar e Tecer

Fonte: Autoria própria (2025)

Em seguida, é feita a apresentação do autor do trabalho, bem como do personagem Nico, criado por meio de Inteligência Artificial (IA) com o propósito de tornar a busca pelo conhecimento mais lúdica e atrativa. Nico estabelece uma conexão direta com o leitor, um guia que acompanha a jornada de aprendizado. Em cada aparição, o personagem se adapta às situações abordadas, contribuindo para manter o interesse e evitar a monotonia ao longo da leitura.

Figura 146 – Apresentação do autor e personagem

Fonte: Autoria própria (2025)

Por conseguinte, o personagem introduz os assuntos abordados na cartilha, explicando de forma simples o que é cultura imaterial, de modo que as crianças possam compreender com

facilidade. Dessa forma, a cartilha se torna não apenas informativa, mas também formativa, aproximando o conteúdo do cotidiano das pessoas.

Figura 147 – Assunto que será abordado

Fonte: Autoria própria (2025)

Logo após a introdução do conceito de patrimônio cultural imaterial e a apresentação dos conteúdos que serão explorados, a cartilha passa a aprofundar as expressões culturais apresentadas neste trabalho.

Figura 148 – Suarê e Show Cultural

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 149 – Rosa de Maio e Festa de N. Sra. Das Dores.

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 150 – Festa das Debutantes e A mais bela voz.

Fonte: Autoria própria (2025)

Foram elaborados comentários sobre cada expressão cultural e saberes tradicionais. Além da explicação, foi adicionado um QR Aponte a câmera pro QR Code e descubra um mundão de informações legais. Code em cada tópico, permitindo o acesso direto aos inventários completos.

Figura 151 – Arraiá da Serra e Festa de N. Sra. Do Patrocínio

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 152 – Bordados Artesanais

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 153 – Manteiga da Terra

Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 154 – Queijo de Manteiga

Fonte: Autoria própria (2025)

Neste momento da cartilha, Nico retorna para apresentar algumas ações educativas especialmente tecidas para tornar o aprendizado divertido e interativo. Entre essas atividades estão o Jogo da Memória Virtual e um Caça-palavras temático, ambos acessados por meio de QR Codes.

Figura 155 – Ações Educativas

Fonte: Autoria própria (2025)

Além das atividades interativas, também foi criado um *Bobbie Goods* personalizado para pintura, com ilustrações inspiradas na cultura imaterial. Para tornar esse momento prazeroso, foi elaborada uma playlist, pensada para acompanhar a atividade de pintura, com canções que remetem à cultura popular brasileira.

Figura 156 – Ações Educativas

Fonte: Autoria própria (2025)

Por fim, apresenta-se um breve resumo de tudo o que foi aprendido ao longo da cartilha e a importância de se preservar essas expressões culturais.

Figura 157 – Ações Educativas

Fonte: Autoria própria (2025)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surge de inquietações do autor, residente da cidade de São Fernando, frente à forma como o patrimônio cultural imaterial local vem sendo tratado. Essa motivação pessoal e, de certa forma afetiva, foi central para propor o kit de educação patrimonial, bem como dá voz à riqueza das diversas tradições locais. O Kit torna-se, assim, “lugar de memória” voltado a proteger e preservar a cultura de São Fernando e do Seridó. De linguagem acessível, o material foi elaborado em perspectiva pedagógica, participativa e acessível.

Ao considerar como a população apreende seu patrimônio, foi possível construir as bases de uma ação de educação patrimonial fundamentada em experiências reais, afetos e necessidades. A escuta ativa da comunidade revelou anseios e expectativas que direcionaram à formulação de estratégias educativas voltadas à preservação e à transmissão intergeracional dos saberes e fazeres tradicionais. Nesse sentido, o kit educativo proposto é fruto do entrelaçamento constante entre teoria e prática, pesquisa e vivência, autor e sociedade.

Além de sua relevância para a preservação do patrimônio imaterial, este trabalho busca contribuir para os estudos da Arquitetura e Urbanismo ao ampliar o olhar do campo para além da produção edificada, incorporando as dimensões simbólicas, culturais e sociais que compõem a paisagem, a cidade e a arquitetura. Reconhecer os saberes populares, as manifestações culturais e os modos de vida como parte integrante da construção do território é essencial para promover uma prática profissional mais sensível, inclusiva e comprometida com a diversidade cultural.

Conclui-se, portanto, que iniciativas que envolvam a comunidade no processo de preservação são fundamentais e urgentes para garantir a continuidade e a valorização do patrimônio imaterial. Espera-se que este trabalho possa servir como base para futuras ações em educação patrimonial, além de inspirar outras localidades a reconhecer e proteger seus bens culturais de forma crítica e afetiva.

.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A melancolia dos objetos: algumas reflexões em torno do tema do patrimônio histórico e cultural. In: BAUER, Leticia Brandt; BORGES, Viviane Trindade. **História oral e patrimônio cultural:** potencialidades e transformações. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ANDRADE, Mário de. **Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade:** correspondências. ANDRADE, Maria de (org.). Notas de Clara de Andrade Alvim, Lélia Coelho Frota. São Paulo: Todavia, 2023.

ÂNGELO, Elis Regina Barbosa; SIQUEIRA, Euler David de. **Patrimônio cultural na contemporaneidade:** discussões e interlocuções sobre os campos desse saber. Porto Alegre: Anos 90, v. 25, n. 48, dez. 2018.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SERIDÓ-ADESE. **Diagnóstico da bacia leiteira do território Seridó**. Caicó-RN: ADESE, 2011.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. *Transinformação*, Campinas, p. 111-122, maio/ago: 2004. **BOSI, E.** Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ARRAES, Damião Esdras Araujo. **Ecos de um suposto silêncio:** paisagem e urbanização dos "certoens' do Norte, c. 1666-1820. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

AZEVEDO, F. F. de. **Seridó Potiguar:** dinâmica socioespacial e organização do espaço agrário regional. Uberlândia: Composer, 2005.

BOSI, E. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2016.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 04 de agosto de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm. Acesso em: 09 dez. 2024.

BRASIL. Decreto Federal n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2000. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2000b.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Brasília: IPHAN, 2000.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Carta de Fortaleza (1997). Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf. Acesso em: 28 fev. 2025.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Página sobre patrimônio cultural imaterial. Disponível em: **http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234/. Acesso em: 11 fev. 2025.**

BRASIL. Ministério do Turismo**.** Conheça os 05 patrimônios imateriais da humanidade no Brasil. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/conheca-os-05-patrimonios-imateriais-da-humanidade-no-brasil. Acesso em: 11 fev. 2025.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. IPHAN/MinC, 2007.

CANDAU, J. O jogo social da memória e da identidade (1) Transmitir e receber. In: CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

CARTA de Nova Olinda. Documento final do I Seminário de Avaliação e Planejamento das Casas do Patrimônio. Nova Olinda: Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe, 2009. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta_de_nova_olinda.pdf. Acesso em: 09 dez. 2024.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal.** Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CASTRO, Claudiana Y. A importância da educação patrimonial para o desenvolvimento do turismo cultural. **Partes**, São Paulo, v. 30, 2006.

CAVALCANTE, Danilo Mazetto; OLIVEIRA, Gabriella Martins de; DIAS, Isabela de Oliveira. **Entre o rio, o museu e a escola.** Trabalho Final da Disciplina AUH0339 - Artes Ameríndias em contexto global: artistas, objetos e coleções. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Patrimônio cultural imaterial no Brasil:** estado da arte. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília (Org.). *Patrimônio Imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais*. Brasília: Educarte, 2008, p. 11-37.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Ed.UNESP, 2001.

CHUVA, Márcia. Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil. In: REIS, Alcenir Soares dos; FIGUEIREDO, Betania Gonçalves (orgs.). *Patrimônio imaterial em perspectiva*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. p. 25-49.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2017.

CHUVA, Márcia. Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. **Seminários DEP/FLUP**, v. 1, p. 16-35, 2020.

DE AZEVEDO, Flávia Lemos Mota; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena. Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual. Crisálida, 2009.

DE MEDEIROS, Mércia Carréra; SURYA, Leandro. A importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio. 2009.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. Velhas fazendas da Ribeira do Seridó. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo:** trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017.

FUNARI, Pedro; PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio histórico e cultural.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda:** discurso nacionalista e patrimônio cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

GONÇALVES FILHO, Aldo Batista. Arquitetura e afeto: cartilha de educação patrimonial na preservação da memória em Fernando Pedroza. 2024;

GRAEFF, L**.** Patrimônio, memória e intencionalidade. **Revista Confluências Culturais,** v. 5, n. 2, p. 177-189, 2016.

HAESBAERT, Rogério. **Por amor aos lugares**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva.** Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: *La mémoire collective*.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adrane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: IPHAN / Museu Imperial, 1999.

ICOMOS. Carta internacional e diretrizes para sítios com patrimônio cultural imaterial. [S.l.]: ICOMOS, [2022?].

ICOMOS. Declaração de Quebec: Sobre a preservação do "Spiritu loci". ed. Canadá: [s.n.], 2008. p. 1-4.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades e Estados: São Fernando (RN). Censo Demográfico 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/sao-fernando.html. Acesso em: 07 dez. 2024.

IPHAN. Patrimônio Material. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial. Acesso em: 09 dez. 2024.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DEL RIO, Vicente et al. **Projeto do lugar:** colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. P. 31-45.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. **A urbanização do Ceará setecentista***:* as vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAUUFBA, Salvador, 2007.

LE GOFF, Jacques**. História e memória**. tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LOPES, Rosa Maria Rodrigues; MEDEIROS, Gilma Pereira da Costa. O valor artístico-cultural do bordado de Caicó/RN e sua relação com o turismo. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 30-41, 2012.

LYRA, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** Natal: Imprensa Oficial, 1950.

MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Roberto Marinho, 1997.

MAIA, Genilson Medeiros. **Breve relato da história política e administrativa de São Fernando**. [S.l.]: [s.n.], 2020.

MATTA, Roberto da. Você tem cultura? **Jornal da Embratel.** Rio de Janeiro, 1981.

MARX, Murillo. **Cidades no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Edusp, 1991.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Notas para a história do Seridó.** Natal: Fundação José Augusto, 1983.

CARTA do México em defesa do patrimônio cultural. México, 12 ago. 1976.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **Memória e cultura:** a importância da memória na formação cultural humana. São Paulo: SESC SP, 2007.

MESQUITA, I. V. U.; ROCHA, L. C. S.; CARNEIRO, L. C. Produção de queijo de manteiga artesanal. In: **Anais do Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação (CONNEP),** 5, Maceió, 2010.

MONTEIRO JUNIOR, Irami Rodrigues et al. Circuito espacial de produção e o círculo de cooperação do bordado artesanal no município de Timbaúba dos Batistas-RN. Lugar: Casa, 2022.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Seridó norte-rio-grandense: reestruturação e planejamento regional. In: XI Encontros Nacionais da ANPUR, v. 11, 2005. Salvador. Anais [..]. Salvador, UFBA, 2005.

NOGUEIRA, Sandra. A cultura material no processo educativo: museus, objectos, e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades e evocação de memórias. **Passos,** Lisboa, v.1, n.1, p. 97-103. 2003.

NORA, Pierre. **Les lieux de la mémoire**. vol. I. Paris, Gallimard, 1984.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, n. 10, 1993.

NORA, Pierre. **Realms of Memory.** Nova Iorque: Columbia University Press, 1996.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino:** identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. **Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2011.

REISEWITZ, L. **Direito ambiental e patrimônio cultural.** São Paulo: Juarez de Oliveira, 2004.

SILVA, D. L. M. **Fatores que afetam a competitividade do queijo artesanal:** um estudo exploratório na região do Seridó/RN. 2008. 107 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)-Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

SOUZA. J. R**.** Totoro: berço de Currais Novos. Natal: Editora da UFRN. 2008.

TAQUES, Benvenuto Augusto de Magalhães. Relatório à Assembleia Legislativa da Província do Rio Grande do Norte, 1849.

UNESCO. Patrimônio cultural imaterial: Roteiro para sua identificação e documentação. Disponível em: https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

UNESCO; ICCROM; ICOMOS. Documento de Nara sobre a autenticidade do património cultural. Nara, Japão: Conferência de Nara sobre a Autenticidade, 1–6 nov. 1994.

VIANA, F. R. **Caracterização microbiológica e físico-química do "requeijão do norte" artesanal.** Tese (Doutorado em Ciência de Alimentos) -Faculdade de Farmácia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

APÊNDICE A: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO FESTA DE NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO

IN VEN TÁRIO

Festa de Nossa Senhora do Patrocínio

por **douglas lins**

IDENTIFICAÇÃO - CELEBRAÇÕES

NOME:

Festa da Padroeira ou Festa de Nossa Senhora do Patrocínio

IMAGENS:

Figura 1: Peregrinação

Fonte: Facebook Juninho Araújo, 2024.

Figura 2: Altar Nossa Senhora do Patrocínio

Fonte: Facebook Juninho Araújo, 2024.

Figura 3: Procissão

Fonte: Facebook da Paróquia, 2024.

Figura 4: Hasteamento da bandeira

Fonte: Facebook da Paróquia, 2024.

O QUE É:

A Festa de Nossa Senhora do Patrocínio é a celebração religiosa mais tradicional e significativa de São Fernando, no Seridó potiguar. Realizada anualmente, a festa homenageia a padroeira da cidade e reúne a comunidade local em um período de 10 dias de intensa devoção, fé e confraternização.

IDENTIFICAÇÃO - CELEBRAÇÕES

ONDE É:

A festa religiosa é realizada na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio, onde ocorrem as novenas e missas durante o período festivo. Em algumas ocasiões, devido à grande quantidade de fiéis e à capacidade limitada da igreja, as celebrações precisaram ser realizadas em frente ao templo, visando melhor acomodar o público.

A abertura da festa é marcada por uma peregrinação, na qual os devotos percorrem um trajeto de 18 km entre Caicó e São Fernando. A caminhada tem início às 2h da madrugada e se estende até por volta das 8h da manhã.

À noite, acontece a procissão de abertura, que percorre diversas ruas da cidade. Embora o trajeto não seja fixo, geralmente tem início na Avenida Major José Antão e segue pelas principais vias até retornar à igreja. Esse mesmo percurso costuma ser repetido na procissão de encerramento da festa.

Na parte social, as festividades se concentram na Praça José Josias Fernandes, localizada na rua principal. Além disso, alguns eventos também já foram realizados no São Fernando Esportes Clube.

PERÍODOS IMPORTANTES:

A Festa de Nossa Senhora do Patrocínio acontece anualmente no mês de novembro, em razão do dia 21 ser dedicado à padroeira e também feriado municipal em São Fernando. Embora não haja uma data fixa para o início das celebrações, elas costumam começar por volta da metade de novembro e se estendem até o final do mês — ou, em alguns casos, até o início de dezembro. A festa tem duração de 10 dias e sempre começa em uma quinta-feira, para que o encerramento ocorra em um domingo. Por esse motivo, a data de realização varia a cada ano. Não necessariamente a festa precisa acontecer na data que se comemora o dia de Nossa Senhora do Patrocínio. Em 2023, por exemplo, a festa só iniciou o dia 23 de Nov e finalizou em 03 de Dez.

HISTÓRIA:

Não há registros precisos sobre o início exato da tradicional Festa em homenagem a Nossa Senhora do Patrocínio, mas na década de 60 já existia. No entanto, acredita-se que sua origem remonta aos tempos em que Isabel Maria de Araújo Fernandes, mãe do padre Francisco Rafael Fernandes e proprietária de vasta extensão de terras onde hoje se encontra a sede do município e regiões adjacentes, fez uma doação significativa. Ela destinou uma gleba de terra com cem braças quadradas à santa de sua devoção, Nossa Senhora do Patrocínio.

Nesse mesmo local, ainda no mesmo ano da doação, foi erguida uma capela, em torno da qual se formou um pequeno povoado, dando início à ocupação e ao desenvolvimento da região. A festa religiosa, desde então, manteve-se fiel à sua tradição. A estrutura principal permanece inalterada, com duração de dez dias e com momentos marcantes como a procissão de abertura e a de encerramento. Uma das poucas mudanças significativas na dimensão religiosa foi a introdução da peregrinação, instituída no ano de 2010. Esse novo elemento consiste em um percurso feito entre Caicó e São Fernando, reforçando a expressão de fé e devoção dos participantes.

No que diz respeito às festividades sociais que acompanham a celebração religiosa, houve transformações ao longo dos anos. Antigamente, essas comemorações contavam com eventos marcantes que envolviam toda a comunidade, como a tradicional "boneca da festa", a "festa dos anos 60" e os bailes das debutantes. Tais atividades, que enriqueciam o calendário cultural da festa, infelizmente não fazem mais parte da programação atual. Os relatos colhidos daqueles que contribuíram para este inventário apontam essas mudanças como reflexo da modernização dos costumes e da evolução das dinâmicas sociais locais.

SIGNIFICADOS:

Para os fiéis católicos, a Festa de Nossa Senhora do Patrocínio representa o momento mais aguardado de todo o ano. É uma época marcada por intensa devoção, oração e demonstrações públicas de fé, na qual muitos aproveitam para agradecer pelas graças alcançadas e renovar seus votos espirituais. A programação religiosa, com suas novenas, missas e procissões, proporciona um ambiente de profunda conexão com o sagrado, reforçando os laços da comunidade com sua padroeira.

Entretanto, para outra parcela da população, a festa assume um caráter diferente. Embora respeitem a importância do evento religioso, muitos se mostram mais interessados nas festividades sociais que ocorrem paralelamente. Nessa perspectiva, a expectativa maior recai sobre a programação cultural e musical, especialmente quanto às atrações das bandas e artistas que se apresentarão nas noites de celebração.

PROGRAMAÇÃO:

A festa tem duração de 10 dias e, como já mencionado, conta com uma programação religiosa fixa e uma agenda social que pode variar, sem necessariamente seguir os mesmos dias da semana a cada ano.
A parte religiosa segue um formato tradicional: no primeiro e no último dia ocorrem as missas solenes, e entre o segundo e o nono dia são realizadas as novenas, sempre às 19h.

Programação detalhada:

- Quinta-feira (1º dia): Pela manhã, acontece a peregrinação; à noite, há a procissão de abertura, a missa e o hasteamento da bandeira — momento que marca oficialmente o início da festa.
- Sexta-feira: Antigamente, realizava-se o tradicional Baile das Debutantes, voltado para as jovens que completavam 15 anos, organizado pela prefeitura (com exceção de um ano, em que foi iniciativa privada). Atualmente, a sexta costuma ser marcada por encontro de bandas filarmônicas ou apresentações culturais locais.
- Sábado: Jantar do povo do Ferreiro, acompanhado pela cantoria dos violeiros.
- Domingo: Realização da Cavalgada, seguida de leilão e da tradicional Feirinha.
- Segunda a quinta-feira: Cada noite é dedicada a um setor específico da comunidade, com apresentações ou atrações culturais locais.
- Sexta-feira (penúltimo dia): Acontece o Jantar de Nossa Senhora do Patrocínio.
- Sábado: É o tradicional "Sábado de Festa", um dos momentos mais aguardados das festividades.
- Domingo (encerramento): Procissão de encerramento seguida de missa solene.

PESSOAS ENVOLVIDAS:

A Festa de Nossa Senhora do Patrocínio é promovida pela Paróquia local, com o apoio de voluntários, grupos pastorais e forte participação da comunidade. Esse trabalho conjunto fortalece o sentimento de pertencimento e mantém vivas as tradições do município.
Na parte social do evento, o Governo Municipal contribui organizando as atrações culturais e festivas que fazem parte das comemorações tradicionais.

ROUPAS E ACESSÓRIOS:

Nas procissões, é comum que os devotos usem roupas brancas como símbolo de paz, fé e pureza espiritual. Essa escolha representa um gesto de devoção e respeito à padroeira, Nossa Senhora do Patrocínio. No entanto, o uso do branco não é uma regra obrigatória — todos são bem-vindos, independentemente da cor da roupa. O mais importante é a intenção do coração e a participação com fé e respeito nesse momento de união e demonstração de fé coletiva.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS;

As missas da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio geralmente são realizadas na igreja matriz. No entanto, em algumas edições, foi necessário transferir as celebrações para espaços abertos, devido à grande participação dos fiéis ou por questões estruturais. Nesses casos, torna-se indispensável a montagem de uma estrutura com palco e som adequados, o que demanda recursos financeiros.

O custeio dessa estrutura é dividido entre a Paróquia e a Prefeitura Municipal. A Paróquia, por sua vez, organiza frequentemente leilões e outras ações comunitárias para arrecadar fundos e garantir que a parte religiosa da festa aconteça com qualidade e segurança.

Já a parte social do evento — que envolve shows, apresentações culturais e atividades de lazer — é de responsabilidade integral da Prefeitura. Cabe ao município providenciar a montagem de palcos, contratar as bandas e artistas, além de organizar os estandes utilizados durante os dias de festa.

Em algumas ocasiões, empresários locais também contribuem por meio de patrocínios privados, colaborando especialmente no custeio de atrações musicais ou outros elementos da programação. Essa parceria entre poder público, igreja e iniciativa privada é essencial para que a festa aconteça de forma organizada.

AVALIAÇÃO:

Pontos positivos para a continuidade e fortalecimento da festa:

1. Forte tradição religiosa e cultural;
2. Participação ativa da comunidade;
3. Apoio institucional (Paróquia e Prefeitura);
4. Capacidade de adaptação;
5. Eventos variados e inclusivos;
6. Atração de visitantes e estímulo à economia local

IDENTIFICAÇÃO - CELEBRAÇÕES

Fatores de risco que podem comprometer a festa no futuro:

1. Descontinuidade no apoio público ou institucional;
2. Falta de renovação geracional;
3. Redução no engajamento comunitário;
4. Dificuldade financeira para custeio das atividades;
5. Concorrência com outras festas e eventos;
6. Desorganização ou má gestão do evento;

RECOMENDAÇÃO:

- Criar um comitê organizador permanente, com representantes da Paróquia, Prefeitura, comerciantes locais e jovens da comunidade;
- Planejar a festa com antecedência;
- Capacitar voluntários para funções específicas;
- Incentivar ações educativas nas escolas, com palestras, concursos e atividades sobre a história da festa e a importância da devoção à padroeira.

Este documento foi elaborado por Douglas Lins de Medeiros Santos, com a colaboração de outros quatro moradores de São Fernando e participantes assíduos da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio: **J.M.; A.K.; A.A.; M.S**.

APÊNDICE B: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO BORDADOS ARTESANAIS

IN VEN TÁRIO

Bordados Artesanais

por **douglas lins**

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

NOME:

Bordados Artesanais

IMAGENS:

Figura 1: Conjunto de Toalha de banho bordada.

Fonte: Instagram Bordados Finos Caicó, 2024.

Figura 2: Conjunto de Toalha de banho bordada em rechilieu.

Fonte: Instagram Bordados Finos Caicó, 2024.

Figura 3: Varanda de Rede bordada.

Fonte: Instagram Bordados Finos Caicó, 2024.

Figura 4: Conjunto de cozinha bordado.

Fonte: Instagram Bordados Finos Caicó, 2024.

O QUE É:

Os bordados artesanais finos são trabalhos manuais realizados com máquinas de costura antigas (geralmente do tipo reta), movidas por pedal, onde a bordadeira guia o tecido com as mãos para formar os desenhos.

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

ONDE ESTÁ:

Em São Fernando, não há um espaço específico destinado às bordadeiras, que realizam seu trabalho em casa. Isso porque, além de bordadeiras, elas também são donas de casa e precisam conciliar as atividades domésticas com o bordado.

PERÍODOS IMPORTANTES:

Não há um período específico para a produção dos bordados, pois, sendo uma fonte de renda fixa para a maioria das bordadeiras, o trabalho é realizado diariamente. No entanto, é evidente que em determinadas épocas do ano, como o Dia das Mães, os bordados ganham maior valorização e demanda.

HISTÓRIA:

Para compreender a presença do bordado em São Fernando, é fundamental conhecer sua trajetória na região do Seridó, especialmente nos municípios vizinhos como Caicó e Timbaúba dos Batistas. O bordado artesanal tem raízes históricas profundas, remontando ao período da ocupação portuguesa no sertão nordestino, quando se iniciaram as primeiras atividades agropecuárias e artesanais.

Introduzido por famílias portuguesas e açorianas no século XVIII, principalmente no antigo Arraial Queiquó (atual Caicó), o bordado da região se assemelha ao estilo da Ilha da Madeira. Inicialmente restrita às elites, essa prática se expandiu com o tempo como alternativa econômica para mulheres que, impedidas de trabalhar fora de casa por normas sociais e culturais, desenvolveram o ofício no ambiente doméstico.

Em Timbaúba dos Batistas, o bordado ganhou força como identidade cultural e fonte de renda. As peças artesanais, inspiradas na fauna e flora da Caatinga, conquistaram reconhecimento nacional e internacional, especialmente após 2006, por meio de associações e cooperativas locais. A produção envolve redes familiares e comunitárias, estruturadas em torno do uso do território e das relações sociais locais.

Com o declínio da agropecuária e o fortalecimento do serviço público, a arte do bordado se consolidou como importante atividade econômica em diversos municípios do Seridó, como Caicó, Timbaúba dos Batistas, Serra Negra do Norte, São João do Sabugi, Acari, Jardim do Seridó, Ipueira, Cruzeta, São José do Seridó, Jucurutu, Ouro Branco e São Fernando.

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

Em São Fernando, embora não haja um espaço específico para a prática, as bordadeiras mantêm viva essa tradição em suas casas, conciliando o trabalho artesanal com as tarefas domésticas. Assim, o bordado não só preserva uma herança cultural, mas também representa empoderamento e geração de renda para muitas mulheres da região.

SIGNIFICADOS:

A partir dos relatos, é possível perceber que o bordado possui um forte significado afetivo para a comunidade, especialmente para as mulheres que o praticam. Mais do que uma atividade econômica, o bordado é uma forma de expressão criativa e identitária, carregada de memórias, tradições e sentimentos. As bordadeiras, ao mesmo tempo em que desempenham tarefas domésticas e cuidam de suas famílias, encontram no bordado uma maneira de afirmar sua sensibilidade, talento e pertencimento cultural.

Além disso, o bordado representa uma importante fonte de sustento para grande parte dessas mulheres, contribuindo de forma significativa para a economia familiar. A valorização desse ofício evidencia como a cultura local está enraizada nas práticas cotidianas da população, especialmente das mulheres, que se tornam agentes de preservação e difusão da identidade do município.

> "Eu acho que eu não imagino fazendo outra coisa a não ser bordar. Bordo há 21 anos e essa foi sempre minha renda principal e saber que através do meu bordado eu consegui manter minha família é muito importante pra mim. Conto com meu marido, mas a renda dos meu bordados é muito importante pra arcar com outras despesas, como manter meu filho fazendo faculdade em outra cidade." *(Relato de entrevistada, 2025.)*

PESSOAS ENVOLVIDAS:

Em São Fernando, a prática do bordado é exclusivamente realizada por mulheres.

MATERIAIS:

As bordadeiras costumam utilizar uma variedade de tecidos, como oxford, tricoline, linho, cambraia de linho, percal, étamine, jeans, entre outros. Geralmente, empregam linhas de seda, que conferem brilho ao bordado, embora também façam uso de outros tipos de linha, dependendo do efeito desejado para a peça.

MODOS DE FAZER OU TÉCNICAS:

1. Risco (Desenho ou Croqui)

O processo de bordar começa com a criação do "risco", nome dado ao desenho que será transferido para o tecido. Esse croqui pode ser feito manualmente pelas próprias bordadeiras ou escolhido a partir de modelos já existentes. O risco é fundamental, pois orienta toda a composição do bordado.

2. Transferência do Desenho

Após a definição do risco, ele é transferido para o tecido com o uso de papel carbono. Essa etapa exige cuidado e precisão, pois qualquer erro pode comprometer a harmonia do bordado.

3. Escolha do Tecido e das Linhas

Os tecidos mais utilizados são o linho, cambraia de linho, percal, tricoline, étamine, oxford e até o jeans. A escolha depende do tipo de peça e da finalidade. As linhas de seda são bastante comuns por darem brilho e sofisticação às peças, embora outros tipos de linha também sejam usados.

4. Técnicas de Bordado

As principais técnicas identificadas nos bordados finos do Seridó são:

- Ponto Cheio: Utilizado para preencher completamente as áreas do desenho, criando formas sólidas e marcantes.
- Matizado: Técnica que permite mesclar tons de linha, dando efeito sombreado e mais realismo aos desenhos, especialmente flores e folhagens.

5.Execução em máquina costura de pedal.

- Todo o processo é feito na máquina, com agulha e bastidor, o que exige coordenação motora, paciência e prática. O bastidor é essencial para manter o tecido esticado, facilitando o controle dos pontos.

6. Acabamento

- Após o bordado, a peça passa por um processo de finalização que inclui corte, costura, revisão e, em muitos casos, aplicação em outras superfícies (como almofadas, toalhas, roupas, etc.). O acabamento é tão importante quanto o bordado em si, pois garante a durabilidade e valorização da peça.

MODOS DE FAZER OU TÉCNICAS: passo a passo:

Figura 1: Escolher o que irá ser bordado, na imagem será uma toalha.

Fonte: Autor, 2025.

Figura 2: Escolhe o risco de sua preferência. Nesse caso será uma rosa.

Fonte: Autor, 2025.

Figura 3: Risca a toalha com o auxílio de um carbono.

Fonte: Autor, 2024.

Figura 4: Máquina de costura.

Fonte: Autor, 2025.

Figura 4: A tolha finalizada bordada.

Fonte: Autor, 2025.

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS:

1. Toalhas de mesa
- Características:
  - Bordado rico em detalhes e com padrões florais, geométricos ou temáticos religiosos.
  - Tecido de linho, algodão ou percal, geralmente de alta qualidade.
  - Acabamento refinado, muitas vezes com rendas e barrados.
  - Tamanho variado, desde centrais de mesa até toalhas para grandes mesas de jantar.

2. Caminhos de mesa e trilhos
- Características:
  - Peças mais estreitas e alongadas, ideais para decoração de mesas ou móveis.
  - Bordados com pontos delicados e bem definidos, como ponto cheio, ponto cruz e ponto sombra.
  - Uso decorativo, com forte apelo artesanal e valor estético.

3. Enxovais (lençóis, fronhas, colchas)
- Características:
  - Bordados finos aplicados em peças de cama, voltadas para compor enxovais personalizados ou de casamento.
  - Alto nível de acabamento e harmonia entre bordado e tecido.

4. Panos de prato e toalhas de mão
- Características:
  - Bordados com temas florais, pássaros, frutas ou figuras regionais.
  - Utilitários que também têm função decorativa.
  - Podem conter frases ou dizeres bordados, em estilo tradicional.

5. Artigos religiosos
- Características:
  - Panos de altar, estandartes, toalhas para sacramentos bordadas com motivos sacros.
  - Usados em cerimônias religiosas ou para ornamentação de igrejas.
  - Produção cuidadosa e simbólica.

6. Roupas e acessórios
- Características:
  - Blusas, vestidos, saias e batas femininas com aplicações de bordado fino.
  - Peças que unem moda e tradição artesanal.

OBJETOS IMPORTANTES:

Historicamente, o processo era realizado em máquinas de costura manuais ou de pedal, conhecidas por exigirem grande esforço físico das bordadeiras. Essas máquinas, movidas exclusivamente pela força dos pés, demandavam ritmo constante e precisão, exigindo que a artesã coordenasse simultaneamente os movimentos da agulha e do tecido, o que exigia muito treino e destreza.

Durante muitos anos, essas máquinas funcionavam sem motor, sendo ativadas por um pedal mecânico que movimentava a agulha de forma manual. Esse processo, embora eficiente para a época, era mais lento e cansativo, principalmente em jornadas longas de trabalho.

Com o avanço tecnológico, as bordadeiras passaram a utilizar máquinas com motor elétrico, que representam uma grande melhoria em termos de conforto e agilidade. Atualmente, basta um leve pressionar do pedal para que a máquina inicie automaticamente o movimento da agulha, facilitando o controle do ponto e aumentando significativamente a produtividade. Essa modernização reduziu o esforço físico das artesãs e possibilitou maior precisão nos detalhes do bordado, mantendo a qualidade artística e artesanal do trabalho.

Além das máquinas, outros instrumentos fundamentais também fazem parte do processo, como:

- Agulhas específicas, que variam conforme o tipo de ponto e tecido.
- Tesouras de precisão, utilizadas para cortes delicados e acabamentos.
- Bastidores, que ajudam a manter o tecido esticado e firme durante o bordado.
- Linhas de algodão, seda ou poliéster, escolhidas conforme o efeito desejado, com atenção especial às cores e resistência.
- Réguas, lápis e moldes, usados para desenhar os padrões no tecido antes de iniciar o bordado.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS:

O primeiro item indispensável é a máquina de costura, que pode ser do tipo reta ou de pedal, com ou sem motor, dependendo da técnica utilizada e da preferência da bordadeira.

Outro instrumento crucial é o bastidor, que serve para manter o tecido bem esticado e firme durante a execução do bordado. Isso evita que o tecido enrugue ou escorregue, garantindo maior regularidade nos pontos e melhor acabamento da peça.

tesoura de precisão também é indispensável para realizar cortes limpos no tecido e fazer ajustes delicados nos fios e acabamentos, sem danificar o bordado.
Por fim, os riscos são utilizados para guiar o desenho que será bordado. Eles podem ser feitos manualmente com lápis ou caneta própria para tecido, ou transferidos por meio de papel carbono, stencil ou técnicas de decalque. Esses moldes são fundamentais para manter a uniformidade dos traços e garantir que o resultado final fique harmônico e bem definido.
Além desses itens, muitas bordadeiras também utilizam linhas de qualidade, agulhas adequadas para cada tipo de tecido e ponto.

TRANSMISSÃO DO SABER:

O aprendizado do bordado, especialmente nas regiões onde ele é parte do patrimônio cultural, como no Seridó, acontece de forma tradicional e afetiva, transmitido de geração em geração. Muitas vezes, o saber do bordado é passado de mãe para filha, de avó para neta, em um ambiente doméstico e familiar, onde o aprendizado ocorre de maneira natural, por meio da observação, da prática e da convivência.
Nas rodas de bordado, que são comuns em comunidades artesãs, o ensino é feito de forma oral e prática, onde as mais experientes demonstram os pontos, corrigem os movimentos e compartilham dicas sobre tecidos, linhas, máquinas e acabamentos. Esse formato fortalece não apenas o aprendizado técnico, mas também os laços sociais e culturais entre as bordadeiras.

AVALIAÇÃO:

Pontos positivos para a continuidade e fortalecimento da festa:

1. Preservação da identidade cultural;
2. Valorização do saber tradicional;
3. Geração de renda e autonomia;
4. Reconhecimento em feiras, premiações e políticas públicas;
5. Estímulo ao turismo cultural.

Fatores de risco que podem comprometer a festa no futuro:

1. Desvalorização do saber artesanal;
2. Envelhecimento das artesãs e falta de sucessores;
3. Concorrência com produtos industrializados;
4. Falta de incentivo público e políticas de preservação.

RECOMENDAÇÃO:

- Criação de programas de ensino e oficinas;
- Valorização das bordadeiras;
- Incorporação do bordado na educação formal;
- Incentivo à comercialização justa;
- Criação de políticas públicas de fomento;
- Festivais culturais;
- Parcerias com o setor de moda e design.

Este documento foi elaborado por Douglas Lins de Medeiros Santos, com a colaboração de 5 bordadeiras da cidade de São Fernando, em especial a mãe do Autor deste inventário, que atua como bordadeira há 21 anos.

APÊNDICE C: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO ARRAIÁ DA SERRA

IN VEN TÁRIO

Quadrilha - Arraiá da Serra

por **douglas lins**

IDENTIFICAÇÃO - FORMAS DE EXPRESSÃO

NOME:

Arraiá da Serra

IMAGENS:

Figura 1: Arraia da Serra 2017.

Fonte: Instagram Arraiá da Serra, 2017.

Figura 2: Arraiá da Serra 2009.

Fonte: Facebook Juninho Araújo, 2009.

Figura 3: Arraiá da Serra 2013.

Fonte: Facebook Juninho Araújo, 2013.

Figura 4: Arraiá da Serra 2017.

Fonte: Instagram Arraiá da Serra, 2017.

O QUE É:

Trata-se de uma quadrilha junina estilizada, que participa de concursos e festivais culturais, apresentando coreografias elaboradas, figurinos temáticos e elementos cênicos que valorizam a tradição nordestina.

IDENTIFICAÇÃO - FORMAS DE EXPRESSÃO

ONDE É:

A primeira apresentação da quadrilha ocorre tradicionalmente na cidade de São Fernando, servindo como uma espécie de estreia oficial, com o objetivo de inaugurar a temporada de apresentações e, ao mesmo tempo, identificar e corrigir possíveis falhas técnicas ou de coreografia. O local exato dessa apresentação inicial pode variar, sendo realizada tanto na praça principal da cidade quanto nas dependências do São Fernando Esporte Clube, de acordo com a disponibilidade e estrutura oferecida. Após essa apresentação de estreia, a quadrilha inicia sua jornada pelos concursos regionais, participando de festivais em diversas cidades do Estado e, em alguns casos, até mesmo em municípios de estados vizinhos.

PERÍODOS IMPORTANTES:

A temporada oficial de apresentações tem início no mês de junho, período tradicional das festas juninas. No entanto, os preparativos começam bem antes: os ensaios são iniciados com vários meses de antecedência, geralmente ainda no primeiro trimestre do ano, a fim de garantir o aprimoramento das coreografias, da sincronização do grupo e da produção dos figurinos e cenários. Durante o mês de junho, a quadrilha mantém uma intensa agenda de apresentações, participando de diversos eventos e concursos regionais. Essa temporada pode se estender até o início de julho, especialmente quando há competições programadas para esse período.

HISTÓRIA:

O Arraiá da Serra teve sua origem no ano de 2001, durante a gestão do então prefeito Paulo Emídio de Medeiros. O nome do grupo é uma homenagem direta a um dos símbolos geográficos e afetivos da cidade: o Monte Pascoal, popularmente conhecido como "Serra". A forte ligação da comunidade com esse ponto turístico inspirou a escolha do nome, simbolizando identidade, tradição e pertencimento.

No início, a quadrilha tinha um perfil tipicamente matuto e realizava suas apresentações apenas dentro da cidade, com o objetivo principal de valorizar a cultura junina local e animar os festejos do período. A qualidade e o entusiasmo das apresentações fizeram com que, com o passar dos anos, o grupo ganhasse visibilidade e começasse a alçar voos maiores.

Foi em 2009 que o Arraiá da Serra deu um passo importante: começou a participar de concursos regionais de quadrilhas juninas, mantendo ainda seu estilo tradicional matuto. Nesse mesmo ano, conquistou seu primeiro grande reconhecimento ao vencer um concurso realizado na cidade de Cruzeta, no Rio Grande do Norte.

Em 2013, o grupo passou por uma importante transformação estética e artística. Deixou de lado o formato matuto e adotou um novo estilo, mais moderno e coreografado, conhecido como quadrilha estilizada. Essa mudança marcou uma nova fase para o Arraiá da Serra, que passou a se apresentar em diversas cidades do estado, ganhando destaque e acumulando prêmios.

A temporada mais marcante e vitoriosa do grupo aconteceu em 2017, sob o apoio da gestão do prefeito Polion Maia. Esse foi o ano de maior atividade do Arraiá da Serra, com participações em inúmeros concursos e apresentações por todo o estado. Entre os resultados de destaque dessa temporada estão:

- Concurso Estadual da TV Cabugi: 5º lugar
- Alexandria/RN: 1º lugar
- Timbaúba dos Batistas/RN: 1º lugar
- Patu/RN: 2º lugar
- Jardim do Seridó/RN: 2º lugar

Apesar do grande sucesso, o grupo enfrentou dificuldades nos anos seguintes. Tentativas de retornar às atividades foram feitas, mas esbarraram na falta de apoio financeiro e no baixo número de participantes interessados, o que acabou impossibilitando a continuidade das apresentações.

Mesmo assim, o legado do Arraiá da Serra permanece vivo na memória da comunidade e na história cultural da cidade, como um exemplo de dedicação, arte e amor pelas tradições nordestinas.

SIGNIFICADOS:

Para os jovens que integravam o Arraiá da Serra, participar da quadrilha ia muito além de uma simples atividade cultural — era um verdadeiro momento de lazer, escape e realização pessoal. Muitos deles passavam o dia inteiro envolvidos com suas obrigações profissionais ou escolares, e era apenas à noite que conseguiam se reunir para ensaiar, preparar coreografias, organizar figurinos e planejar as viagens para participar dos concursos.

Mesmo diante do cansaço e das limitações de tempo, o entusiasmo era contagiante. A quadrilha se tornava um espaço de convivência, amizade e superação, onde cada integrante dava o melhor de si para representar com orgulho o município de São Fernando — uma pequena cidade do interior que, com coragem e talento, ousava competir de igual para igual com grandes quadrilhas de cidades como Natal.

IDENTIFICAÇÃO - FORMAS DE EXPRESSÃO

Para os jovens que integravam o Arraiá da Serra, participar da quadrilha ia muito além de uma simples atividade cultural — era um verdadeiro momento de lazer, escape e realização pessoal. Muitos deles passavam o dia inteiro envolvidos com suas obrigações profissionais ou escolares, e era apenas à noite que conseguiam se reunir para ensaiar, preparar coreografias, organizar figurinos e planejar as viagens para participar dos concursos.

Mesmo diante do cansaço e das limitações de tempo, o entusiasmo era contagiante. A quadrilha se tornava um espaço de convivência, amizade e superação, onde cada integrante dava o melhor de si para representar com orgulho o município de São Fernando — uma pequena cidade do interior que, com coragem e talento, ousava competir de igual para igual com grandes quadrilhas de cidades como Natal.

Para muitos desses jovens, levar o nome de São Fernando aos palcos regionais e estaduais era motivo de enorme orgulho. Ver o nome da sua cidade ser anunciado entre os vencedores, em meio a tantos grupos renomados, mostrava ao público e às demais localidades que mesmo os municípios menores possuem uma cultura viva, forte e pessoas verdadeiramente comprometidas com sua preservação e valorização.

Segundo relatos emocionados, a sensação de conquistar um prêmio ou subir ao pódio era simplesmente indescritível. Cada troféu simbolizava o reconhecimento por meses de trabalho árduo, noites mal dormidas, ensaios intensos e dedicação coletiva. Mais do que as vitórias, o que realmente marcava cada participante era o sentimento de pertencimento e a certeza de estar contribuindo para manter viva uma das tradições mais belas do Nordeste: a cultura junina.

ETAPAS:

Uma das etapas mais importantes no processo de construção do Arraiá da Serra era o período de preparação, que se iniciava com vários meses de antecedência. Muito antes do mês de junho, os integrantes já estavam mobilizados em uma rotina intensa de ensaios, planejamento e organização geral.

O processo envolvia diversas frentes: desde a criação e ensaio das coreografias — que exigiam disciplina, repetição e sintonia entre os dançarinos. Além disso, havia toda a logística de bastidores: escolha das músicas, definição dos roteiros das apresentações, montagem dos cenários e coordenação das equipes de apoio. Contudo, era só no mês de Junho que o grupo finalmente colocava tudo em prática.

Além disso, é importante destaca que nos concursos, cada quadrilha tem direito a 25 minutos.

PESSOAS ENVOLVIDAS:

As pessoas envolvidas com o Arraiá da Serra eram, em sua maioria, jovens, mas também havia espaço para participantes com mais experiência, que contribuíam com conhecimento, organização e liderança dentro do grupo. A quadrilha sempre manteve um ambiente acolhedor e inclusivo, onde diferentes faixas etárias podiam colaborar e aprender umas com as outras.

Geralmente, a participação era permitida a partir dos 15 anos de idade, desde que houvesse autorização dos pais ou responsáveis. Nas viagens para outras cidades, era exigido que menores de idade estivessem acompanhados por um adulto responsável, garantindo a segurança e o bem-estar de todos os integrantes durante os deslocamentos e apresentações.

ROUPAS E ACESSÓRIOS:

Cada figurino é planejado com antecedência e pensado como parte essencial da narrativa contada na coreografia. As roupas são geralmente feitas sob medida, com tecidos brilhantes, coloridos, rendas, bordados, paetês e pedrarias, que ajudam a destacar os movimentos no palco e a criar impacto visual durante as apresentações. As cores são escolhidas com cuidado, de forma a harmonizar com o tema escolhido para a temporada — que pode variar entre histórias regionais, contos populares, homenagens culturais, entre outros.

Os vestidos das mulheres costumam ter saias volumosas, estruturadas com armações ou anáguas, e detalhes que chamam a atenção, como flores, laços e babados. Já os trajes masculinos também são sofisticados, muitas vezes com coletes, calças bordadas, chapéus estilizados e até elementos cênicos que fazem parte da encenação.

Além das roupas, os acessórios têm papel fundamental na composição visual. Chapéus, luvas, tiaras, brincos, colares e até adereços de mão são escolhidos para complementar o visual de cada personagem da quadrilha. Em muitos casos, há também o uso de maquiagens artísticas e penteados elaborados, reforçando a identidade de cada integrante no conjunto da apresentação.

Tudo isso é pensado não apenas para encantar o público, mas para somar pontos nos concursos, onde os jurados avaliam não só a coreografia, mas também figurino, criatividade, originalidade e fidelidade ao tema proposto.

Assim, as roupas e acessórios da quadrilha estilizada são verdadeiras obras de arte em movimento, que traduzem o brilho, a paixão e a força da cultura junina nordestina.

IDENTIFICAÇÃO - FORMAS DE EXPRESSÃO

EXPRESSÕES CORPORAIS:

coreografias elaboradas, dinâmicas e teatrais, que combinam passos tradicionais da cultura junina com elementos modernos da dança cênica. Cada apresentação conta uma história, e a dança é construída para transmitir emoção, ritmo e narrativa do início ao fim.

Os movimentos corporais vão muito além do simples “dois pra lá, dois pra cá”. Os dançarinos exploram giros, saltos, formações em grupo, duetos e expressões faciais marcantes, sempre de forma sincronizada. A postura é ereta e firme, mas com leveza nos braços e fluidez nos deslocamentos, para dar ritmo e beleza aos passos.

As expressões corporais são essenciais para dar vida à apresentação: sorrisos, olhares intensos, gestos dramáticos ou alegres ajudam a envolver o público na história que está sendo contada. Em muitos casos, os dançarinos interpretam personagens, usando o corpo como ferramenta principal para comunicar sentimentos como alegria, saudade, luta ou celebração.

EXPRESSÕES ORAIS:

As músicas que embalam as apresentações da quadrilha são cuidadosamente selecionadas, levando em consideração o tema do espetáculo, os momentos coreográficos e a identidade cultural do grupo. A execução dessas músicas fica a cargo do "Regional", a banda tradicionalmente responsável por acompanhar toda a apresentação ao vivo. Composta por músicos experientes.

A performance do Regional vai muito além de simplesmente tocar as músicas: eles interagem com os dançarinos, ajustam o ritmo conforme o andamento da coreografia e, em muitos casos, improvisam trechos musicais ou falas para se adequar a imprevistos ou realçar determinados momentos da apresentação.

A presença da música ao vivo também contribui para uma atmosfera mais vibrante e envolvente, fortalecendo o vínculo entre o grupo e a plateia. O trabalho do Regional é essencial para garantir o ritmo, o clima festivo e a identidade sonora que tornam cada apresentação única e memorável.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS:

A quadrilha possui uma estrutura robusta e bem organizada, o que, embora represente um diferencial em suas apresentações, também traz desafios logísticos consideráveis. Muitas vezes, é necessário viajar para outras cidades para participar de eventos, o que se torna complicado devido ao porte dos equipamentos que fazem parte do espetáculo. Palcos, escadas, elementos cênicos e outros itens de grande porte dificultam o transporte e exigem planejamento antecipado. Além disso, os trajes típicos utilizados pelos quadrilheiros — geralmente volumosos, detalhados e confeccionados com materiais específicos — também ocupam bastante espaço e exigem cuidados especiais durante o deslocamento.

Apesar dessas dificuldades, a própria quadrilha é responsável por arcar com a maior parte das despesas relacionadas à sua estrutura e às viagens. Para isso, os integrantes e apoiadores se mobilizam ao longo do ano realizando bingos, rifas, vendas de alimentos e outras ações comunitárias com o objetivo de arrecadar fundos e manter viva a tradição junina.

O apoio do poder público também é fundamental nesse processo. A prefeitura local, por meio de políticas culturais e incentivo às manifestações populares, contribui custeando parte das despesas da quadrilha, como transporte, alimentação ou mesmo aluguel de espaços para ensaio. Essa parceria entre a comunidade e o governo municipal é essencial para que a quadrilha continue crescendo e representando a cidade com orgulho em diferentes festivais e competições regionais.

AVALIAÇÃO:

Pontos positivos para a continuidade e fortalecimento da festa:

1. Valorização da Cultura Local: O Arraiá da Serra;
2. Impacto na Juventude;
3. Integração Comunitária;
4. Promoção do Turismo Cultural;
5. Suporte Governamental;
6. Diversidade de Atividades e Parcerias;

Fatores de risco que podem comprometer a festa no futuro:

1. Falta de Apoio Financeiro Contínuo;
2. Falta de Novos Integrantes;
3. Desinteresse da Comunidade;
4. Desafios Logísticos e Estruturais;
5. Concorrência com Outras Atividades Culturais;
6. Mudanças na Percepção da Tradição Cultural.

RECOMENDAÇÃO:

- Parcerias com Instituições de Ensino;
- Ampliação do Apoio Municipal e Estadual;
- Criação de Editais Municipais de Cultura;
- Oficinas de Capacitação Artística e Cultural;
- Programa de Inclusão de Jovens e Crianças.

Este documento foi elaborado por
Douglas Lins de Medeiros Santos, com
a colaboração de outros quatro
moradores de São Fernando e alguns
relatos de quadrilheiros:
J.M.; A.K.; A.A.; M.S.; B.S.; H.G.;

APÊNDICE D: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO MANTEIGA DA TERRA

IN VEN TÁRIO

Manteiga da Terra

por **douglas lins**

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

NOME:

Manteiga da Terra

IMAGENS:

Figura 1: Local onde é produzido.

Fonte: Autor, 2025.

Figura 2: Manteiga em Produção final.

Fonte: Autor, 2025.

Figura 3: Manteiga em tambor.

Fonte: Autor, 2025.

Figura 4: Manteiga em garrafa.

Fonte: Autor, 2025.

O QUE É:

A manteiga da terra é um ingrediente típico da culinária nordestina, amplamente utilizado para temperar e dar sabor a diversos pratos regionais. É produzida artesanalmente a partir do leite de vaca, passando por um processo de fervura e separação da gordura, resultando em um produto de cor amarelada, como mostrado nas figuras acima.

ONDE ESTÁ:

A produção da manteiga da terra geralmente acontece em locais afastados das áreas urbanas, como sítios, fazendas ou espaços mais abertos (figura 1). Isso se deve ao uso do fogo no processo, que gera fumaça e pode incomodar os moradores da cidade. Além disso, por ser um preparo demorado e artesanal, muitas vezes a manteiga é feita em conjunto com outros produtos, como o queijo de manteiga, cuja fabricação também exige tempo e costuma ocorrer na zona rural.

PERÍODOS IMPORTANTES:

A produção da manteiga da terra não ocorre em um período específico, pois representa uma fonte de renda constante para muitos mantegueiros, sendo realizada diariamente. Além disso, é um ingrediente presente no cotidiano das famílias nordestinas, utilizado com frequência na alimentação.

HISTÓRIA:

O Sertão do Seridó tem suas raízes na presença dos povos indígenas e no processo de colonização marcado pela criação de gado. A instalação de currais e fazendas atraiu europeus e pessoas afro-brasileiras escravizadas, dando início ao povoamento da região. Com o tempo, o Seridó tornou-se um importante polo de produção artesanal de queijos de coalho e manteiga, práticas que remontam ao período colonial e são transmitidas oralmente entre gerações.

A manteiga da terra passou a integrar as rotinas das fazendas e sítios da região, adquirindo características singulares que a diferenciam de outras versões produzidas no país. Sua produção mantém forte valor cultural e histórico, sendo predominantemente artesanal e familiar. Atualmente, a pecuária e a fabricação de derivados do leite, como queijos e manteiga, desempenham papel essencial na economia local, especialmente entre pequenos produtores rurais.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo setor, essas atividades continuam sendo fonte importante de renda e de preservação dos modos de vida tradicionais. Os produtos derivados da criação de gado não só possuem alto valor nutricional, mas também carregam o simbolismo e a identidade do Sertão seridoense, fortalecendo sua presença no cenário agroalimentar do Nordeste brasileiro.

SIGNIFICADOS:

A partir dos relatos recolhidos na comunidade, torna-se evidente que a manteiga da terra vai muito além de um simples ingrediente culinário: ela carrega um profundo significado afetivo e simbólico para aqueles que a produzem e consomem. Entre os produtores — em sua maioria homens que aprenderam o ofício com pais e avós — a prática de fabricar manteiga está diretamente ligada à memória familiar, ao orgulho do saber-fazer tradicional e ao sentimento de continuidade cultural. Para muitos, produzir manteiga é uma forma de manter viva a história da família e da comunidade, uma herança que se transmite pelo gesto, pelo cheiro e pelo gosto.

Entre os consumidores, a ligação com a manteiga também é carregada de afeto e costume. Muitos relatam não conseguir imaginar o café da manhã sem o sabor inconfundível da manteiga da terra: seja espalhada sobre um pão quente, acompanhando uma bolacha assada, misturada no cuscuz ou servida com macaxeira.

> "Não imagino minha vida sem uma manteiga pra comer com um pão no café, e sem ela numa bolacha assada." *(Relato de entrevistada, 2025.)*

PESSOAS ENVOLVIDAS:

Em São Fernando, a produção é exclusivamente realizada por homens.

MATERIAIS:

Leite de vaca cru (ou nata coalhada, extraída do leite) é o único material de ingrediente necessário.

MODOS DE FAZER OU TÉCNICAS:

Segundo os relatos dos entrevistados, todos seguem o mesmo método de preparo, que consiste em:

Etapas:

1. Descanso do leite cru: O leite é deixado em repouso por 12 a 24 horas para que a nata (gordura) suba à superfície.
2. Coleta da nata: A camada superior (nata) é retirada com cuidado e acumulada por alguns dias.
3. Fervura da nata: A nata é colocada em uma panela ou tacho grande e levada ao fogo (geralmente à lenha), sendo mexida constantemente.
4. Separação da gordura: A gordura começa a se separar e flutuar. O líquido mais escuro no fundo (conhecido como “borra”) vai ficando mais evidente.
5. Coagem: A manteiga líquida é coada em pano limpo ou peneira fina.
6. Armazenamento: Ainda quente, a manteiga é colocada em garrafas ou potes de vidro.

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS:

A manteiga da terra é o principal produto obtido no processo, mas também é amplamente utilizada como ingrediente fundamental na produção do queijo de manteiga, outro alimento típico e valorizado na culinária nordestina.

OBJETOS IMPORTANTES:

A produção da manteiga da terra, como já mencionado, parte basicamente da nata do leite. De forma simples, qualquer pessoa que disponha da nata e de utensílios básicos, como uma panela e uma colher, pode prepará-la em casa, levando a nata ao fogo até atingir o ponto ideal, para uso cotidiano.

No entanto, nos locais onde a manteiga é produzida em maior escala, especialmente por famílias ou pequenos produtores rurais, há a utilização de instrumentos mais adequados ao volume e à qualidade desejada. Entre os principais objetos utilizados nesse processo artesanal, destacam-se:

- Peneira ou coador de pano: utilizada para coar o leite ou a nata, separando impurezas e resíduos sólidos;
- Panela ou tacho grande: serve para ferver a nata e derreter a gordura; pode ser feito de alumínio, ferro ou barro;
- Colher de pau ou mexedor: essencial para mexer a nata durante o aquecimento, evitando que ela grude ou queime;

- Fogão à lenha ou fogareiro: fonte de calor que garante o cozimento adequado; a lenha ainda confere um aroma e sabor característicos à manteiga;
- Garrafas de vidro ou plástico: recipientes onde a manteiga é armazenada ainda quente;
- Funil: facilita o enchimento das garrafas durante o envase da manteiga;
- Pano limpo ou gaze: usado para filtrar a manteiga, garantindo um produto mais puro;
- Balde ou vasilha grande: utilizado para acumular a nata extraída do leite ao longo dos dias;
- Concha ou colher funda: empregada na retirada da gordura separada da borra ao final do cozimento.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS:

Para ser feita a manteiga é necessário um local aberto, como um galpão, além de:

- Peneira ou coador de pano;
- Panela ou tacho grande;
- Colher de pau ou mexedor;
- Fogão à lenha ou fogareiro;
- Garrafas de vidro ou plástico;
- Funil;
- Pano limpo ou gaze;
- Balde ou vasilha grande;
- Concha ou colher funda;

TRANSMISSÃO DO SABER:

1. Acumule a nata do leite
- Após ferver o leite, recolha a nata que se forma na superfície e armazene em recipiente fechado na geladeira até ter uma boa quantidade.
2. Coloque a nata na panela
- Transfira toda a nata para uma panela grande, de preferência funda para evitar respingos durante a fervura.
3. Leve ao fogo baixo e mexa sempre
- Com o fogo baixo, comece a aquecer a nata, mexendo lentamente e continuamente com uma colher de pau para evitar que queime no fundo.
4. Ferva até separar a gordura da borra
- Durante o processo, a gordura (a manteiga) vai se separando da parte sólida (a borra). Isso leva cerca de 40 minutos a 1 hora, dependendo da quantidade e do fogo.

5. Coe a manteiga quente

- Com cuidado, use um pano limpo ou peneira fina para coar a manteiga ainda quente, separando a gordura líquida da borra.

6. Embale a manteiga

- Com a ajuda de um funil, despeje a manteiga coada em garrafas de vidro ou plástico. Tampe bem.

7. Armazene corretamente

- Depois de fria, a manteiga pode ser armazenada fora da geladeira (em local seco e fresco), mas muitas pessoas preferem refrigerar para conservar melhor.

AVALIAÇÃO:

Pontos positivos para a continuidade e fortalecimento da festa:

1. Tradição e identidade regional;
2. Saberes tradicionais;
3. Valorização do patrimônio imaterial;
4. Uso gastronômico diversificado;
5. Apoio de políticas públicas e feiras locais;
6. Turismo cultural e gastronômico.

Fatores de risco que podem comprometer a festa no futuro:

1. Industrialização e padronização alimentar;
2. Desvalorização cultural;
3. Dificuldade de comercialização;
4. Êxodo rural e envelhecimento dos produtores;
5. Falta de registro e documentação;
6. Mudanças nos hábitos alimentares.

RECOMENDAÇÃO:

- Registro como Patrimônio Cultural Imaterial;
- Incentivo à produção artesanal;
- Educação e valorização nas escolas;
- Formação de novas gerações;
- Promoção em feiras e eventos culturais;
- Fomento à pesquisa e documentação;
- Apoiar estudos acadêmicos, registros audiovisuais e publicações sobre o processo produtivo, a história e os significados culturais da manteiga da terra.
- Valorização na gastronomia contemporânea.

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

Este documento foi elaborado por Douglas Lins de Medeiros Santos, com a colaboração de 5 manteigueiros da cidade de São Fernando.

APÊNDICE E: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO QUEIJO DE MANTEIGA

IN VEN TÁRIO

Queijo de Manteiga

por **douglas lins**

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

NOME:

Queijo de Manteiga

IMAGENS:

Figura 1: O queijo sendo mexido

Fonte: Autor, 2025.

Figura 2: O queijo perto do ponto final

Fonte: Autor, 2025.

Figura 3: Sendo colocado em formas

Fonte: Autor, 2025.

Figura 4: Enformados

Fonte: Autor, 2025.

O QUE É:

O queijo de manteiga é um tipo de queijo tradicional do Nordeste do Brasil, muito popular no Estado Rio Grande do Norte, especialmente no Seridó. É feito a partir da massa coalhada do leite, que depois de escorrida, é cozida com manteiga da terra.

ONDE ESTÁ:

A produção do queijo de manteiga é realizada em fazendas e sítios da zona rural. Isso se deve a uma combinação de fatores práticos, culturais e sanitários. Por ser um processo artesanal, ele exige o uso de leite, geralmente obtido diretamente após a ordenha, o que é mais fácil em ambientes rurais. Além disso, a fabricação envolve a cocção da massa do queijo junto à manteiga da terra, um procedimento que costuma ser feito em fogões à lenha, gerando bastante fumaça e calor.

Outro fator importante são as exigências sanitárias e legais, que dificultam a produção em centros urbanos, principalmente quando se trata de métodos tradicionais. Por isso, a zona rural continua sendo o ambiente mais apropriado para manter as técnicas originais e garantir a qualidade do queijo de manteiga, respeitando tanto os aspectos culturais quanto os requisitos de higiene e segurança.

PERÍODOS IMPORTANTES:

A produção do queijo de manteiga não está limitada a uma época do ano, pois representa uma fonte contínua de sustento para muitos queijeiros, sendo feita diariamente. Além de garantir renda, o queijo de manteiga também está presente de forma constante na alimentação das famílias nordestinas, fazendo parte do dia a dia e da cultura regional.

HISTÓRIA:

O sertão do Seridó tem suas raízes ligadas à presença ancestral dos povos indígenas e à posterior colonização, marcada pela criação de gado. A partir da instalação de currais e fazendas, essa região começou a ser ocupada por colonizadores europeus e por pessoas afro-brasileiras submetidas à escravidão. Com o tempo, o Seridó consolidou-se como um importante polo de produção artesanal de queijos, especialmente os de coalho e de manteiga. O saber-fazer desses produtos remonta aos tempos coloniais e reflete práticas transmitidas oralmente de geração em geração.

Durante o processo de expansão da pecuária na colonização, a produção do queijo de manteiga foi integrada à rotina das fazendas e sítios do Rio Grande do Norte, destacando-se especialmente na região do Seridó. Com o passar dos anos, esse tipo de queijo adquiriu características próprias, que o diferenciam não apenas de outros queijos de manteiga produzidos em diferentes regiões do Brasil, mas também de variedades feitas em outras partes do próprio estado.

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

No Seridó, a produção do queijo de manteiga carrega um forte valor cultural e histórico. Sua fabricação permanece, em grande parte, baseada em práticas empíricas, sustentadas pela tradição oral e pelo trabalho familiar. Esse modo de produção artesanal contribui para a preservação de técnicas e valores herdados ao longo do tempo.

Atualmente, a pecuária e o setor de laticínios, com destaque para a produção de queijo de manteiga, desempenham um papel relevante na organização territorial, agrária e econômica da região. Mesmo diante de limitações estruturais e desafios enfrentados pelo setor, essa atividade continua sendo uma importante fonte de renda, beneficiando agricultores, comerciantes e demais agentes locais. Além de sua importância econômica, os produtos derivados do gado — como carnes, queijos e manteiga — também são reconhecidos por seu valor simbólico, representando a identidade e a tradição do sertão seridoense no contexto agroalimentar do Nordeste.

O consumo de leite na região é expressivo, especialmente nas áreas rurais, onde os índices superam a média recomendada por organizações internacionais. Isso se deve ao papel central que o leite ocupa na culinária local, sendo base para diversas preparações tradicionais.

A produção e comercialização de derivados lácteos, como queijos e manteiga, têm grande importância para a economia do Seridó. Essas atividades são conduzidas, em sua maioria, por pequenos produtores rurais, que formam uma parcela significativa da população economicamente ativa. Para muitas famílias, a fabricação desses produtos representa a principal fonte de renda, sendo essencial para a continuidade de seus modos de vida e para o fortalecimento da economia regional.

SIGNIFICADOS:

A partir dos relatos colhidos na comunidade, percebe-se que o queijo de manteiga representam muito mais do que um simples alimento. Carrega um forte valor simbólico e afetivo, profundamente enraizado no cotidiano e na identidade cultural da região. Para aqueles que produzem, especialmente os homens que herdaram o ofício, a fabricação do queijo de manteiga está intimamente ligada à memória familiar, ao orgulho do saber-fazer passado de geração em geração e ao compromisso com a preservação da tradição.

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

Do lado dos consumidores, o queijo de manteiga ocupa um lugar de destaque na alimentação diária. Está presente desde o café da manhã até o jantar, sendo considerado indispensável em muitas casas. Vários relatos reforçam essa presença constante, revelando um apego emocional ao alimento: “não dá para passar um dia sem um café e um queijo bem quentinho”, relatam alguns moradores.

> “Nada se compara a um queijo bem quentinho, seja com a rapa, com açúcar ou acompanhado de goiabada. É bom demais.” *(Relato de entrevistada, 2025.)*

PESSOAS ENVOLVIDAS:

Em São Fernando, a produção é exclusivamente realizada por homens.

MATERIAIS:

- Leite cru (de vaca, fresco);
- Coalho;
- Sal (a gosto);
- Manteiga da terra (manteiga de garrafa, usada para dar sabor e textura);

MODOS DE FAZER OU TÉCNICAS:

Segundo os relatos dos entrevistados, todos seguem o mesmo método de preparo, que consiste em:

Etapas:

1. Ordenha
   - A retirada do leite da vaca pode ser realizada de forma manual ou mecânica, conforme os recursos disponíveis na propriedade.
2. Desnatação do Leite
   - Logo após a ordenha, o leite é desnatado completamente, separando a gordura do restante do líquido.
3. Preparo da Coalhada
   - O leite cru é deixado em repouso por algumas horas, permitindo que coagule naturalmente por fermentação espontânea.
4. Mistura e Aquecimento
   - A coalhada é então misturada ao leite desnatado e aquecida levemente. Em seguida, a massa é prensada para retirada parcial do soro, sem atingir a consistência firme típica do queijo coalho. Parte desse soro é reservada para reutilização, especialmente na alimentação de animais como bovinos e suínos.

5.Textura Liguenta e Pré-fusão

- Com o aquecimento e a constante movimentação, a mistura começa a adquirir uma textura levemente liguenta, preparando-se para receber a gordura.

6.Adição da Manteiga da Terra

- Adiciona-se a manteiga da terra (também conhecida como manteiga de garrafa). A coalhada ou queijo coalho quebrado é incorporado à manteiga quente, junto com uma porção do soro reservado. A mistura é cozida lentamente e mexida sem parar até atingir uma textura elástica e uniforme.

7.Fusão e Ponto de Fio

- O momento-chave do processo é o ponto de fio: quando a massa se torna coesa, puxenta e bem incorporada. Nessa fase, o sabor e a gordura da manteiga se integram completamente à massa do queijo.

8.Modelagem e Resfriamento

- Ainda quente, o queijo é moldado em formas ou tigelas, geralmente de alumínio ou barro. Após o resfriamento, o queijo endurece naturalmente e está pronto para ser desenformado e consumido.

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS:

O queijo de manteiga é o principal resultado desse processo artesanal, podendo ser encontrado em duas versões: com rapa ou sem rapa. A rapa é a parte tostada que se forma no fundo do tacho durante o cozimento, conhecida popularmente como o tostão.

OBJETOS IMPORTANTES:

1. Balde ou recipiente para ordenha

Usado para coletar o leite cru diretamente da vaca, pode ser de alumínio ou plástico.

2. Peneira ou coador

Serve para filtrar o leite, retirando impurezas antes do processo de fermentação.

3. Panela de ferro

4.Fogão à lenha ou fogareiro

Fonte de calor para aquecer a coalhada e derreter a manteiga. Muitas famílias utilizam ainda o fogão de lenha, típico da zona rural.

5.Colher de pau ou mexedor

Usada para mexer continuamente a massa durante o cozimento, até atingir a textura desejada.

6.Pote ou recipiente para guardar o soro
O soro retirado é reservado e armazenado para reutilização na mistura ou na alimentação animal.
7.Formas ou tigelas (barro ou alumínio)
Onde o queijo ainda quente é moldado. As formas podem ter diversos tamanhos e formatos.
8.Tecido limpo ou pano de prato
Usado para coar a coalhada ou cobrir o queijo durante o resfriamento, mantendo a higiene.
9.Sal e manteiga da terra
Embora sejam ingredientes, são também elementos essenciais do processo, que não podem faltar.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS:

Para a produção do queijo de manteiga, é essencial dispor de um ambiente na zona rural, como um sítio ou fazenda, além de:

- Balde ou recipiente para ordenha;
- Peneira ou coador;
- Panela de ferro;
- Fogão à lenha ou fogareiro;
- Colher de pau ou mexedor.

TRANSMISSÃO DO SABER:

1. “Primeiro de tudo: começa lá na vaca.”
A gente tira o leite fresquinho, na ordenha. Pode ser no balde, à mão mesmo, ou com máquina, se tiver. Mas o leite tem que ser bom, saudável, e de preferência tirado na hora.
2. “Depois, tem que desnatá o leite.”
A gente separa a nata (a gordura) com cuidado, porque essa gordura vai virar a manteiga. O leite desnatado também entra no processo depois.
3. “Agora deixa o leite quietinho pra coalhar.”
Põe o leite cru num pote e deixa descansar. Em pouco tempo, ele coalha naturalmente. Não precisa botar nada — o tempo e o calor fazem o trabalho.
4. “Quando tiver coalhado, mistura com o leite desnatado e aquece devagarinho.”
Mexa com calma, no fogo brando, só pra soltar o soro. A gente tira uma parte desse soro, mas guarda um pouco pra usar depois, e até pra dar pros bichos — porco e vaca gostam.

5. “Mexe, mexe, até a coalhada ficar pegajosa.”
Vai ficando liguenta, puxando. É sinal de que tá no ponto pra receber a manteiga.
6. “Agora é hora da manteiga da terra.”
Derrete a manteiga no tacho de barro ou de ferro. Depois, junta a massa do queijo e um pouquinho do soro. Mexe sem parar. Tem que ter braço, viu?
7. “Vai mexendo até dar o ponto de fio.”
Quando a massa começa a puxar como elástico, tá no ponto. A manteiga se mistura toda e o cheiro sobe. É de dar água na boca.
8. “Depois, é só botar nas formas.”
Enquanto tá quente, despeja em tigela ou forma de alumínio. Deixa esfriar. Quando endurece, tá pronto. Aí é só desenformar e servir.

AVALIAÇÃO:

Pontos positivos para a continuidade e fortalecimento do saber:

1. Tradição e identidade regional;
2. Saberes tradicionais;
3. Valorização do patrimônio imaterial;
4. Uso gastronômico diversificado;
5. Apoio de políticas públicas e feiras locais;
6. Turismo cultural e gastronômico.

Fatores de risco que podem comprometer o saber no futuro:

1. Industrialização e padronização alimentar;
2. Desvalorização cultural;
3. Dificuldade de comercialização;
4. Êxodo rural e envelhecimento dos produtores;
5. Falta de registro e documentação;
6. Mudanças nos hábitos alimentares.

RECOMENDAÇÃO:

- Registro como Patrimônio Cultural Imaterial;
- Transmissão entre gerações;
- Educação cultural nas escolas;
- Apoio a pequenos produtores;
- Feiras, festivais e eventos gastronômicos;
- Valorização da produção artesanal;

IDENTIFICAÇÃO - SABERES

Este documento foi elaborado por
Douglas Lins de Medeiros Santos, com
a colaboração de 5 queijeiros da
cidade de São Fernando.

APÊNDICE F: FICHAS

BORDADOS ARTESANAIS I SÃO FERNANDO

Os bordados artesanais

Os bordados artesanais do Seridó são uma tradição passada entre gerações, especialmente entre mulheres, e representam a identidade e a criatividade do povo seridoense.

BORDADOS ARTESANAIS I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

Os bordados artesanais

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

QUADRILHA ARRAIÁ DA SERRA I SÃO FERNANDO

Quadrilha Arraiá da Serra

O Arraiá da Serra é uma quadrilha junina estilizada que surgiu em 2001, durante a administração do prefeito Paulo Emídio de Medeiros . Seu nome faz referência ao Monte Pascoal — popularmente chamado de "Serra".

QUADRILHA ARRAIÁ DA SERRA I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

Quadrilha Arraiá da Serra

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

MANTEIGA DA TERRA I SÃO FERNANDO

A Manteiga da Terra

A manteiga da terra no Seridó é um produto artesanal tradicional, feito a partir do leite, com sabor marcante e cor amarelada. Presente no cotidiano e nas feiras, representa a herança cultural e os saberes do povo sertanejo.

MANTEIGA DA TERRA I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

A Manteiga da Terra

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

ROSA DE MAIO I SÃO FERNANDO

A Rosa de Maio

A Rosa de Maio é um tradicional concurso de beleza e simpatia realizado anualmente em São Fernando desde 1974. Voltado para adolescentes de 13 a 16 anos, o evento celebra a juventude e a participação social das meninas da cidade.

ROSA DE MAIO I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

A Rosa de Maio

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

SHOW CULTURAL I SÃO FERNANDO

O Show Cultural

O Show Cultural, antigo Gincana Cultural, era realizado por jovens de São Fernando para arrecadar fundos para o Arraiá da Serra, com apresentações artísticas e muito humor. Acontecia no São Fernando Esporte Clube, sempre antes de junho.

SHOW CULTURAL I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

O Show Cultural

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

FESTA N. SRA. DAS DORES I SÃO FERNANDO

A Festa de N. Sra. das Dores

A Festa de Nossa Senhora das Dores é uma celebração religiosa realizada em agosto, reunindo a comunidade por dez dias. As atividades, como novenas e missas, ocorrem na Igreja de Nossa Senhora das Dores.

FESTA N. SRA. DAS DORES I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

A Festa de N. Sra. das Dores

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

O SUARÊ I SÃO FERNANDO

O Suarê

O Suarê era uma festa tradicional realizada aos domingos à noite no São Fernando Esporte Clube, reunindo pessoas de todas as idades. Começou nos anos 1970 e evoluiu de radiolas para bandas locais. Era um ponto de encontro da comunidade e atraía visitantes de cidades vizinhas. A festa foi interrompida nos anos 2000, deixando saudades.

O SUARÊ I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

O Suarê
Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

FESTA DAS DEBUTANTES I SÃO FERNANDO

A Festa das debutantes

A Festa das Debutantes, iniciada em 2001, celebra os 15 anos de meninas de São Fernando ou com vínculos familiares no município. Organizada pela prefeitura, promove inclusão e igualdade, permitindo que todas participem independentemente da condição financeira.

FESTA DAS DEBUTANTES I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

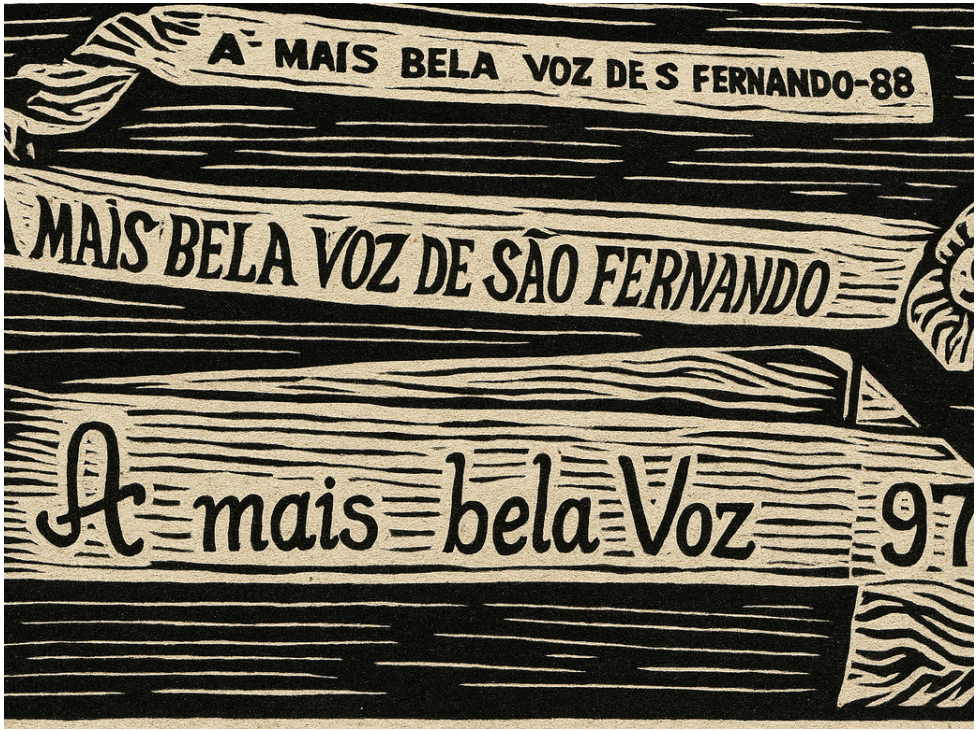
A Festa das debutantes

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

A MAIS BELA VOZ I SÃO FERNANDO

A Mais bela voz

A Mais Bela Voz foi um concurso musical que revelou talentos da comunidade, com jurados ligados à cultura local. Integrava a Festa de Nossa Senhora do Patrocínio e ocorreu entre os anos 1980 e 2019.



criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

A Mais bela voz

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

A FESTA DE N. SRA. DO PATROCÍNIO I SÃO FERNANDO

A Festa de N. Sra. do Patrocínio

A Festa de Nossa Senhora do Patrocínio é a principal celebração religiosa de São Fernando, realizada anualmente no mês de Novembro em homenagem à padroeira. Durante dez dias, a comunidade participa de novenas, missas e procissões, incluindo uma peregrinação de 18 km entre Caicó e São Fernando.

A FESTA DE N. SRA. DO PATROCÍNIO I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

A Festa de N. Sra. do Patrocínio

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

O QUEIJO DE MANTEIGA I SÃO FERNANDO

O Queijo de manteiga

No Seridó, o queijo de manteiga é parte do cotidiano e da memória afetiva do sertanejo. Produzido de forma artesanal, com leite e cuidado, tem textura macia e gosto marcante. Muito além da mesa, ele expressa cultura, tradição e o saber passado de geração em geração.

O QUEIJO DE MANTEIGA I SÃO FERNANDO

criada digitalmente com o apoio da inteligência artifical

O Queijo de manteiga

Imagem inspirada na técnica tradicional da xilogravura.

APÊNDICE G: CARTILHA EDUCATIVA

Cartilha educativa

Preparar e Tecer

Todas as ilustrações em desenho incluindo o personagem Nico foram geradas com o auxílio da inteligência artificial;

AUTOR

Oi! Meu nome é Douglas Lins de Medeiros Santos, tenho 24 anos e estou finalizando o curso de Arquitetura e Urbanismo na UFERSA – Pau dos Ferros.

Essa cartilha faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ela nasceu com a vontade de valorizar a cultura imaterial de São Fernando e de compartilhar esse conhecimento com você, de um jeitinho leve e divertido!

Olá, me chamo NICO!

E hoje quero te levar para um passeio superdivertido pelas histórias, saberes e tradições que fazem parte da nossa cidade:

São Fernando

O que vamos fazer?

Quero te contar umas coisas bem legais sobre a cultura imaterial de São Fernando — pode ser que seus pais já conheçam, mas agora é a sua vez de descobrir!

E sabe o melhor? No final, você vai entender por que é tão importante cuidar e preservar tudo isso com muito carinho!

Você sabe o que é patrimônio imaterial?

Sabe aquelas coisas que fazem parte da vida das pessoas e vão passando de geração em geração, como se fossem uma herança viva?

Isso é o patrimônio imaterial!

Ele não é um prédio, uma estátua ou uma pintura, como o patrimônio material.

O patrimônio imaterial está nas festas populares, nas receitas tradicionais, nos saberes antigos, nas danças, músicas, histórias, crenças e modos de fazer que fazem parte da identidade de um povo.

São Fernando

São Fernando é um lugar mágico, cheio de histórias, festas e tradições que vivem no coração das pessoas! Tudo isso faz parte do que chamamos de cultura imaterial — coisas que não dá pra pegar com as mãos, mas que moram na memória e no sentimento da nossa gente.

Olha só quanta coisa incrível existe por aqui:

Suarê; Show Cultural; Rosa de Maio; Arraiá da Serra; Festa de Nossa Senhora das Dores; Festa das Debutantes; A mais bela voz; Festa de Nossa Senhora do Patrocínio; Bordado artesanais; Queijo de manteiga e Manteiga da terra.

Suarê

Antigamente, todo domingo à noite tinha uma festa bem animada no “Clube”! Era o famoso Suarê, um bailinho que reunia gente de todas as idades pra dançar, cantar e se divertir muito! No começo, a música vinha das radiolas e toca-fitas, mas depois chegaram bandas locais. Era tanta alegria que até gente de outras cidades vinha de ônibus só pra participar da festa!

O Suarê começou lá pelos anos 1970 e seguiu por muitos anos. Mesmo não acontecendo mais hoje, ele ficou na memória de quem viveu essa época mágica!

Show Cultural

O Show Cultural era um evento superdivertido feito pelos jovens de São Fernando! Ele servia pra arrecadar dinheiro e ajudar a quadrilha junina Arraiá da Serra a se preparar pro São João! Antes, ele se chamava Gincana Cultural, mas a ideia sempre foi a mesma: fazer apresentações de dança, teatro e muita, muuuita comédia!

Acontecia no Clube e era famoso por fazer todo mundo dar boas risadas! Um verdadeiro espetáculo feito com carinho pela própria turma da cidade!

Rosa de Maio

A Rosa de Maio era um concurso realizado em maio, onde meninas de 13 a 16 anos desfilavam para mostrar simpatia, elegância e alegria!

Começou em 1974 e, por muitos anos, foi uma das festas mais esperadas da cidade! Depois do desfile, sempre tinha uma grande festa com música e dança.

Mais que um concurso, era um momento especial na vida das meninas e de toda a comunidade. A última edição aconteceu em 2022, mas a lembrança continua viva no coração das pessoas.

Arraiá da Serra

O Arraiá da Serra era uma quadrilha junina criada em 2001. O nome é uma homenagem à “Serra”, um monte da cidade.

No começo, o grupo era bem matuto, com apresentações só na cidade. Mas depois, ganhou o mundo! As apresentações começavam em junho, mas os ensaios já rolavam bem antes. Jovens e adultos participavam juntos, cada um com seu talento e vontade de fazer bonito! A última dança do Arraiá da Serra aconteceu em 2017, mas ele continua no coração de quem viveu essa festa!

aponte a câmera pro QR Code e descubra um montão de informações legais.

Festa N. Sra. das Dores

Todo mês de agosto, a cidade se enche de fé e alegria para celebrar a Festa de Nossa Senhora das Dores. Durante dez dias, acontecem novenas, missas e procissões.

Mas a festa também tem muita animação! Na praça principal, acontecem shows, apresentações culturais e momentos de encontro entre amigos e famílias.

Organizada pela igreja e voluntários, a festa une a comunidade em oração, música e tradição. É um tempo especial que mistura fé, cultura e muita alegria!

Festa das Debutantes

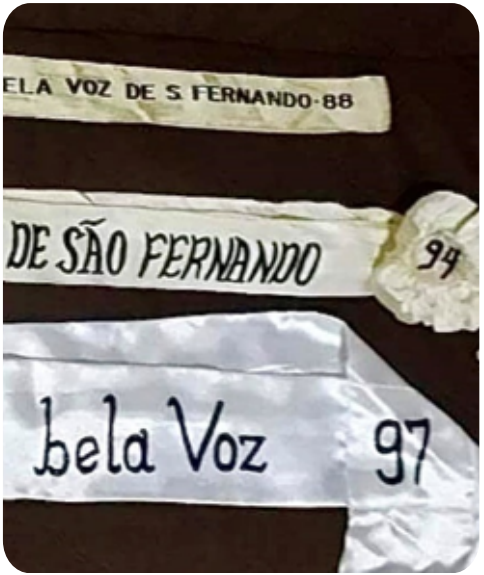
A Festa das Debutantes era uma noite mágica para as meninas que completavam 15 anos! Criada em 2001, ela celebrava um momento especial. A festa era feita pela prefeitura e acontecia no clube da cidade.

Cada menina era recebida como uma princesa e dançava a valsa com seu príncipe, rodeada por família e amigos.

A última edição aconteceu em 2019, mas a lembrança continua viva no coração de quem dançou, sorriu e viveu esse sonho.

A mais bela voz

A Mais Bela Voz foi um tradicional concurso musical que reunia talentos locais, com o objetivo de descobrir pessoas da comunidade que possuíam habilidades no canto. Os participantes eram avaliados por uma banca de jurados. O evento costumava acontecer no mês de novembro, como parte da programação da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio, uma das celebrações mais importantes da região. Há registro que indicam a existência do concurso desde a década de 1988. A última edição ocorreu em 2019.



Festa de N. Sra. do Patrocínio

A Festa de Nossa Senhora do Patrocínio é uma das mais importantes da cidade! Durante dez dias, a comunidade se reúne para rezar, celebrar e se encontrar com amigos. Tudo começa com uma caminhada de 18 km, saindo de Caicó até São Fernando, bem cedinho, ainda de madrugada!

Além da parte religiosa, tem música, comida e alegria na praça principal e, às vezes, no clube da cidade. Todos ajudam: a igreja, a prefeitura, voluntários e a própria comunidade. Juntos, mantêm viva essa linda tradição!

aponte a câmera pro QR Code e descubra um montão de informações legais.

Ei, espera aí! Agora é hora de um segredo...

Você sabia que o queijo de manteiga, a manteiga da terra e os bordados artesanais também fazem parte da cultura imaterial de São Fernando?

Pois é! Incrível, né?

Vem comigo que eu vou te contar tudinho!

Bordados Artesanais

Tudo começou há muuuito tempo, quando famílias portuguesas trouxeram essa arte para o nosso sertão. Com o tempo, ela foi passando de geração em geração — e as mulheres da região começaram a bordar em casa, criando desenhos inspirados nos bichinhos e nas plantinhas da Caatinga!

Em cidades como Caicó, Timbaúba dos Batistas e São Fernando, o bordado virou parte da identidade das pessoas. Hoje, ele não é só bonito: também ajuda muitas famílias a ganharem dinheiro e a manter viva uma tradição!

Ficou curioso para saber como é feito?

Se você apontar a câmera pro QR Code, vai abrir um documento mágico que mostra todos os passos e os materiais necessários pra fazer tudinho do jeitinho certo!

Manteiga da Terra

Lá no Sertão do Seridó, tudo começou com os povos indígenas e, depois, com a chegada das fazendas de gado. Foi assim que o lugar começou a ganhar vida, com a mistura de culturas de indígenas, africanos e europeus!

Com o tempo, o povo aprendeu a fazer queijo de coalho e a famosa manteiga da terra, tudo com muito carinho, do jeitinho que passava de pais pra filhos!

Até hoje, essa tradição continua viva nas mãos de muitas famílias que vivem no campo. E olha só: além de ser uma delícia, esses produtos fazem parte da história e da identidade do nosso Sertão!

Ficou curioso para saber como é feito?

Então pega essa dica mágica: é só apontar a câmera pro QR Code. Vai aparecer um documento especial, cheio de segredos, mostrando passo a passo e os materiais que você precisa pra entrar nesse mundo encantado da tradição!

Queijo de Manteiga

No Seridó, tudo começou com os povos indígenas e, depois, com a chegada das fazendas de gado. Foi aí que nasceu um costume delicioso: o queijo de manteiga!

Esses produtos são feitos pelas famílias com muito cuidado, do jeitinho que aprenderam com os mais velhos. Além de gostosos, eles ajudam muitas pessoas a viver e a manter viva a história do nosso povo!

E sabe o que mais? O leite é super importante por aqui! Ele está em várias receitas que fazem parte da cultura do Sertão!

Tradição, sabor e carinho que passam de geração em geração!

Ficou curioso para saber como é feito?

Então pega essa dica mágica: é só apontar a câmera pro QR Code. Vai aparecer um documento especial, cheio de segredos, mostrando passo a passo e os materiais que você precisa pra entrar nesse mundo encantado da tradição!

Você acredita que eu desenvolvi um jogo sobre tudo isso?

Sim! Eu inventei um jogo da memória virtual com cartinhas que lembram tudo o que a gente aprendeu até agora!

Quer jogar? É só apontar a câmera pro QR Code e se divertir!

Vamos ver se você lembra tudinho!

Além do jogo da memória, eu também criei um caça-palavras super divertido!

Você pode brincar de forma virtual ou ir pra próxima página e se aventurar por lá!

Vamos ver se você encontra todas as palavrinhas escondidas?

H	A	D	B	C	D	R	U	M	S	E	K
A	C	C	O	C	U	L	T	U	R	A	M
R	N	T	R	L	K	J	I	H	X	G	A
M	A	R	D	C	F	E	S	T	A	C	N
O	P	U	A	Q	S	T	U	Y	P	E	T
N	Z	M	D	U	I	T	A	R	H	L	E
I	A	P	O	A	N	O	B	C	O	L	I
C	D	E	S	V	I	O	L	I	N	O	G
A	Q	U	E	I	J	O	U	T	E	J	A

Encontre as palavras:

Queijo
Manteiga
Bordados
Festa
Cultura

CAÇA PALAVRAS

Você gosta de pintar? criei um Bobbie Goods sobre o assunto.

É só apontar a câmera pro QR Code pra imprimir o seu ou ir pra próxima página e colorir tudinho do seu jeitinho!

Vamos deixar essa história bem colorida juntos?

AHHH, tem mais uma coisa!

Pra fechar, não esquece de ouvir a playlist especial que eu preparei!

Ela tem músicas que combinam com a cultura brasileira.

É só apontar a câmera pro QR Code e curtir as canções que contam um pouquinho da nossa cultura!

O que aprendemos nessa aventura?

Ufa! Quanta coisa legal a gente descobriu juntos!

Nessa jornada, conhecemos o patrimônio imaterial de São Fernando, que é tudo aquilo que não dá pra guardar em uma caixa, mas vive na memória, nos costumes, nas festas, nas comidas e no jeito do povo ser!

Aprendemos sobre festas animadas como o Suarê, o Show Cultural, o Arraiá da Serra e tantas outras!

Descobrimos que o queijo de manteiga e a manteiga da terra são muito mais do que delícias — são parte da nossa história!

E vimos que os bordados artesanais contam histórias com linhas e cores, feitos com carinho pelas mãos das mulheres da nossa terra!

Foi um prazer estar com vocês. Até a próxima aventura.

por **douglas lins**

APÊNDICE H: FORMULÁRIO POPULAÇÃO

1.Qual a sua idade?
( ) – 15 anos
( ) 15 a 20 anos
( ) 21 a 30 anos
( ) 31 a 40 anos;
( ) 41 a 50 anos
( ) + 50 anos

1. Sobre Você
( ) Homem
( ) Mulher

1. Você conhece o termo "patrimônio cultural imaterial"?
( ) Sim
( ) Não
( ) Já ouvi falar, mas não sei exatamente o que é

2. Para você, o que significa "patrimônio cultural imaterial"?
(Resposta aberta)

3. Quais dessas expressões culturais você conhece ou já participou?
(Marque quantas quiser)
[ ] Show Cultural
[ ] Rosa de Maio
[ ] Suarê
[ ] Festa da Padroeira
[ ] A Mais Bela Voz
[ ] A Mais Bela Estudante
[ ] Arraiá da Serra
[ ] Outras: _____

4. Na sua opinião, essas expressões culturais ainda são valorizadas na cidade?
( ) Sim, com certeza
( ) Em parte
( ) Não
( ) Não sei

5. Você considera importante preservar as tradições culturais da cidade? Por quê?
(Resposta aberta)

6. Você conhece ou já teve contato com alguma dessas práticas tradicionais?
(Saber-fazer do queijo, manteiga da terra ou bordados artesanais)
( ) Sim
( ) Não
Se sim, qual/quais? _____

APÊNDICE H: FORMULÁRIO POPULAÇÃO

7. Na sua casa ou família, alguém ainda pratica alguma dessas tradições?
(Resposta aberta)
8. Você acredita que os jovens da cidade têm interesse em aprender sobre essas tradições?
( ) Sim
( ) Não
( ) Alguns sim, outros não
( ) Não sei
9. Como você acha que a cultura imaterial de São Fernando poderia ser mais valorizada e preservada?
(Resposta aberta)
10. Você acha que um Material Educativo (com atividades, histórias e registros culturais) pode ajudar a transmitir essas tradições para as novas gerações?
( ) Sim
( ) Não
( ) Talvez
Se quiser, explique sua resposta: _____

APÊNDICE I: FORMULÁRIO MANTEGUEIROS E QUEIJEIROS

1.Qual a sua idade?
( ) – 15 anos
( ) 15 a 20 anos
( ) 21 a 30 anos
( ) 31 a 40 anos;
( ) 41 a 50 anos
( ) + 50 anos

2. Sobre Você
( ) Homem
( ) Mulher

3. Há quanto tempo você trabalha com a produção?
( ) Menos de 1 ano
( ) 1 a 5 anos
( ) 6 a 10 anos
( ) Mais de 10 anos

4. Como você aprendeu a fazer?
(Resposta aberta)

5. Você considera o modo de fazer uma tradição local?
( ) Sim
( ) Não
( ) Nunca pensei sobre isso

6. Quais etapas do processo de produção você considera mais importantes ou mais difíceis?
(Resposta aberta)

7. O modo de fazer mudou ao longo dos anos? Se sim, o que mudou?
(Resposta aberta)

8. Você sabia ou já ouviu falar que o saber-fazer do queijo de manteiga e manteiga da terra pode ser valorizado?
( ) Sim
( ) Não
( ) Já ouvi falar, mas não sei exatamente o que significa

9. Você gostaria que o seu trabalho fosse mais valorizado como parte da cultura local?
( ) Sim
( ) Não
( ) Não sei

10. Há alguém mais jovem na sua família ou comunidade aprendendo ou ajudando na produção?
( ) Sim
( ) Não
Se sim, quem? _____

APÊNDICE I: FORMULÁRIO MANTEGUEIROS E QUEIJEIROS

11. O que você acha que poderia ser feito para que as próximas gerações se interessassem na forma de se fazer?
(Resposta aberta)
12. Nos últimos anos, houve mudanças nas exigências de fiscalização ou nas normas sanitárias para quem produz?
( ) Sim
( ) Não
( ) Não sei
Se sim, quais mudanças você percebeu? _____
13. Você acredita que o Queijo de Manteiga e a Manteiga da Terra de São Fernando é diferente da de outras regiões?
( ) Sim
( ) Não
Se sim, qual? _____
14. Essas exigências dificultaram ou facilitaram sua produção?
( ) Dificultaram muito
( ) Dificultaram um pouco
( ) Não mudaram nada
( ) Ajudaram na organização
Explique, se quiser: _____
15. Você acredita que um Material Educativo com informações sobre o queijo de manteiga, vídeos, fotos e atividades educativas ajudaria a valorizar essa tradição na cidade?
( ) Sim
( ) Não
( ) Talvez
Se quiser, explique sua resposta: _____

APÊNDICE J: FORMULÁRIO BORDADEIRAS

1.Qual a sua idade?
( ) – 15 anos
( ) 15 a 20 anos
( ) 21 a 30 anos
( ) 31 a 40 anos;
( ) 41 a 50 anos
( ) + 50 anos

2. Sobre Você
( ) Homem
( ) Mulher

3. Há quanto tempo você trabalha com bordado?
( ) Menos de 1 ano
( ) 1 a 5 anos
( ) 6 a 10 anos
( ) Mais de 10 anos

3. Quem te ensinou a bordar?
( ) Mãe ou avó
( ) Outra pessoa da família
( ) Amigas ou vizinhas
( ) Aprendi sozinha
( ) Outro: _____

4. Você utiliza técnicas tradicionais de bordado? Se sim, quais?
(Resposta aberta)

5. Na sua opinião, o jeito de bordar hoje é diferente de antigamente? O que mudou?
(Resposta aberta)

6. Você ainda usa os mesmos materiais de antigamente ou eles também mudaram?
(Resposta aberta)

7. Você acredita que o bordado de São Fernando é diferente da de outras regiões?
( ) Sim
( ) Não
Se sim, qual? _____

8. Você já ensinou ou gostaria de ensinar alguém mais jovem a bordar?
( ) Já ensinei
( ) Gostaria de ensinar
( ) Não tenho interesse
( ) Ninguém demonstrou interesse

APÊNDICE J: FORMULÁRIO BORDADEIRAS

9. O que poderia ser feito para que o bordado tradicional seja mais valorizado na cidade? (Resposta aberta)

10. Você acredita que um Material Educativo com histórias, fotos, vídeos e atividades sobre o bordado pode ajudar a preservar essa tradição?

( ) Sim

( ) Não

( ) Talvez

Se quiser, explique sua resposta: _____